





Volume Quinto
(X1 m 11)

82228
BIOLOGICAL MUSEUM
C. M. B.

A ANDORINHA

: Observações

: Observações

1	A p 2 Notif] Comarc		
2	cias 28.2.76	1	
3	Coisas de L.V oz do		
4	e de Perto Minho	1	
5	Sig fen Lefeb.CV:8.1.77	2	
6	Hist CuLT Card Sar		
7	Minho 14.7.78	3	
8	Relig fen C S 1.9.78:3		
9	social		
10	B dE Ouro V M (Cartas)	5	Completa arret ante / Gel. 12/80
11	Mon de Ucha V M 18.11.78	5	rior
12	Coisas V M 9.2.80	6	Editorial - 11/12/78 - 12/12/78
13	Pun: de Not. J Barc		
14	9.10.80	7	v. 1.9-23-x-80
15	Cat.Da]]]]=====	8 e	
16	UCr ania	verso	
17	Se de Roma V M 7.2 81	9	
18	e Filip.		
19	Not Disp Barc 7.3.81	10	
20	Port.no Est. Bad 4.8.77	10	
21	LIT E LIT V M 20.6.81	11	
22	emPort.		
23	Vila Fria Vian 30.1.82	12	min-hung
24	Sociol daRelig V:Verd	12	y. 5.
25	19.7.81	12	
26	Can de Telev Barc.13,2.82.13		
27	Rel Cat Vian 15.1.82	15	5.14
28	Hist FUt C S.9.7.82	14	
29	Corcinha V Verd6.11.83	16	
30	+++Rel Cat		N o 17
31	Hom Can e V M .13.2.(16e	
32	verso		
33	Virag Russa N Fam1.5.87	17 e	
34	Verso		
35	Papa Port O ComPadre		
36	alent.1.5.82	19	
37	Mundo		
38	Cor,da penaV M 22.5:82	20	21
39	Nova Encic C S.11.6.82==21		Continua fls20:pena
40	An.Cie da Bblia		
41	V M .3.7.82	22	
42	" " " C S .17.9.82.23		
43	Energia CV.2.12.82	24	
44	a acabar		
45	Respeito. Barc 1.6.83	25	
46	mulher		
47	Dia M. Mis C S..21.10.83	26	
48	B Aux		
49	Coisas V M 21.1.84	27	
50	" "	28	
51	ALg Not		
52	Mundo Barc 4.2.84	29	

VOLUME 5 [[[[[[[[[[[

33	: Carta de Lisboa: O Barc	: 25.2.84	. fls 30: Obs.
34	B Aux: "	16.3.84	31 :
35	Resposta de <u>Gari</u> baldi C S	8.5.84	32 :
36	Port. Oceania. Pap CV	24.5.84	33 :
37	Idem		
38	Chorões C S	15.15.6.84	35
39	Coisas V M	21.7.84	36
40	D. Mund Mis V M	21.10.84	37
41	2 Vezes Pobres C S 26.	* 1:84	38
42	As Gentes da n J Barc	29.xi.84	39 e verso
43	2 nov Monog. C S	30.11.84	40
44	Coisas V M	1.12.84	41
45	Apelo. Hom e betras J Barc	12.12.84	42
46	Curiosid de g. tes N Fam	14.12.84	43
	long. continua 43,		
47	Coisas V M	6.12.86	44 - Isaura (v. 48)
48	ca. Apohonsa Natal J Barc	1.1.87	45 - Apmt.
	S. Isaura		
49	(Ciênc Filios: Vida Barc	6.2.88	47 e 46
	Antropol.		
50	Do S Facho Barc	1.11.86?	48 - Ing.
51	O que vai p. mundo J Barc	7.7.83	49
52	D. Mund Mis C s	28.10.83	50
53	Nov. usos . fala com C S	25.11.83	51
	mortos		
54	C. de Lisboa C S	27.1.84	52 - Salva
55	idem		53 Salv na fil Indiana
56	Nova Fát? V M 1	8.2.84	54
57	P. Caix viajte C S	8.6.84	55 Papua. coria.
58	p. além suvs. monogr. Guarita	27.10.84	56
59	A M vida d. i. dto C V	29: '': (\$	57/E VERSO
60	N. de J. C e outras C. Sar.	21.12.84	58 A. B. A. P. (ver
61	Coisas. Apel mudam V M	8.2.86	59
62	- Neo-marx e... C S	20.3.87	60
63	+ dado. hist Barc		
	Esmeriz ao Arcip. J Barc	10.3.88	61
64	Mon de Antas N F am	8.4.88	62 Escrito em
			4.10.82
65	Falar Barc r Lisboa V M	9.6.91	
66	Livro ab da Ucha (90)		63
	2 de gal 916 = 831 = Barc	25.6.94	64 e 65 e 66
67	Coisas Dispers. Bapt = D Rosa Coissas		Harvard - 67
	V M 25/7/81 ? 22/X/77 ?		
	for for Sebate		
	Fim :: NOV / 76		5. G.
A- 68	Santa .. A Cartilha: V M	24/4/76	Um Coburgues = 8.5.76 - 69
	B+ A Cart e f Alc (15/5/76) == P N ao V (29.5.76		
	C Um prett. vig (12/#//6 == Fim		

FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA

JUIZ DE DIREITO JUBILADO

ALTERO a nota infra:

Rua D. Carlos Mascarenhas, 70, 2.º-Esq. — 1070 LISBOA q. aconteça...leitor do
☎ 385 58 55 q. segue (mutatis mutandis)

A quem aconteça

vir a ser leitor dos artigos que
seguem: foram todos publicados no jornal barcelense A Voz do Minho; são de texto menos pesado que o da Monografia a Galegos. Reuni esses artigos porque a Monografia se esgotou. As pessoas de Galegos não puderam entender bem a Monografia (é uma sopa com muita "sustância" que poucos "stâmagos" suportaram), mas entenderam bem estes artigos. Exigem os artigos menos de mim do que a idealizada nova Monografia que me PROPUSERAM FIZESSE (a máquina, hoje, está a pregar-me partidas). Também os artigos saíram com gralhas, mas não é preciso que rectifique.

Aos curiosos direi que escrevi o seguinte:

C/ a S.ra D.ra Lança Cordeiro-1967 Ou
1966, 1 Colecção de Pontos de Exame-
A Minha Sexta Classe. Língua Pátria.
Uns 10 anos depois, um Guia do Sini-
nistrado do Trabalho.

A seguir, a Galegos, Sta Maria Barcelos,
que, de 160 fui apertando e ficou com
32 páginas apenas. Alguns artigos de Di-
reito, nem todos com Separatas. De 71 a
96 publiquei mais que mil artigos em
vários jornais de terras como estas:
Viana, Vilaverde, Braga, Barcelos, Sertã,
T. Vedras e uma ou outra mais, tudo em
menor escala e menos valia que os tra-
balhos do ex-condiscípulo e amigo,
Silva Araújo Mas também já o compen-
saram: tem seu nome gravado na Gr. En-
ciclop. Port. e Brasª. Parabéns.

Em 1967 foi um texto de suas 90
pgs que me atrevi a fazer circular pe
los então meus alunos, mais de 400. Matéria bem
difícil - A Religião e a Moral. O Autor teve
aplausos, mas de sacerdotes não se lembra
de os ter tido, sinal evidente de que lhos não
mereceram. Mesmo assim, ainda às vezes se
distrain a ler alguma daquelas 90 folhas que
já não saberia repetir.

Ultimamente começou a elaborar um Dicionário
de Galegos (de Coisas e pessoas de...);
e portanto autonomizou umas folhas pa-
ra Santo Amaro; e quanto aos Azevedos;
e meteu-se também nuns Estudos sobre o
Tombo de Galegos. E dos tais mil e tal
artigos fez estes ou aqueles recortes
que colou sobre folhas A4, e destas, cons-
truiu 12 volumes a 60 para 80 fls. cada
um. O trabalho que isso deu nem digo nem
o conto. Perguntam-me quando publico.
Mas não tenho intenção de publicar nem
sequer os Estudos acerca do Tombo. Falta um
Latim (Exerc. c/ Soluções), de 67.

Dedico este trabalho, assim: 1º a
Deus. Depois, a minha Mulher e aos
meus Filhos, a meus Pais, em Galegos
e ao sr. dr. Vale Lima, de A Voz do
Minho, em que, primeiro, saíram.

24.2.97.

e 20.3.97



UNIVERSIDADE DO MINHO
BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA

2.5

Exmo. Senhor
Dr. Francisco Alves de Almeida
Rua D. Carlos Mascarenhas, 70-2º E
1070 LISBOA

Sua referência

Sua Comunicação

Nossa referência

Data

BPB-117/96

Assunto

021642

30 OUT 1996

Em resposta à prezada carta de V. Exa., aqui recebida em 23 Out. 96, informo que é com todo o gosto que a Biblioteca Pública receberá a oferta da colecção de artigos publicados na imprensa local, bem como os Apontamentos da autoria de V. Exa.

Sendo esta a mais importante biblioteca do Norte do país (excluindo, naturalmente, o Porto) temos sempre o maior interesse em receber documentação sobre a região, nomeadamente quando se trata de colecções de artigos escritos em diversos jornais, por isso mesmo de difícil localização e compilação.

Relativamente à questão do tombo de Galegos, Sta. Maria, transmitti a informação à senhora directora do Arquivo Distrital de Braga.

Pedia a V. Exa. que, quando nos enviasse os livros referidos, os fizesse acompanhar de uma nota bio-bibliográfica, para uma completa identificação do doador desses documentos.

Renovando os meus agradecimentos pela iniciativa, aproveito para enviar os melhores cumprimentos.

Henrique Barreto Nunes
(Assessor de Biblioteca)

Artigos de jornal-vários jornais-publicados entre 1971 e 1996.

Descreve-se o conteúdo do volume V ou nº 5

Cada folha tem um número em q.o primeiro é 5 e significa em que volume está o art.ou foto dele;o 2º quer significar a folha desse volume que o suporta.Ex:5.12 ou 5.12 é:volume 5, folha 12.

Art-Título do art. nome do jornal -data em que -a folha-Notas
Nº abreviado que o publicou se publicou
Isto reporta-se ao Índice A dito no Rosto;o que agora se apresenta é o Índice B,ideográfico ou temático pois o A já está feito

VOLUME 5		--ÍNDICE TEMÁTICO	
A	B	C	
A Comarca(da Sertã) -5.1	Barcelos-cidade.Bodas de	Coisas de Longe	
Abílio Lopes Cardoso 5.1	Ouro-parte de artigo 5.4	e de perto,tít.	
A Corsinha de S.Frutuoso-5-15	Barc-Revista.5.6	excl.do Autor em	
Antas-Fam.Monog do prof.	Boa tranca nelas 5.6.a,	A Voz do Minho5.2	
Alm.Alves 5.62 (pub. cl.)	B-Cidade-5,7	Coisas Velhas5.6.a	
Dr. Costa e Sá - monog.	D	E	
a Cabeçudos) -----	Dona Ester,bíblica5.22	Estrangeiro-obras	
	" Rute , " " "	dos nossos lá5.10	
	Dia Mund.d.Missões5.26	Esmolas de S.Lou-	
	e 37,38;5.50	renço-Vila Chã	
F--Frei Alcindo,galos5.68	a 5.73	5.28	
F--Falar Barc.5.63	G	H	
Fenomeno Lefebvre 5.2	Gregos por cá 5.14	Hist.-monog de:	
" Social-a Religião5.2	Garibaldi respondeu 5.32	--Esmeriz;	
Filipinas5.9(Papa lá)	Guarita-jorn.de V, Cova	-Rio Covo 5.40	
Factos intern.da Rel Cat.	5.41 e 5.56	Homens de Letras	
5.15	Gente de Longe,s.costumes	(5.42).	
Filosofia,Vida 5.46/47	5.43		
Facho(Do Sopé do)5.48			
(Ângela)			
I	J	L	M
Indonésia-tem	Jornal de Cers.Ucha		Monog.da U cha5.5
7 Arcebispos,5,5		Listas de Irmãos	
+peso q.Portugal-Jornais-peq.den-	da Misericórdia		
5.19	cidade 5.27	(5.10)	
Ilhas Bismark 5.34	JAINISTAS DA	Lutero 5.11	Maria Stuart 5.11
Isaura de Galegos Índia em Port.			Manjua 5,23
5.44(ou de Oliveira?) 5.52			Mulher-respeito
<u>Ilat é chuva para os Pokot</u>	Livros paroq,	por ela 5.25	
5.47	5.65		
	Jugoslávia-appti-		
	cões?N.Credo5.54		
	Juiz de Direito,		
	mald.vida 5.57		
	Jesus(Soteriologia)		
	5.58		
		Mudam os apelidos	
		5.59	
		Marxismo 5.60(Se-	
		medo)	

N

Não Responderam(a carta do Autor,
em 97, sobre o debate c. Frei Alcindo
e não é bonito não se dar resposta,
acha o Autor-nota de Mar/97)

O

(Br. Pequeninhas da Barra-
(12))

P

Pró-Burguês 5.70
Paixão de Cristo
Padre Victor, ab da Lama
5.64

Q

Patriarca(de Lisboa:digo agora q toca-
va piano(4º de Teol)na meia hora ante-
rior à minha(eu quintanista)
Os novos conhecem os mais velhos e não
se dá o contrário

R

Róis de Desobriga-o
de Gal de 1916 (5.66),
Revista Ac.Cat, pouco
utilizada 5.64
Rodrigo(câm), o arc.
de 5.61
Rússia e Lituanos 5.49, 33
29, 17 e 5.8

Papuas, no fim do mundo-Papa lá 5.55

Semana Santa de Frei Alcindo 5.69

Sob sino-seus Estatutos de 1831
(é doc.to paroquial importante.
estão por estudar),

S. Romão: o mesmo q, Ucha 5.64

Spiritano rebelde. ovelha ranhosa,
cismático e hereje-era francês 5.2

Toto, Songo, Nôqui, em Angola:
nos caminhos do bispo de
Remelhe 5, 63

U

Ucha, ab. Hélio, tem o nome Vigário 5.73
dele fixado no que escreveu
da Ucha, um benemérito bar-
celense

V

X

Viajante (com o caixeiro-de Deus-Papa) 5.55
Vietname, quando livre 5.52

Z

Lx Mar/97



1986

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BARCELOS
CÓDIGO POSTAL 4750

Exmº Senhor
Dr. Francisco Alves de Almeida
Ilustre Juiz de Direito Jubilado
R. D. Carlos Mascarenhas, 70 - 2º Esqº
1070 Lisboa

Sua referência

Sua comunicação de

Nossa referência

DATA 9-07-86

Of.º N.º

Proc.º 3646

ASSUNTO:

Acusar a recepção e agradecimento

Tenho a honra de acusar a recepção dos livros :

- Galegos, Santa Maria, 1976; Guia do Sinistrado do Trabalho, 1976; Latim - Exercícios para o 6º Ano, 7º e Aptidão, 1967; Disciplina de Religião e Moral (Apontamentos para uso dos alunos), 1967; Subsídios para a História de Galegos, 2 cadernos com recortes dos artigos publicados no semanário "A Voz do Minho", 1971- 1974, que V. Excia teve a gentileza de oferecer a esta Biblioteca Municipal, o que muito agradeço.

Tais livros, dado que se trata de um autor natural de Barcelos, irão integrar e enriquecer o património bibliográfico da "Barceliana".

De momento não é possível fornecer-lhe a notação de tais obras, mas irão ser classificadas dentro das monografias, direito e religião cristã.

Felicitando V. Excia pela trabalho desenvolvido em prol de Barcelos e da freguesia de Galegos Santa Maria, subscrevo-me com elevada consideração e estima.

Com os melhores cumprimentos

O Bibliotecário Municipal

(Victor Manuel Martins Pinho da Silva, Dr.)





1986

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BARCELOS
CÓDIGO POSTAL 4750

Exmº Senhor
Dr. Francisco Alves de Almeida
Ilustre Juiz de Direito Jubilado
R. D. Carlos Mascarenhas, 70 - 2º Esqº
1070 Lisboa

Sua referência

Sua comunicação de

Nossa referência

DATA 9-07-96

Of.º N.º

Proc.º 3646

ASSUNTO:

Acusar a recepção e agradecimento

Tenho a honra de acusar a recepção dos livros :

- Galegos, Santa Maria, 1976; Guia do Sinistrado do Trabalho, 1976; Latim - Exercícios para o 6º Ano, 7º e Aptidão, 1967; Disciplina de Religião e Moral (Apontamentos para uso dos alunos), 1967; Subsídios para a História de Galegos, 2 cadernos com recortes dos artigos publicados no semanário "A Voz do Minho", 1971- 1974, que V. Excia teve a gentileza de oferecer a esta Biblioteca Municipal, o que muito agradeço.

Tais livros, dado que se trata de um autor natural de Barcelos, irão integrar e enriquecer o património bibliográfico da "Barceliana".

De momento não é possível fornecer-lhe a notação de tais obras, mas irão ser classificadas dentro das monografias, direito e religião cristã.

Felicitando V. Excia pela trabalho desenvolvido em prol de Barcelos e da freguesia de Galegos Santa Maria, subscrevo-me com elevada consideração e estima.

Com os melhores cumprimentos

O Bibliotecário Municipal

(Victor Manuel Martins Pinho da Silva, Dr.)

A propósito de duas notícias

~~Comarca~~
2189 em 28.2.76

Acabo de receber—e ler—«A Comarca» de 7-2-76: foi com natural curiosidade que vi a «epopeia» de Proença-a-Nova e que «foi extinta a... Misericórdia de Vila de Rei».

Recordo que, pelo menos 2 vezes, um Dr. de Proença veio falar do Colégio, mas a gente está habituada a tanta coisa que mais uma vez o M. F. A. lá, ou mais um comunicado da Diocese ou mais umas palavras do tal Dr. pouco adianta. Tanto mais que um capitão do M. F. A. escreveu longo e despu- dorado artigo em jornal de Beja (tinha de ser Beja!) a tratar o Bispo de Portalegre por tu—o que nem os Afonsos Costas fizeram.

Mais atento andou o Dr. Abílio L. Cardoso pelo que do artigo dele se vê. Assim, eu que sempre considerei o Dr. de Proença militante do P. C.—pelo menos—parece que me enganei: é católico!!! Agora já percebo: católico da garganta para cima. Daí para baixo é que ele não o é. Nem tudo o que se diz que é, é mesmo, não é Sr. Dr.?

Pois o Dr. de Proença tem de descalçar essa bota e eu prometo estar atento às cenas. Porque vai-lhe ser difícil convencer de que o dito pelo Dr. Abílio acerca da mente e actos e fins do Dr. de Proença não é a pura e ocultada verdade e que o que fez e disse o Dr. não é só máscara e engano do povo.

(Conclui na página 2)

A propósito de duas notícias

(Conclusão da 1.ª página)

Mas ouvi-lo emos

E da Misericórdia? Ai está outro «avanço». Os antigos de Vila de Rei fizeram-na, doaram-lhe bens para servirem ao povo. E vem o Governo e mata-a e chupa-lhe os bens. A ela e ao povo. Para bem do povo de Vila de Rei. Igual ao que se fez com o colégio de Proença, não?

De quem é a Misericórdia, dos irmãos (contribuintes) ou do Governo? Como pode—sem violação da Concordata com Estado estrangeiro, extinguir o Governo uma associação religiosa de beneficência? Já chegámos aí? Aonde nos levarão por este caminhar? Lá que o Governo assuma o encargo de servir o povo no que toca a hospitais e saúde, certo, que

e o dever dele e desobriga os erentes de encargos que até aqui tiveram—e aguentam há mais de 500 anos. Mas que extinga a associação, beneficiante por atengho a Deus pai de todos, e f que com os bens a que os mortos deram fim religioso, parece atentado injuste e nada inteligente contra a religiosidade dos povos de Vila de Rei. Ou não é?

E não me venham com De- orcos: qualquer que não res- pecte um conceito natural de justiça, que existe dentro de todo o homem—como disse o Dr. Abílio, que se mostrou um bom pensador dos fundamentos filosóficos da moral natural, pensador a cujos calcanhares não chagam os incógnitos pro- fessores actuais das nossas Fa- culdades—e mesmo o Dr. de Proença—qualquer Decreto, di- zia, valia lá tanto como a lei da grave e oulra. Porque as honras e as coisas valem mais que os comandos dos Decretos: Fazem-se e revegam-se no ba- bor das correntes ideológicas, como a prática ensina.

Mas se o atentado a que aludi não existe, que no lo di- gam, e porque, os associados da Velha Instituição e a Dice- se—que é quem sobre associa- ções religiosas tem alçada e não o Governo, por muito de- moerata que seja.

Ficamos, portanto, à espera dos devidos esclarecimentos—e que não sejam tentativa de terra nos olhos: nem todos nasceram ontem neste País.

Francisco de Almeida

COISAS DE PERTO E DE LONGE

Em 22/10/70 foi publicado o Decreto-Lei 491/70, sobre proble- mas agrícolas.

O que é lei vem precedido de enorme texto a explicar o que se passa na Agricultura: temos ce- reais muito caros (e que ficam demasiados caros ao lavrador), falta irrigar uns terrenos, planifi- car outros, arrancar floresta em bons solos e plantá-la em outros;

as culturas (sementes) não são as devidas, as agram não têm di- mensões capazes, não há braços e faltam máquinas e falta sobre- tudo gente capaz de modificar isso e meios para o fazer.

Informa o Governo (no Rela- tório) que em 1969 deu à Agri- cultura um subsídio total de 1 mi- lhão e 300 mil contos. É assom- broso!

Para se modificar isto oferece o Governo imensos benefícios à lavoura: sementes a crédito, Subsí- dio de 20% do custo das obras de defesa e conservação dos so- los, coloca à disposição dos agri- cultores máquinas (demonstra- ção), +financia, feitura de pasta-

gens, florestação, etc.
Entendo que os Grémios da Lavoura terão agora uma boa oportunidade para mostrar o que valem, em vez de se abespinha- rem quando lhes apontam defei- tos. Até porque, não respondendo a críticas, ou são dignos delas ou não têm vergonha nenhuma.

É bom afastar melindres e es- clarecer a lavoura. Mãos à obra, que a todos toca.

Francisco de Almeida

O significado do fenómeno Lefèbvre

8. I. 77

5.2

Já todos repararam que há jornais onde raro ou nunca se abordam factos ligados a problemas religiosos. A razão é que considerado o acto de acreditar em Deus um des-valor, não vale a pena perder tempo com ele. Com isso, de uma penada, se rejeita toda a Teologia dizendo que não é ciência, como se afastam os problemas filosóficos do Ser Supremo (Teodiceia) e de Moral ou Ética transcendente, da Sociologia dos Crentes e Cultos, da Psicologia religiosa, da filosofia do Direito e outras constelações de saberes fica-lhes tempo para se dedicarem apenas à Cibernética, à Análise Matemática, à Teoria do Conhecimento por reflexos (de Pavlov), à Bioquímica que faz homens cada vez mais lestos, mais cheios de força, mais resistentes às fadigas.

Surpreende que, dada essa posi-

ção a religiosa e às vezes anti-religiosa, seja exactamente nos países de Leste que mais a sério venham reestudando a lógica de Aristóteles. É mesmo incrível, sabendo-se que é essa, expurgada por Tomás de Aquino, a recomendada desde o papa Leão XIII.

Mas o fenómeno Lefèbvre existe e com alguma virulência e adherentes. Que significa aquilo? Para o bispo francês, Roma protestantizou-se, os bispos aderiram a Marx, os padres dão cabeçadas contra os Estados, enfim, indevidos progressismos, braço dado com as esquerdas, Lenine e Marx na cadeira de Pedro. Isto tudo, contradizendo-se já que quem não aceita o Vaticano II é ilógico ao aceitar o Vaticano I, o de Trento e todos os outros. Logo, Lefèbvre é hereje que não só cismático.

Por outro lado, quem folhear o livro que aí corre A Política no Confessionário, traduzido inegavelmente pelas Esquerdas, lê na página 329 em conclusão que A Igreja não se empenha em corresponder à necessidade do mundo moderno e não compreendeu os «sinais dos tempos».

Em que ficamos perante duas leituras tão divergentes? Afinal as esquerdas ainda não estão satisfeitas e Lefèbvre acusa-as de terem já abocanhado demais.

É um facto que o livro atrás citado pretende que a Santa Sé perca os poderes de governar os católicos como a acusa de ter dois milhões de empregados, de criar pobres ignorantes e fanáticos, de

se encostar aos poderosos, de arbitrariamente desfazer matrimónios apesar de pregar que são indissolúveis, de fechar os olhos às necessidades da pilula do aborto e dos divórcios.

Atacada por ter e não ter cão. «Tensão e Constestação na Igreja» de modo tal que a confrontação é ideológica e não só a nível político, mas até entre os mestres da Igreja: uns confessores — com que fraudes se captou o material do livro? — toleram a pilula, mas não acreditam que haja diabo; outros, ao contrário. Logo, Lefèbvre tem alguma razão: há padres a dizerem-se católicos que pelas falas se revelam protestantes, senão mais que isso.

Quanto aos crentes é bom de ver que os há de 10%, 20%, etc., e portanto descrentes em grandíssimas franjas de que Cristo ensinou.

Se Pedro autoriza um modo mais actual do perdão dos pecados, dirá um que não é o «tradicional» e logo não serve, mas o outro, que não basta porque deviam mas era acabar com isso já que quase ninguém se confessa.

No meio dessas doutrinas sente-se a desorientação de muitos, a má fé dos que querem mas é fazer a vontade deles e não a de Deus (logo menos puros que o maometano que se esforça por cumprir a vontade de Deus), o ar de triunfo dos que pensam a religião afastada de vez, o ódio com

(Continua na 5.ª pág.)

(Continuação da 1.ª pág.)

que se veste a capa de lobo a um defunto e santo patriarca de Lisboa, os esforços em favorecer quanto erradique o religioso do coração dos homens.

Seja tudo isto um mar ou uma pastagem ou um banquete de festa ou uma caminhada ou um combate, onde se situa o Cristo do nosso tempo? Porque é a Ele que todos dizem seguir. Que sinais há d'Ele?

Bem pode ser que o mal «Lefè-

bvre» cause o bem de travar uns cavalos selvagens que aí correm. escaqueire umas cabeças a arder em febre que aí vomitam enormidades: que seja a contra-onda que reduz o ímpeto da primeira espuma; que seja o diabo em luta com ele próprio sem o saber. E assim como na natureza há bichos a comer outros bichos, o fenómeno significa que afinal as coisas se vão equilibrar.

Ac. Torres

O significado do fenómeno Lefèbvre

Para a história cultural do Minho

(Conclusão da 1.ª página)

era de uma Confraria agostiniana — e não sei onde ela existisse. Pode ser que o doador fosse um religioso expulso de convento agostinho (chamados Regrantes) pelo mata-freitas de 1834, porquanto outra alteração cultural fez se tivesse asco aos monges que iniciaram, antes de Portugal existir, a civilização por esta Riba-Lima e Riba-Minha que o Conde d'Aurora tão bem descreve.

CS. III 14/9/78

Ainda num dia destes tive de ir ao cemitério de São João em Lisboa. Visto com olhos de ver, parecia-se de como derretiam ali tanto ouro em jazigos. Artísticos, aceito, mas para quê? As famílias degeneraram e os netos vão pôr o mausoléu dos avós a patacos. Mais: receio bem que os feitores de jazigos mais queiram honrar-se a si que venerar a memória dos seus. Nos países de Leste há jazigos? Reconheço que a nossa atitude cultural ante a morte deu volta de muitos graus. Notem: o homem é eterno, o jazigo é efêmero e a tumba leva-o.

IV

No século de 1700 só encontrei em Galegos 2 religiosas, mas filhas de gente rica (ver O Barcelense de 6/5/78). Ora actualmente tem galegos muitas religiosas. Que alteração mental foi dar tal resultado?

Religião como fenómeno social

por Francisco de Almeida

C. Soc. 1.9.78

HÁ uns 1700 anos verificaram os senadores romanos, os deputados daquele tempo, que a população abandonava a religião tradicional para aderir a uma nova, a de Cristo. Ora tal adesão a Cristo tornou-se facto social. Pensaram os senadores que era preciso fazer que tal fenómeno desaparecesse. Logo, morte aos inovadores cristãos. Pura perda porque pelo ano 300 já eles eram tantos que passaram a ser respeitados. E' da História.

Num país cujo governo proíba a acção religiosa em público, deixa a religião de ser fenómeno social? Vem isto a propósito da história do jornalismo português. Infelizmente não há para o distrito de Viana, e logo para P. de Lima, um trabalho como a Imprensa Bracarense. Convido os de Ponte a fazer a história documentada e crítica dos jornais que circularam no concelho.

Pois é. Folheando a dita Imprensa, fica-se abismado com a imensidade de jornais editados em Braga entre 1850 e 1900 que se diziam religiosos. A maior densidade esteve em Braga, a 2.ª em Guimarães e depois, Barcelos onde encontrei uma série de jornais religiosos. Ponte não será muito diferente.

Q. SA 7.9.78
A última moda nesse campo são os boletins paroquiais mas em Barcelos, com 89 freguesias, só achei 4 com boletim.

Um jornal religioso é um luxo. Digo porquê: se se trata de um santuário como Fátima, nacional, então admite-se. F. S. S. S. S. S.

Voltando atrás. Correm aí documentos a acusar o governo da URSS de ser pior que Estaline: de destruir em poucos anos milhares de igrejas. Alteram o rosto da paisagem soviética, abafam um fenómeno social, o culto público e ainda não conseguiram converter todos em descrentes. Se a luta for uma batalha, quem a vai ganhar, os ateus ou os crentes? Mas os ateus vão caindo como o loiro trigo das searas e os imperadores romanos perderam frente a Cristo.

De tudo se conclui que os go-

(Continua na 4.ª página)

Religião como

(Continuação)

1.9.78

vernos têm de cuidar do Social a saber: dos ajuntamentos nas fábricas, do gosto pela TV., rádio, livros e jornais, do nível dos preços frente aos salários senão é o que se viu na Polónia, das distrações para as massas e da vontade de viajar (turismo e estradas, transportes e alojamentos). E porquanto muitos têm por bússola da vida não o lucro nem o poder nem as honrarias mas viver honestamente cá e obter de Deus prémio no além, das duas uma: ou o governo ateu prova que não é assim e a tal esperança em Deus ir-se-á/ou o governo não prova e surge o fenómeno social de ter de combater os que esperam em Deus que não nos governantes. Deste modo tem de dar-se o fenómeno social da perseguição religiosa e não deixa nunca a religião por fã ou por nefas de ter fenómeno que interessasse aos governos conhecer.

Ora a perseguição é estúpida e anti-económica. O 1.º porque atacam quem é tão bom patriota e cidadão como o agente que executa ou o chefe que dá as ordens. Se o homem crente é bom, porquê persegui-lo? O 2.º porque

fenómeno social.

de 1.ª página

CS. 14/9/78

A sociologia estuda e sustenta que a religião unifica e torna coesa a nação — é a função de ser cimento social em vez das lutas de classes, de idades, de profissões, de sexos, etc. E' por isso que o falecido Marx, um sociólogo, se convenceu de que a sua teoria social — o marxismo — não pagava onde os homens fossem crentes.

Retornando aos jornais. Não se admitiria hoje um jornal só religioso como os antigos: O social é vasto e nele, o religioso é apenas um sector ou parte da vida. Mas há também jornais onde nunca aparece uma notícia religiosa. Para estes a religião ou não é fenómeno social ou se ainda o é, esperam que dentro de anos o não seja. Puro disparate.

Os 1928 publicaram o Jornal A CIDADE e os de 29 o BARCELOS-CIDADE. Acabou o regabofe que foram os jornais anteriores (Cronologia dos Jornais de Barcelos na revista Presença e Diálogo, 1977), já que Barcelos criou em 1885 3 novos jornais, 7 em 88, 6 em 1910, 5 em 911 e ainda 3 em 26. Depois de ser cidade, só o jornal de Barcelos em 52, este em 66 e o Barcelos Popular (vê-se logo) após a Revolução de Abril. Em contrapartida, surgem folhas nas aldeias como a Guarita na Vila Cova de 78 além do que já tinha. A colaboração tem sido pouco exigente, insuficiente o que informam e a circulação menor que o normal (menos que 5% dos habitantes). Torres Vedras tinha 2 jornais, Badaladas e Oeste Democrático, este surgido com o 25 de Abril e já desaparecido. Só com um jornal, escrevem nele homens de todas as cores. Estamos entendidos.

V. Gomes da Silva - C. L. F.

Que de alterações, por exemplo no vestuário, não foram induzidas nas aldeias pela TV, as excursões, etc.! Adeus chinelinhas de verniz, faixas, aventais, lenços na cabeça, argolas e cordões. É o pronto a vestir quem domina. As elites dispersam-se agora também pelas aldeias havendo até quem nelas trabalhe e tenha casa (vá dormir) em Barcelos. A tendência é para arrasar o fosso que havia entre os engomados citadinos e os enxovalhados e desconfiados, porque enganadas, gentes do campo. De colégios, temos liceu e ciclo e a universidade do Porto não fica longe. Mas não estamos a aproveitar as Faculdades que há em Braga: também porque o mito de «estudar» vai desaparecendo varrido pelo operário a ganhar mais que o professor e muito mais que o abade, este então com um mísero salário que lhe dá o povo, sovina no dizer de um padre licenciado dos nossos.

Não poucos curaram de obter licenciaturas civis e quando o povo ganhar será tarde.

Além da igualização, desejável, deu-se uma inversão nas posições económicas: há muitos novos ricos, os das indústrias, mesmo operários, tendo os detentores da terra (lavradores) passado à mó de baixo e por isso é vulgar que o pobre de há 20 anos ofereça 30 para a feitura de uma estrada quando o lavrador só a custo poderá avançar com 5. É ver quantos proprietários em Ponte de Lima estão a passar suas terras a patacos (quase como sucedeu por 1900). E de livros? Nossa gentes lêem pouco. De monografias só 2 se publicaram: A do Dr. Teotónio e a de Ernesto de Magalhães, ambas pouco conhecidas porque, não havendo aldeia de que não brotasse padre ou doutor desde 1928, nem eles conhecem a história das nossas gentes. Mas se muitas das nossas juntas nem sede têm...

DA SITUAÇÃO RELIGIOSA E MORAL

Viu-se acima a cidade votar quase 50% em partidos ateus e não significando isso serem tais votantes todos descrentes, significa todavia grave paganização. Para muitos os mandamentos da Igreja caducaram. Daí que tivesse sido lançado a um poço um rapaz a 8 dias de casar e há dias fosse morto à paulada (recta de Prado) um namorado que de motorizada regressava a casa por um rival, que um já entradote abandonasse a mulher a quem depenou de bens, o que fez que ela arranjasse outro, o qual exige agora 600 contos para lhe largar da mão ou que comprando certo tutor um prédio com dinheiro de seus tutelados, o fosse depois vender a um só deles.

Não tarda que Barcelos careça de 3 Tribunais, além do de Trabalho, para reprimir tanta imoralidade. Não é caso para se perguntar como num livro à venda em Braga, traduzido de Francês, se o Cristianismo vai acabar: a devoção à Santa Sé até aumentou como o demonstram as atitudes ante a morte do Papa Paulo e a eleição de sua Santidade João Paulo. A catequese tem de ser outra em que os filmes e diapositivos tenham maior quinhão. Dizia-me uma recém-casada da nossa Terra: — quero viver, o que pôde ser um grito de justiça, mas cheira a grito de materialismo.

CONCLUSÕES

Não tiro. O que devemos é dos factos ocorridos nestes 50 anos arrancar previsões de modo a planear com segurança para os 50 anos a seguir. No Centenário devemos poder legar aos nossos filhos quanto de bom a nós deixaram os de 1928. Sem perda de «mingalha» sequer.

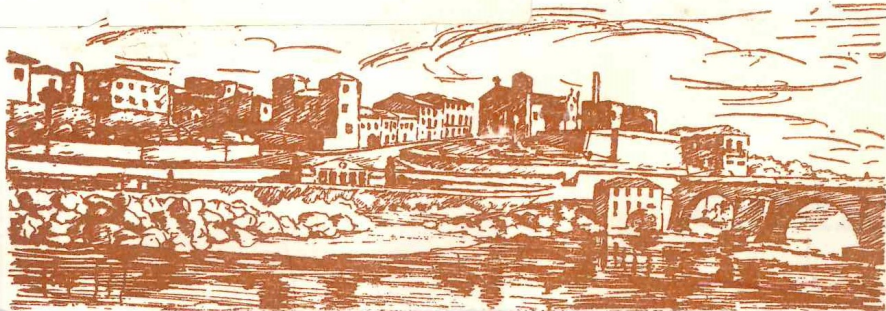
Francisco de Almeida

com que os de 1928 nem sonhavam e no dizer de meu Pai, faria nossos avós morrer de pismo se cá voltassem (mas ninguém volta salvo em Fortes. Mortas as azenhas do Cávado, morreu o perigo que relatava um Rodrigo, de Galgos, de, sem aviso — caso já referido na Vida de S. Geraldo pelo ano 1000 — as águas do rio lhe invadiram o moinho em Manhente sem lhe dar tempo de salvar quer as farinhas quer as moendas.

Outro rei é o petróleo (que vai acabar daqui a 20 anos, dizem). Sem ele não poderia Galesgos ter quase 1 automóvel por família (e eles induzem estradas de asfalto menos em Barcelos que prefere o trepidante «paralelo»). Ele se desloca aos campos e leiras onde obriga a ceifeira a colher centeios e cevadas (muito preciosos no anunciado pão de partido único), ele se aplica em tesouras de segar pastos, quais máquinas de barbeiro como no Seminário de Silva, ele põe no talho os bois de afamados chifres e em descanso as vacas do leite, ordenhadas em 8 ou 9 salas cômico em Vila Cova, torna as sulfatagens 100 vezes mais velozes. Mas também fez que, com tantos poços e tanques abertos, morressem as 5 fontes que

havia na minha terra. Se o petróleo acabasse, acabava muito da assombrosa mecanização agrícola que já temos e morria no ovo a que ainda nos falta, a saber: a adegas comunitária de cada aldeia (e já tarda), as fábricas de conservação (celeiros) e de transformar frutas, voltáramos a precisar de 100 vezes mais braços no campo que agora e ficavam por arrotear muitas terras que o podem ser e apesar de a natalidade tender para metade da actual mesmo na aldeia.

Louvares merecem os que se atrevem a adquirir as máquinas sem acarinharmento dos Governos nem dos Bancos nem Câmara, do que os povos se vingam não lhes ligando «patavina». E a coisa anda porque a nossa gente mantém o bom senso, cuida do seu, não faz estúpidas greves e recusa fazer-se pagar de trabalho que não prestou — atentado à dignidade de gente de uma só cara e da Nação.



DA MONOGRAFIA DA UCHA

V. N.º 18.XI.78

428

Lá em Galegos ninguém diz Ucha mas São Romão. Se diz, pronuncia Urcha, não Ucha. Por 1913 publicou-se, em Cervães um boletim paroquial, pioneiro para a época, que circulava nas vizinhas incluindo S. Romão (ver imprensa Bracarense, p. 226). Um belo trabalho esta monografia do Sr. Padre Hélio, da vizinha Pousa, que

PELO

Dr. Francisco de Almeida

bem conhece a Ucha não a servisse ele há 1/4 de século, ao contrário dos anteriores: 3 anos P. Pinheiro, 1 ano e 5 anos — P. Costa e P. Miranda.

E porquê tão precárias permanências? Nunca ao que escreveu o Autor, foi rica: em 1220 S. Romão só tinha 1 seara (senária, pág. 24). Menos que Tibães e Cervães, conventos, já que o 1.º tinha lá 6 casais e o 2.º 8. Compensava com casais fora, como Galegos os tinha? Se não e sendo então tão poucos os habitantes — ainda em 1978 são apenas uns 1.100 residentes (pág. 71) — de que vivia o pároco? Possivelmente tinha só capelão, algum filho da terra, herdado, que na Ucha vivesse: é o que se pode deduzir da pouca renda referida e do facto de a Inquirição de 1220 dizer que «dois clérigos têm quinhão nessa herdade e daí ficar o rei sem 2 partes de um cövado» e ainda de o pároco de 1546 ser um cónego de Braga (pág. 29) que não simples presbítero.

Infelizmente, os empraçadores dos bens das igrejas quase nunca eram da própria aldeia como se vê pela Cata-

rina Fernandes, sobrinha do referido cónego, e se pode ver pelos diversos empraçamentos havidos em Galegos: o Vilas Boas, de Barcelos, um Camelo, de Braga, um Anes, de Prado, etc. Porquê?

Anote-se que em 1546 o empraçamento da Catarina era regulado pelas Ordenações de D. Manuel (código civil da época — ver Prof. Dr. Almeida Costa, Enfiteuse) pelo que, apesar da intervenção de Roma, o Sr. Cónego só podia ser empraçado por 3 vidas — o que dava um máximo de 120 anos ou seja até 1666.

São 104 páginas com bibliografia:

A Ucha desde 1220 a 1978, igreja e capelas, associações, filhos ilustres, padroeiro da Palestina, talvez de raça judaica, com festa em 18 de Novembro e que o Flos Sanctorum dá a 18 de Dezembro (pág. 16, 25, 92 e 100).

Lamentável foi que se perdesse a Associação de S. Romão. Mais: que fosse tudo entregue em Barcelos (pág. 58). Onde pára o que Barcelos recebeu, exactamente 6 anos antes da República? Mais de estranhar ainda ante a área da confraria (pág. 58): Areias, Galegos, Manhente, Barcelos, Alvito, Oliveira, Lama e outras tantas para os lados de Braga, semelhantemente à área da das Almas e S. Pedro de Prado (ver L. Abreu — A Vila de Prado — 127). Como estoira em 1904 uma associação que ainda tem adeptos («Culto... cada vez mais vivo» (pág. 58) que nasceu muito antes de 1749 (pág. 57), numa terra onde os particulares levantam capelas (1794, Forte

(Continua na pág. 4)

Da Monografia da Ucha

Caro P. Inf. (Cont. da página 1)
V. N.º 18.XI.78
e Macedo, sogro e genro — pág. 44 e 45), onde nasceu um Tenente do Facho (66) e houve há 20 anos um particular (50) a doar seus bens à sua paróquia?

O pároco era então Coura da Costa? (35). Incrível: levantar uma igreja nova e deixar afundar a confraria do Padroeiro!

Muito nos vem ensinar — e questionar — o trabalho do Padre Hélio. Mas por hoje, ponto final.

F. Almeida

COISAS DE LONGE E DE PERTO

As matérias e o modo de ser da Revista do Minho

Vimos há dias em Jornal de Barcelos, o apontamento do Sr. Dr. Miranda de Andrade sobre jornais fabricados em Barcelos. Pena que se apoiasse apenas em A. Oliveira e na sua memória já que um dos temas da Revista do Minho (1909 a 1912 e não 1915 como saiu na minha Galegos, p. 27) foi exactamente sobre jornais barcelenses, sob o título Coisas Velhas, da autoria do abade Pais como há tempos um colaborador barcelense frisou. Talvez fosse útil editar em separado essas Coisas Velhas juntando-lhe o que em 1952 também sobre os nossos jornais, escreveu o Tenente Silva no Barcelense. Pais é portanto o 1.º historiador do jornalismo barcelense e raro será quem possua quer a Revista do Minho quer os escritos do Tenente Silva. São imprescindíveis.

Outro tema da Revista foi a História de Barcelos por Almeida Ferraz que se pode ligar à Senhora

do Terço, de Landolt e à História Militar de Barcelos nos anos de 1300, bem como ao estudo sobre a figura do conde D. João Afonso cujo testamento dá e o mostra tão reles em vida quanto o foram outros grandes do tempo da Rainha Santa Isabel. Histórico ainda é o livrinho sobre a Franqueira de cuja edição — que não vi e mereceria ser reeditado — o n.º 11 da Revista deu notícia sem esquecer as diversas Efemérides sobretudo aquela em que fala dos nossos Mártires do Japão e os diversos estudos e fotos sobre o Convento de Vilar (n.º 19, 21) e o do Banho (n.º 20).

Ali se estudou também o São Brás de Barcelinhos, a nossa Misericórdia, a figura do poeta de 1500, Gil Vicente.

Os mais temas que tratou interessam hoje menos: tais são algumas poesias (perfis masculinos por

(Continua na pág. 6)

COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Cont. da página 1)

encobertos, 2 Amigos), o apontamento de Segurier, os escritos do Dr. Veloso.

De notar que sofreu a fractura da Revolução de 1910 e passou por ela sem a mencionar, não sem a reflectir. E é assim que a 1.ª Consulta relata como um cliente refilou com o advogado: se agora não havia liberdade! Ora em 1909, dizia-se ela Apolítica. Afinal a política invadiu-a e matou-a no fim de 1911: Soucasaux pulou para o Brasil (pg. 104), estudou-se nela a Carreira de Tiro (p. 140), dizia-se às senhoras que agora já há divórcio (p. 192), só tiveram 2 linhas para relatar a afronta ao grande bispo Barroso (206) e surgiu o debate sobre os sexos: a Felisberta (ou Felisberto?) com as Opiniões Femininas (209) e as provocações de um de Niza à vizinha a que a menina e noiva Amável (ela ou ele?) deu suas bem arrazoadas respostas. Afinal o Sr. Dantas aconselhava ainda que para as manter fiéis ao marido se usasse boa trança.

Foi uma pena não terem os homens de 1911 conseguido manter a Revista, com os temas que o tempo

exigia, já se vê. Viríamos então o governador civil, Dr. Monteiro, a agir — e de Braga dizem agora que foi um republicano muito prudente e homem bom; veríamos o administrador a fazer arrolamentos dos bens das igrejas como consta que fez por um documento do Arquivo de Galegos; veríamos, sim senhor, a continuação do estudo de Tribunais para Crianças (pág. 170) e sobre Agricultura (pg. 204); continuar-se-iam estudos biológicos da nossa gente como o feito sobre Frei Francisco de Barcelinhos (n.º 10), e os da História do Povo (n.os 12 e 13) e ampliava-se a crítica a figuras da época como a de As Crianças e a Mentira.

Proclamou-se quinzenal mas só a princípio cumpriu. O n.º 16 saiu em 26/2/911, o 17 só em 30/3, o 20 em Junho, o 21 em Agosto, o 22 em Outubro e do 23 ao 24 (o último) o intervalo foi de 6 meses (16/6/912).

Mesmo assim quem possua o volume com todos esses números tem uma relíquia de valor que eu quisera obter.

Francisco de Almeida

BARCELOS

BODAS DE OURO DE CIDADE

Pelo Dr. Francisco de Almeida

Ao receber o convite que me dirigiu o ilustre director-adjunto de «A VOZ DO MINHO», Sr. Ribeiro Novo, para estar presente no número do Cinquentenário da cidade, fiquei-me a pensar que de útil poderia dizer aos leitores. Do crescimento em Barcelos desde 1928? Das contradições do processo para o Decreto que a fez cidade? Do que fora ou na Terra a ilustraram? São 5 décadas (28 a 37, 38 a 47, etc.) de esforços cuja sùmula nem caberia neste apontamento de circuns-tância. Assim, optei para dizer um pouco do muito que se passou em Barcelos desde 1928.

DA GEOGRAFIA HUMANA

Não foi na cidade que se deram as maiores alterações porquanto ela continua com aspecto antiquado, acanhada, mal dividida e mal aproveitada (é ver a Rua D. Diogo Pinheiro). Nas aldeias, sim, o progresso foi enorme: estradas, casas renovadas por fora e por dentro, outras que nem palácios, havendo freguesias onde começa a sentir-se necessidade de planejar melhor as construções, de cons-tituir por andares, para poupar terras de cultivo e reduzir os custos. Nas aldeias como na cidade começa a ser iníqua a falta de habitações para os novos casais, a qual é uma das razões de os casamentos terem baixado de 103.000 em 75 para 95.000 em 77, solteirice que vai traduzir-se em calamidades diversas. Mais lou-vável para os emigrantes seria que investissem em casas para arrendar em vez de casas sumptuárias que nem habitam por estarem fora: abaixo os disparatados luxos de casar fora e com 150 onvidados. Renovaram-se as aldeias até nas casas de culto, algumas novas como as de Arcozelo — uma jóia de arte — da Várzea e até do Facho. Falta o caminho para lá já aqui pedido há tempos por um Barce-lense. Tudo isto numa terra cuja cabeça, cidade, deu 328 votos ao Cunhal, 545 ao F. Amaral, 580 ao M. Soares e 643 ao Sá Carneiro, é muito. Mas os produtivos não são os da cidade e antes os das restantes 88 freguesias onde o voto foi diferente.

DA MAQUINARIA

A 4 forças se deve o progresso do concelho: electricidade, petróleo, máquinas e suor das gentes. E só temos aquela barragem da Penide que a imprevidência dos homens não soube aproveitar para estrada Barcelos — Braga nem fazer dali nas-cer canal de irrigação nem sequer fazer dela estância de Turismo. Resultado: poucos a conhecem e Barcelos não tem tantos monumentos como isso. Foi preciso haver um Paiva, de fora, a plantar transformadores em diversas fregue-

(Continúa na pág. 6)

Bodas de Ouro da Cidade

sias, mas com isso surgiram os motores eléctricos a arrancar água de fundos poços apenas carregando num boião (um luxo), as televisões, os frigoríficos, rádios, gravadores, relógios nas torres das igrejas e as numerosas cruzes verdes que de noite são outros tantos faróis nos vales do Cávado e Tâmega. Ruitam, é certo, as azenhas do Cávado e afluentes, o que fará ruir também seus numerosos açudes. Como desapareceram as moagens de linho em Vilar e as fábricas de serralção como a do Senra em Lillo, tudo para dar lugar a outras mais modernas como a do Anela na estrada de Prado. A electricidade, mais limpa que o petróleo, até louva a Deus em altifalantes e luzes dos altares, uma revolução

(Cont. da página 1)

Um punhado de notícias

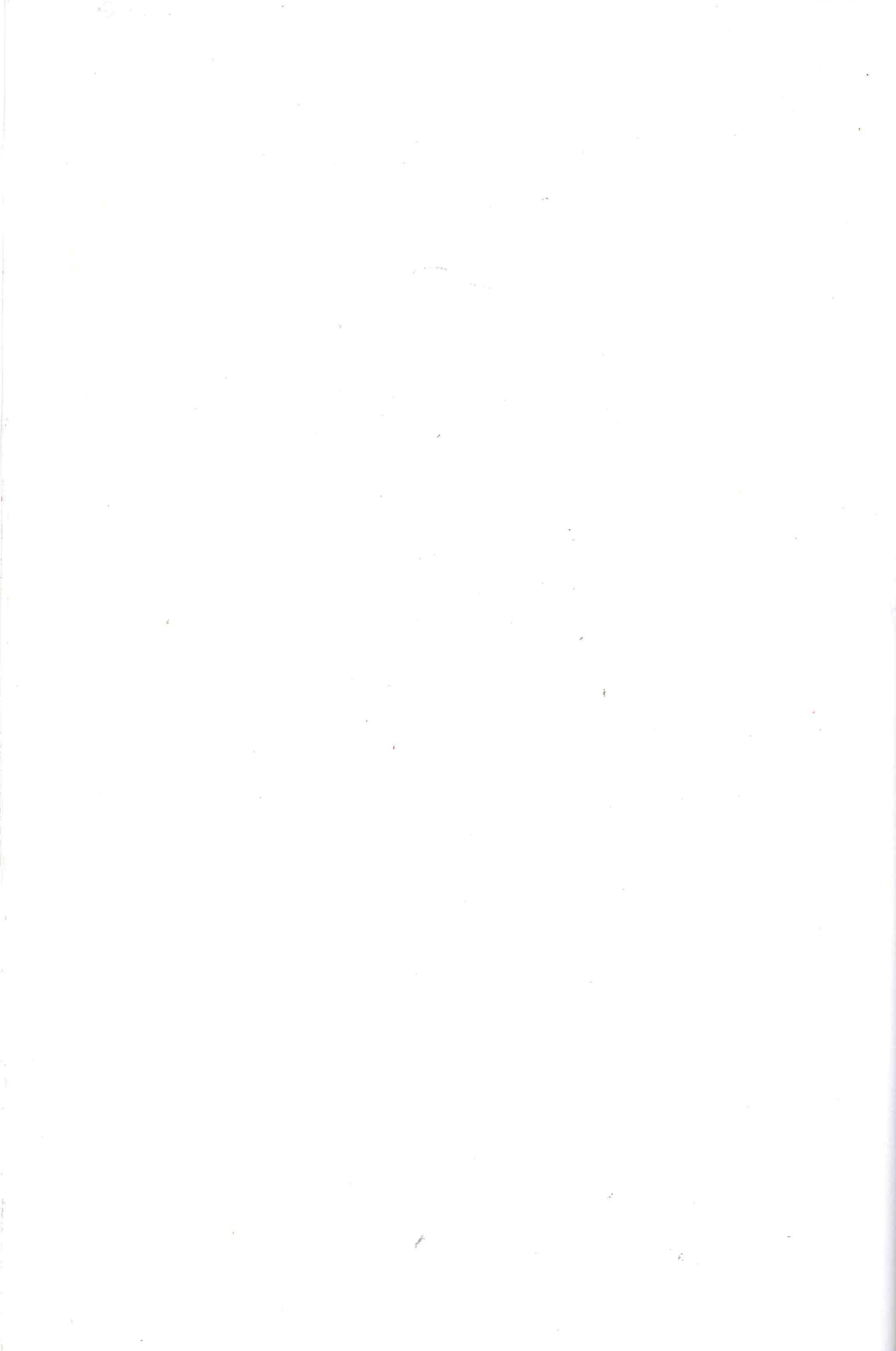
Ucha — Sucedeu o incrível: a briosa paróquia da Ucha decidiu fazer festa ao seu pároco, Sr. Padre Hélio, comemorando os 25 anos que o tem como pároco. É um acto de gratidão que muito honra os da Ucha. Mas a notícia não veio nos jornais de Barcelos, trá-la um de Braga. Apetece gritar: abaixo os jornais de Barcelos

que nem falam do que Barcelos faz. Por outro lado, a notícia da festa foi grande. E ninguém se lembrou de agradecer ao Padre Hélio ter ele escrito a 1.ª História da Ucha? Daqui, e com a maior estima, os meus parabéns: aos da Ucha, pela ideia que tiveram; ao Pe. Hélio, pelas Bodas de Prata (e pelo que tem escrito — Ucha e Pou-sa).

Cunhal e Afonso Costa — Um fervoroso colaborador de A Voz do Minho lembrou-se de vir elogiar Afonso Costa. Já lhe responderam, mas não chega. Porque Afonso Costa, foi para Portugal uma lãstima de governante. No tempo de-le fez pior a este Portugal do que fará Cunhal se chegar ao poder. Costa vendeu-se e obedeceu à Inter-nacional Maçonica como Cunhal obedece à soviética. É preciso mais para manter bem sepultado o Afonso Costa? Porque é que rara cida-de ou vila lhe ergueu estátua ou deu o nome a uma rua? A popula-ção rejeita Afonso Costa.

Rotary Club de Barcelos — Vejo a cada passo notícias do que este club faz. Ora não vejo razão para-tão falado, tanto mais que os lei-tores haviam de preferir nos des-sem o resumo das discussões e palestras que lá se fazem. Porque acredito que sejam de vanguarda.

Francisco de Almeida



Os católicos da Ucrânia Soviética (unidos)

8
8, 1, 1, 2
8
5, 8
1, 2, 4

5/18/80

82

1978 80
e data? (Ano 1978)
na 1978

Fiel à minha ideia de que os cristãos de Portugal carecem de olhar menos para as questões domésticas a fim de terem tempo para olhar mais vezes para a vida que levam seus irmãos por esse Mundo além, resolvi escrever algumas notas sobre a Ucrânia. Isto sugere-me a notícia de que João Paulo II convocou para Roma, na sequência do famoso Sínodo da Holanda, um Sínodo dos Ucrânianos.

A Ucrânia tem sido terra assolada por invasões diversas e foi nela que viveram os famosos Citas, anteriores a Jesus Cristo, Citas de que corre aí uma bem elaborada monografia. Fica ao sul do território soviético na linha de Moscovo ao Mar Negro.

Seu povo não é russo embora seja eslavo e daí que ainda em Julho de 76 se noticiasse um esforço havido no Canadá entre Ucrânianos e Russos: queixam-se os Ucrânianos de que, dando à URSS o maior contingente de atletas, estes não possam apresentar-se sob a bandeira própria da sua nação e tenham de aparecer sob a bandeira soviética. Ai da U.R.S.S. se não fora a ditadura de ferro!

A Nação Ucrâniana foi bárbara ou pagã até aos anos 900 já que só aí, governada por Vladimir de Kiev (ainda capital da Ucrânia), foi atraída ao Cristianismo pela vizinha Constantinopla, hoje, Istambul. Nos anos 1.300 foi conquistada pelos Lituânos e unidos aos Polacos, estes conseguiram que os Ucrânianos se unissem a Roma, de Ortodoxos cismáticos que eram, pelo ano de 1600. Mas alguns continuaram desunidos, sobretudo porque em 1620, o patriarca ortodoxo de Jerusalém passou por ali disfarçado e sagrou, para os rebeldes, bispos clandestinos.

Tempos depois a Ucrânia foi incorporada no império de Moscovo, embora continuasse a ser a parte mais culta desse império a ponto de nos

Por Francisco Almeida

anos de 1600 e 1700 ter sido ucraniano quase todo o alto clero moscovita.

Assim, ao tempo da Revolução de 1917 — Lenine — a

(Continua na 2.ª página)

Acordo nas de Santa Eulália

Há cerca de quatro ou cinco anos que existia um certo litígio entre alguns elementos da freguesia de Santa Eulália de Arnoso e a Igreja devido ao facto de se terem apoderado indevidamente do pas-sal daquela freguesia, querendo negar que esse terreno fosse propriedade da mesma Igreja. Os anos foram decorrendo, várias diligências foram feitas, infrutiferamente, até que agora a Comissão Fabriqueira local fez valer os seus direitos, no tribunal, tendo sido feito, entre as duas partes, o seguinte acordo:

TERMO DE TRANSACÇÃO

— Aos oito de Abril de 1980, nesta Vila de Famalição no Tribunal Judicial, compareceram: pela Fábrica da

A SÉ DE ROMA E AS FILIPINAS

De passagem para o Japão, o Santo Padre descerá nas Filipinas em Fevereiro (escrevo a 26 de Janeiro). Por isso, direi sobre esse longínquo país da Ásia. Recordem os senhores leitores que a Paulo foi ordenado não avançar para Oriente. Recordem que na China de 1200 já havia cristãos, embora da seita nestoriana (ver o livro famoso de Marco Polo). Da China ao Japão são uns 500 Kms de mar e atravessavam-no. Mas o Cristianismo não atravessou. Se fosse por terra até às Filipinas, o Papa encontraria agora um bispado, quase de 100 em 100 Kms, por exemplo: Atenas, Cairo, Jerusalém, Paquistão, os da Índia até Malaca, Macau, Filipinas: Nem era impossível o avião descer nessas terras todas.

Mas foi difícil aos portugueses irem de barco até lá, como foram: Vasco da Gama gastou, com ajudas de um piloto mouro, por mar,

(Continua na página seguinte)

Sé de Roma e as Filipinas

(CONTINUADO DA PRIMEIRA PÁGINA)

desde Julho de 1497 até Maio de 1498, 10 meses para chegar à Índia quando desta às Filipinas é outro tanto. Não bastariam 20 meses. Agora são umas 10 horas. Que progresso! (v. ind. O. Marques — Hist. de Portugal, cap. V). Quantos e quais barcelenses terão ficado desde a Índia às Filipinas no comércio, nas missões, na guerra? O colaborador que escreveu «Barcelenses na Índia» não continuou. Uma ousadia a dos nossos em 1500! Degeneraram ou é o fraco «rei» que Camões atacou, quem faz agora fracas as gentes?

O Mundo é uma bola que se mede em 360 partes ou graus — em kms da 40 mil. Pois bem: 20 mil ou 180 graus deu-os Roma a nós — e era desde o Brasil até perto das Filipinas; das Filipinas ao Brasil (a outra metade da bola) deu-a à Espanha. É por isso que vimos S. F. Xavier a pregar pela Índia e Malaca até perto das Filipinas. A nossa história só fala desta metade, a portuguesa.

Tivemos sorte (ou manha) com a parte que nos tocou — tantas terras! E agora com as gentes: quase todos mouros. Mesmo assim, os nossos fizeram Cristandade mesmo em Maluco (ilhas ao sul das Filipinas e um pouco a norte da Austrália). Conta o Padre Lucena na Vida do Santo que os mouros de Momoja, não Molucas, fizeram uma revolta e mataram logo dois missionários, Vaz e Álvares, além dos nossos

soldados (capítulo XIII). Os espanhóis não tiveram de enfrentar gentes tão feras e por isso, missionado o México, seguiram para Ocidente até às Filipinas onde fizeram cristã 83% da população. É por isso que as Filipinas são uma horta verdejante com-

parada com as terras vizinhas. Vejamos: Filipinas com 43 milhões, 83% de católicos e pelo menos um Cardeal (desde Paulo VI); Papua — Nova Guiné, a Sul — 2,5 milhões, 29% de católicos; Malásia — 13 milhões e 2,9% de católicos. É perto das Filipinas a nossa antiga ilha das Flores, hoje da Indonésia como Timor, que ela, com 143 milhões (2,1% de católicos) não larga mais à Fretilin. Há anos massacrrou mais de 100 mil esquerdistas (Almanaque Bertrand, 1980).

Perto das Filipinas, mas quase a 15 mil kms de nós, estão Macau, que é nosso, Malaca, que o foi e Hong-Kong dos Ingleses. O último bispo Sagrado para Macau — há 304 anos — ainda é português (dos Açores), mas deve ser o último português naquela Sé e já foi sagrado pelo bispo de Hong-Kong por outro da Indonésia.

As Filipinas são, resumindo: perto do Japão, China e Timor,

têm 43 milhões, não católicos, quase 9 décimos desde 1550, são de raça negra (negritos), indiana e malaia (chinesa), têm 1/3 do nosso rendimento por cabeça, foram colónia americana, ocupados pelo Japão na II Guerra. Têm guerrilha dos mouros (que os tem) e dos esquerdistas. Paulo VI já lá esteve e um mouro ia-o matando.

Como nação católica é um centro de irradiação missionária para a zona: Japão, Indonésia, China, que são em território e gente, potentados, mas cristãmente, subdesenvolvidos.

Ainda não chegou a hora de Paulo caminhar Ásia dentro.

F. de Almeida



NOTÍCIAS DISPERSAS

pelo Dr. Francisco de Almeida

3—38 países árabes reuniram-se. Pesam cerca de 600 milhões e dizem-se a «nação islâmica» apesar de se turrarem uns aos outros. Só Israel os une. Mas Jerusalém não é mais dos Cristãos do que dos Maometanos? Só que nós não usamos dizer «nação católica» (seriam 1,5 bilião) ou nação cristã (seriam 2,5 biliões). Então, que aprendam com os Árabes. E disse um doutor islâmico nessa reunião:—Portugal é mais islâmico que europeu. Quer dizer mais árabe que católico? É por isso que se anda a construir mesquita em Lisboa? (perto do Caçadores 5—muitos leitores conhecem). Se sim, somos e seremos 3.º Mundo. Talvez por isso os sonhos de muitos dos nossos com a Jugoslávia (que Cunhal acaba de visitar—a mando, de quem?) *Barc. 7/3/81*

4—Os Checos comunistas an-

dam a dizer que afinal o Papa polaco é quem, em grande parte, faz greve na Polónia. Inacreditavelmente há católicos sérios que não simpatizam com a pessoa de João Paulo II nem com a do Cardeal de Lisboa. Que mais e melhor poderiam eles fazer a bem da missão a que se consagraram? Há gentes de todos os pareceres.

5—O jornal O Vianense vem publicando os nomes dos que foram Irmãos da Misericórdia desde 1500. Quem é que das 89 freguesias, é irmão da de Barcelos? Ela poderia ir dando notícias dos seus arquivos, ao menos apellidos e naturalidades?

Aqui deixo a encomenda.

Portugueses no estrangeiro

PORTUGUESES NO ESTRANGEIRO

Bad 4/8/72
Esta nossa Terra ficava já com 12 milhões se os que andam por fora regressassem a casa. Tantos são que bem merecem construir-lhes o Estado um jornal ou revista que mesmo de graça lhes seja remetido. Para tanto, era necessário que fosse uma amostra do que por cá vai e não havia melhor que copiar um pouco do jornal de cada Terra. À falta de melhor, lá recebem, quando recebem, o jornal da sua Terra como o «Badaladas» tem mostrado

pelas saborosas cartas que da França, Alemanha e outras tem publicado. É pouco.

Nos últimos anos tem-se vindo a estudar quais dos portugueses antigos os que andaram por essas terras de Cristo, sem ser nas Áfricas, Índias e Brasis. Temos até uma brilhante Enciclopédia Portuguesa e Brasileira e outra Luso-Brasileira. Mas então nós fizemos a do Prof. Maximiano de Lemos, só portuguesa, e fomos agora para a luso-brasileira? Que faça o Brasil a sua e façamos nós a nossa; faça Angola a de lá e Moçambique, também, co-

Portugueses no estrangeiro

mo a Guiné, C. Verde e S. Tomé e a nossa ficará mais pequena, mas a condizer melhor connosco. Tanto mais que a Enciclopédia é hoje instrumento de trabalho, tão necessário que todas as Câmaras a deviam ter. E os liceus e outros institutos assim.

Mas até as Enciclopédias deturpam por vezes. Mas que, se o não fizerem, não passam na censura. Os Judeus publicaram uma em 1971. Escrita em inglês, tem-na a Biblioteca Nac. de Lisboa — por compra. Expõe o que é judeu e fala dos cultos judaicos com preferência. Ali

se vê o ponto de vista deles sobre o que é a Cristandade, por exemplo.

Bom. Essa está à mão, mas uma revista portuguesa, que se publica desde 73, nem está no ficheiro das revistas nem se pode ler por ainda empacotada. É isto! Não me digam que é de propósito.

Sobretudo pelas histórias das Ciências vemos quantos dos nossos deram cartas lá fora. Para não ser longo remeto o leitor para a História da Medicina do Dr. F. de Mira — bom trabalho e só por 70\$00!

Lá nos vem um médico e filósofo português — Pedro Julião — de Lisboa, aquele que chegou a ser Papa, teve o nome de João XXI — e vá lá que uma rua de Lisboa o recorda. Faleceu em 1277 — passa este ano o centenário. Como médico, escreveu um Tesouro dos pobres (Thesaurus) que há anos a universidade de Lisboa fez passar a letra redonda — para eruditos — e se vendia há meses como alfarrábio — bem caro. Pois se virem bem, deste homem português sabem mais os estrangeiros que nós, os da sua Terra.

Diríamos quase o mesmo de vários outros que lá fora brilharam, por exemplo ensinando nas universidades. Direi nomes noutra altura se vier a jeito.

Francisco de Almeida

LITERATURA e LITERATOS EM PORTUGAL

Era minha intenção começar a escrever alguns COMENTÁRIOS ao CONCELHO DE BARCELOS do Dr. Teotónio. E bem os merece como noutra altura hei-de mostrar: o livro é um poço de informações que falta extrair lição para esta nossa época.

PELO

Dr. Francisco de Almeida

Mas... ideia puxa ideia e perguntei-me: e a Revolução Protestante de Lutero?

No Barcelos de 1520 a 50 soube-se dela? Vai daí, chega-se ao exame cronológico dessa Revolução: o frade Lutero a chamar ao Papa anti-Cristo e asno, Henrique VIII a proclamar-se o único chefe religioso dos católicos ingleses, etc.

E então Portugal — e os barcelenses — não foram para as guerras contra os protestantes?

Enxerta-se aqui a história desse famoso operário da Irlanda Bob Sands, que tanto jejuou que morreu de fome.

Dizia-se católico e acontece que estão por ele todos os ateus! Como assim? Ele é que se mata e o governo inglês é quem tem as culpas? Como assim?

Quer isto dizer que o Barcelos do Dr. Teotónio tem muito a dizer às nossas gentes e leitores.

Queiram os senhores leitores ouvir este pedacinho de prosa que saco de um Historiador: «Inglaterra/opressão dos católicos» — ano de 1649: os católicos viram cair sobre eles a perseguição. A todas as outras confissões deu o governo liberdade, mas perseguiu acerbamente católicos». E depois: «Opressão dos Irlandeses (que a Inglaterra dominava):

Pela acta de 1680, todas as leis de perseguição foram abolidas, menos contra os católicos e os socinianos. Os católicos foram expropriados de suas terras: miséria, afrontas e perseguições de todo o jeito; desde 1712, outra vez todos os bispos e religiosos foram mandados sair sob pena de morte; os católicos nem podiam adquirir um

(Continua na pág. 4)

à Paz. Morreu em 1547. Ora, que consta do livro do Dr. Teotónio para os anos de 1500 a 1599 (século XVI)? Que foi feito dos diversos filhos de Lutero? Como é que o francês Montaigne foi tão safadote, apesar de filho de uma PORTUGUESA (ele faleceu em 1592)? Como é que, tendo o rei Henrique VIII casado e divorciado tantas vezes houve sempre bispo inglês a aprovar aquela canalhice? Como se atreveu Lutero a declarar a um príncipe alemão que não era contra a Lei de Cristo que o príncipe tivesse uma concubina, seja, amante permanente? Como foi possível a Rabelais, francês, falecido em 1553, escrever tanto contra o bem apesar de ter sido franciscano e beneditino e por fim, até

Literatura e Literatos em Portugal

(Continuação da página 1)

palmo de terra. Cinco sextos do solo irlandês passaram para as mãos dos protestantes, intrusos», etc., etc.

Por este lado, se eu fosse irlandês, exigiria aos intrusos a Restituição do que roubaram a meus avós — mesmo à força. E porque ainda agora o governo defende os intrusos, eu seria terrorista.

Quer dizer: a luta dos católicos naquele bocado que é a Irlanda do Norte é contra ladrões de terras. Mas é lícito, por causa de fazer essa justiça matar inocentes?

Mas é lícito deixar-se morrer de fome para pressionar Londres? Não é agora altura de estudar isso.

Volto aos Literatos e suas obras.

Uma história da Música relata-me que Lutero foi compositor, músico de coros, escreveu panfletos, casou-se, traduziu a Bíblia para Alemão e escreveu uma Exortação

PÁROCO de uma terra chamada Mendon?

É como pôde Erasmo, que morreu em 1536, ser tão azedo quanto a coisas da Igreja sendo ele cónego da Sé de Roterdão, hoje na Holanda?

Porque é que um Estatuto ou Constituição da diocese de Évora mandou que «não COMAM nas igrejas nem bebam com mesas nem sem mesas, nem se façam jogos... posto que sejam de vigílias de Santos, nem representações, ainda que sejam da Paixão... ou da Ressurreição.»?

Porque é que Braga mandou quase o mesmo que Évora e o Porto proibiu «cançonetas» e vilancicos e motetes e outras cantigas PROFANAS e danças que se cantavam durante as missas?

Porque é que o Gil Vicente que terá falecido em 1536, tanto ver-

gastou em autos como Alma, Barca do Inferno, Romagem de Agravados (ofendidos), Clérigo padre) da Beira, Comédia do Viúvo e Físicos (médicos)?

Que é que liam as pessoas barcelenses, das Honras de Azevedo ou Fralães e dos muitos Morgadios criados em Barcelos entre 1500 e 1599? Leram sequer a biografia da rainha da Escócia, MARIA STUART, escrita pelo nosso barcelense de que o Dr. Teotónio dá notícia? E que lêem os barcelenses de 1981? Sequer algum dos jornais de Barcelos?

Por tudo, são precisos os tais Comentários ao Dr. Teotónio. Mas esta finda aqui.

Francisco de Almeida

Para a História da Vila Fria Vianense

Escreve Dr. Francisco de Almeida

Bace. 1081

É de presumir que os leitores de *O Vianense* na freguesia de Vila Fria conheçam alguns dados da sua história. Mas eu sustento, com mágoa, que a história de cada uma das nossas aldeias tem andado bem esquecida. E por isso também me abalancei a escrever umas 30 páginas para a história da minha terra — Galegos — Barcelos — ano de 1976.

II

Pois bem: para Galegos, vi um documento do ano de 1081. E nele se refere também uma *Vila Frigida*, que parece só poder ser a vossa. Daí este apontamento.

O DOCUMENTO DE 1081

É conhecido desde que o historiador de 1800, Alexandre Herculano, o publicou. Podem vê-lo aí em Viana — mau será se a Biblioteca o não tem —, pelo menos a de Braga tem-no — no livro *Diplomata et Chartae*, pag. 357. Transcrevi parte dele no jornal barcelense *A Voz do Minho* de 27/II/73, fácil de fotocopiar.

E reza assim: «Ego Gundisalves luz dou a tivi... Unisconi... Villas prenominatatas *inter Limia et Katavo*... V. Gallegus... V. *Frigida*... V. Mediana». Portanto, uma escritura em que o Gonçalo presenteia a noiva, Unisco, com as terras de 37 aldeias que vão do Lima ao Mondego e a que estavam afectos 20 mancebos ou cultivadores (portanto, chefe havia a cuidar de mais que uma povoação) com nomes bárbaros como Belita, um, Guiscaléo, Adeffo. O nome da noiva não era de outra raça: Unisco.

III

Ora entre o Cávado (Barcelos) e o Lima (Viana), só há uma Galegos, mesmo que dividida em duas freguesias pegadas) e só há uma Vila Fria.

Nesse folheto dizia eu (p. 3): «Estranhei que homem algum de Galegos ou em Galegos, como os párcos tivesse tido curiosidade de responder às perguntas: — mas que gente é esta e como viveu e desde quando? Ou tiveram, sem conseguirem respostas».

Logo os galos e os vilafriianos vianenses são de algum modo parentes. Foi isso o que me levou a escrever e o ter lido no jornal de 15.1.82 a referência ao vosso futebol juvenil.

Portanto, passou agora o 9.º centenário do 1.º documento que deveis ter sobre a vossa terra (1081-1981).

IV

Claro que a vossa terra, por causa deste documento também é falada num dicionário do Dr. Pedro Machado e noutra do brasileiro Antenor Nascentes e sobretudo no livro *D. Pedro*, que o minhoto professor de Coimbra, Padre Dr. Avelino Costa (uma célebre miniatura física de homem) escreveu há uns 20 anos.

Eu cuido da minha Galegos e pode ser que os meus «parentes» de Vila Fria saibam coisas que me interessam: há que aprofundar as implicações dos nomes e coisas da escritura de 1081. Por exemplo: a) porque chamaram *frigida* (fria) à vossa terra? b) desde quando tem esse nome? c) como se chamaria antes de a baptizarem de «frigida»? d) qual a história das suas gentes, pelo menos nestes últimos 900 anos? e) em 1081, quantas freguesias se designavam *Vila*? Todas? f) Vila Fria e Galegos eram sede (centro) das

Não tenho tempo para perseguir essas «lebres». O que aqui fica já dá para os vilafriianos pensarem até ao próximo *Vianense* que fale de Vila Fria.

Sociologia da Religião

Não se assustem os leitores: nada há que possam entender melhor do que as coisas que seguem. Vejam só: é proibido ficar com a galinha do vizinho? Que lei o proíbe, a de Deus ou o Código Penal? Vós não sabeis a lei penal, mas lá vos diz a razão que não pode ser. Ora a sociologia é isso: procurar saber como as pessoas agem umas para com as outras e porque praticam desta forma e não daquela.

Saber-se porque é que este acredita em Deus e aquele não, é sociologia aplicada ao campo religioso.

Temos uma Universidade católica. Dá-se aí um curso de sociologia religiosa. Mas, pior que nas faculdades do Estado, não se pode tirar o curso em regime de voluntário nem por correspondência. E se calhar, não faltavam cristãos a quererem aprofundar mais os seus conhecimentos religiosos, mesmo por correspondência, sem ser para obterem um diploma. Acho que é mal. Na Rússia, o governo só permitiu 8 seminários (pouco sabemos do que lá vai), mas o certo é que há seminaristas a cursarem o seminário por correspondência. É vontade, não?

Normalmente, os sociólogos nem sequer sabem o que seja Religião. Claro que muitos de nós também não sabem dizer o que isso seja. Não é ir à missa?

Ora bem: nos tempos que correm, onde são tantas as vozes a fazer-vos olhar para os lados e para trás, é preciso que a árvore plantada na vossa mente seja melhor cultivada. Religião é terdes Deus convosco. Convém que os mais cultos aprofundem o saber para guiarem os de menores dotes e, para tal, a dita ciência é um grande meio.

F. Almeida

nem casar pela igreja, nem baptizar os filhos. Pergunto só isto: um pagão acredita que há um Senhor do Céu (caso dos chineses). De vez em quando, seja no trabalho, na viagem, ou em casa, pensa nesse Senhor e fala com Ele. Este pagão não é um homem religioso?

Há tempos vi numa terra ali perto da serra da Estrela várias pessoas a beijarem uma imagem mariana (de Nossa Senhora).

Muita devoção, talvez. Os protestantes iriam logo dizer superstição e outros diriam «magia». Não é, mas não estará bem de todo.

O certo é que uma aldeia, ou vila ou cidade é tanto mais justa e feliz quanto maior for a sua verdadeira religiosidade. Perguntam então: a religião torna os homens mais cordatos? — Fazem estudos e concluem: sim. Mais unidos? — Sim. Mais valentes na guerra (e não como os 2 milhões de soldados russos que fugiram da batalha)? — Sim. Une mais que tudo as famílias? — Sim. E se não fosse ela, canté!

Logo, dizem os entendidos, aqui-lo da Religião tem interesse para manter o povo sem subversão sem revolução, etc. E os Salazares e Mar-

celos — como todos os ditadores — sabiam disso.

Mas, de que depende ser-se religioso? — Do clima e do solo (blasfémia), dizem uns. Da educação ou catequese, dizem outros (na Rússia é crime ensinar essas coisas a quem tenha menos de 18 anos). Do instinto, dizem outros (então quem tem bom instinto, o minhoto ou o alentejano?).

Sobre canais de

POR

Dr. Francisco de Almeida

I

É possível que nem todos saibam que o Patriarca de Lisboa, minhoto como nós, af dos lados de Basto, aluno brilhante que foi da Escola Cristã da nossa Arquidiocese, requereu ao Governo um canal na televisão estatal.

Logo alguns se interrogaram se ele requeria apenas como bispo de Lisboa (iniciativa dos lisboetas porque nestas coisas o bispo nunca requer só por si) ou antes em nome de todos os bispos de Portugal, Braga inclusive, e portanto, de todos os católicos de Portugal. Não se soube responder nem o Patriarca deu explicações. Mas o Governo parece que entendeu o pedido como vindo da Igreja Católica. De Portugal, entenda-se.

Antes de mais: os Católicos de Portugal pagaram, adquiriram e possuíam uma quota na sociedade que explorava a televisão, quota que foi nacionalizada — também ela. E não consta de indemnizações que as dioceses recibessem por essa Ex-propriedade.

Requerido o canal, se concedido, os Católicos vão ter de pagar uma renda ou como é que? Não tenho visto estes problemas tratados sequer e explicados à opinião pública. Esta bem merece

essa atenção.

II

Todos os vivos sabem da novidade que é isso da Televisão. Quem percorre Portugal há-de reparar que não há canto nenhum onde não existem aparelhos de receber — e ver — televisão, que é isso mesmo tele = visão (ver a grande distância sem ser pela imaginação nem em sonhos). Que grande «moca» tinha o sujeito que inventou esta formidável gerinçosa de a gente ver dentro de casa o que se está a fazer na China, na Rússia, em Angola, etc.! Se fosse possível filmar o que vai lá pelo Céu e pelo Inferno é que era obra! Para mostrar a certos sujeitos que não são balelas. E que, mesmo em Lisboa, ainda há genteinha que recusa acreditar que uns americanos puseram a «pata» na Lua!

III

Voltando aos canais, acho que não há já bicho-careta de país

que não tenha televisão. Ainda hoje, 16 de Janeiro, se viu a televisão da degradíssima Albânia, aquela má terra encravada em montes a sul da Jugoslávia e norte da Grécia. E fui ver as estatísticas. É o que passo a apresentar (além da cultura).

IV

Se examinarmos a produção industrial de cada país, há-de ver que são já muitos aqueles onde se fabricam aparelhos de televisão. Fabricam mas nem por isso os podem todos ter. Nem a cores. Nem os canais que desejariam. Volta e meia, sai a Revolução e a T.V. fecha. Há também que distinguir entre Emissor (fonte) e canais: o Afeganistão tem uma (não sei se de mais que 1 canal, monolita), a Albânia, 1, etc.

Mas a da Argélia tem 7 canais, a da Austrália 71 canais do Estado e 29 privados (!!!), a da Austrália 2 programações (como Portugal e dizem que a 2.ª é mais vermelha ainda que a 1.ª) com 47 canais, a da Bélgica, 16 canais, a Bulgária (até está!) — 8 canais, no Catar (petróleo) — 5 emissoras, os Checos — 2 emissoras e 74 canais (por informação não pecam!), da China — 30 canais, a de Chipre — 5 emissoras, a da Coreia (Sul) — 3 estações e 19 canais, a da Dinamarca — 30 canais, a das Filipinas — 24 canais, a da Finlândia — 50, Formosa — 12 França — 230, Gabão — 2, Holanda — 26, Hungria — 17, Índia — 4, Indonésia — 13, Irão — 12, Iraque — 5, Israel — 14, Itália — 73, Japão — 4, 243 (4 2 4 3) e até Marrocos — 16.

E Portugal? 2 programações e 16 canais. Logo menores que nós, dos acima ditos — são Argélia, Bulgária, Formosa, Gabão, Índia, Indonésia, Irão, Iraque, Israel. Porquê só 4 na Índia e 14 em Israel, tão avançado que até

tem a atómica? Porquê os 4000 e tal no Japão?

Donde a questão: o que é um canal de televisão para na Austrália (e outros) haver tantos privados ao lado dos estaduais?

No Conselho da Europa (já ouviram falar deste Senhor? Pois já nos governa um pouco) vai-se tratando de negócios e de política para diversos países europeus

(não sujeitos a governo comunista — ainda). Nele pontifica um dos nossos, o dr. Pinheiro Farinha que é magistrado. Mas se a Europa tem tantos canais, porque é que Portugal não há-de ter mais 1 para os católicos? Se há tanto jornal e de tanta cor, porque não há-de haver canais da T.V. rurais, e roxos como os lírios e amarelos como a gema e brancos como açucenas e pretos como o «farramico» e azuis como o céu da Primavera e verdes como os nossos prados e ainda outras de cores gradativas, inventadas, como as da Dirup? *O que se fez?*

Perguntam-me: — e na Rússia? Esta, coitada, com 260 milhões de bicos, a falar 117 línguas (que manta de retalho!) só tem 1 emissora de 6 canais, a subdesenvolvida! E também claro que lá na Soviética, o Patriarcado de Moscovo, cismático, restaurado por Estaline, aí por 43, por lhe convir à guerra, não tem seu canal de televisão.

Mas nós não somos a Rússia — ainda.

RELIGIÃO CATÓLICA

Vem da pág. 8

significado raro: todos os povos por um (Angola) e um ensinado por todos (Portugal, México, etc.).

Outro facto ainda. Nem todos os leitores saberão que os povos católicos do Mundo todo (o dito bilião) formam uma Associação tão especial que constitue um Estado, que se chama Santa Sé de Roma. Mais: tem seu território como as outras Nações — e chama-se Vaticano. Ora nenhuns crentes têm o privilégio de serem uma Nação especial com seu Estado e território e chefe de Estado. Esta associação é internacional pelos membros ou aderentes, pelo Estado que formam, pelo chefe que é o Papa, pelo reconhecimento por parte dos outros governos do Mundo. Os católicos pertencem, seja em que canto da terra for, ao Reino Universal, internacional, com sede terrena em Roma.

Outro facto internacional dos cató-

licos e seguirem uma e a mesma Doutrina e Crença, tanto em Hong-Kong como em Timor, em Teerão como no Cairo, em Madagáscar como na Califórnia: professo um só Baptismo. A Santa Sé é a única Religião a ter Embaixadores pelo Mundo fora, que se usa chamar Núncios, de resto acusados, por dores de cotovelo, de serem os melhores diplomatas que há no Mundo.

Cada baptizado desta região de Viana é um número. Os vianenses, como os bracarenses, são católicos regionais. Como tal, têm seus problemas próprios, mesmo no que toca ao religioso. Esta em moda «mexer» com assuntos regionais. Será, porém, erro de perspectiva, que falseará a avaliação, desconhecer, ou sequer esquecer, as nossas pertenças internacionalizadoras. E penso eu que esta visão internacional das coisas dos vianenses tem andado muito esquecida. É por isso que resolvi relembrá-la.

Para a História do Futuro

por FRANCISCO DE ALMEIDA

Lembro-me de que lá na História Universal dada no liceu, me falaram dos Egípcios com quem nós nunca tivemos nada a ver. Nem com Persas, Babilónios e Judeus e outros assim: não fizeram cá nada. Os Romanos, sim. Os gregos e os Fenícios também.

Dizia-se lá que meia dúzia de gatos pingados, a residir no que hoje forma a insignificante Grécia, eram tão senhores dos seus narizes que até formavam Estados Soberanos: Em Atenas, um, em Esparta outro, etc. Quê? Cada um deles não tinha sequer 500 mil habitantes! Mesmo assim, cada um não se dispensava de ter sua tropa, suas leis, seu sistema de educar, seus impostos, suas classes de sociedade.

Pior ainda: na Itália dos anos 1000 a 1870 havia quase tantos Estados (republicanos) como cidades: Bolonha, Florença, Veneza, etc. Aqui na Península — que toda foi mera província dos Romanos, partidas as lanças de Roma, nasceram os Estados de Aragão, Leão, Castela, Portugal, etc.

Ora os Egípcios nunca se deixaram levar por esses fraccionamentos. Nem os Persas — nem os Babilónios nem os Chineses.

Assim, concluo para já 3 coisas: a primeira é que só pelo dedo de Deus puderam os Romanos reunir sob o mando deles tantos povos e raças e terras como da Inglaterra até à Síria e Palestina; depois, que só pelo plano de Deus aconteceu ter-se formado aquele formidável e novo Estado que é a América do Norte, ex-colónia dos Ingleses — e

Estado só há 200 anos: a terceira: que para alguma coisa Deus permitiu que a Rússia, ainda há 200 anos selvagem, conquistasse terras e mais terras (a última é o Afeganistão) a ponto de ser já tão grande como o foi o Império dos Romanos.

Agora vejam: se não fossem os Romanos, a caminhada ao Mundo teria sido muito outra; se não houvesse o poder do Americano, há que anos a Rússia nos não teria papado a todos! Como vai ser para o futuro, daqui a 10 ou 20 anos, por exemplo? Um deles vai enlouquecer e dar cabo do outro. Qual? Porque não acredito na destruição da Terra senão para daqui a 50 mil e tal anos — quando nós já formos — menos que Pré-história!

Houve na Antiguidade Guerra de renome: as Pérsicas, a do Peloponeso, a de Alexandre, o Magno que foi até às Índias, as dos Árabes, dos Mongóis, dos Turcos, etc. O mais assustador deve ter sido isso a que chamaram Invasões — que nós não fizemos, mas tivemos. Vieram os invasores, sempre, lá das Rússias e arredores (Hunos, godos, etc.).

Porque não há-de agora haver invasões? E isso significa ocupação e conquista e escravaturas — que os Conquistadores não sabem Democracia. Se um lavrador alentejano — que tudo quere com máquinas — for ao Minho, ri-se e pasma da nossa agricultura. Do mesmo modo, Portugal, para qualquer dos 2 grandes, é um brinquedo. Mas se se tornar isso, o nosso futuro é sem História.



A Corcinha e os Caçadores

Contam que, certo dia, uns caçadores perseguiam com seus cães uma corcinha. Estando ela já exausta do muito que corra; vendo-se às portas da morte, numa planura sem abrigo de qualquer lado, de tal forma que os cães a iam alcançar e despedaçá-la à dentada, também por ali passava o homem de Deus. sem que os caçadores o soubessem, *V. tard. 6.XI.83*

O animalzinho, que já não via como escapar, tão depressa viu o homem de Deus, logo lhe pediu protecção e para salvar a vida, escondeu-se debaixo do hábito dele. Ele logo a defende de todos os ataques dos perseguidores; imediatamente ordenou aos cães que se afastassem indo a cabrinha para o mosteiro por vontade dela.

Segundo dizem, a cabrinha fez-se tão mansa que fosse ele aonde fosse, ninguém conseguia afastá-la dele, antes se, pouco que fosse, ele dela se afastava, nunca mais parava de berrar até o ver outra vez. De facto, era tão mansa que vinha a cada passo deitar-se aos pés dele no pequeno leito.

Muitas vezes mandou ele lançá-la para o bosque que rodeava o mosteiro; mas ela, que não esquecia o favor recebido, desprezava o bosque em que vivera e voltava para junto do que a salvou; quer dizer, de tal modo que se ele tivesse ido a algures, ela o procurava através de grandes distâncias até que, pelo faro, o encontrasse. E porque isto sucedia muitíssimas vezes, começou dali a espalhar-se ao largo e ao longe a fama de tão grande virtude.

Só que o inimigo antigo onde topa os bons a brilhar para a glória aí, por inveja, arrebatou os maus para o castigo: com efeito, certo rapaz impando de malícia e mais, a arder em fogo de inveja, tendo o santíssimo homem saído, matou a corcinha à dentada dos cães.

Mas quando, dias depois, o santo varão regressou ao mosteiro, perguntou pressuroso, porque é que a sua cabra não vinha

ter com ele como de costume. Logo lhe disseram que, quando tinha saído a pastar, veio aquele rapaz e a matou.

Ele caiu de joelhos em terra ante o Senhor com imensa tristeza e prostrou-se no chão. Mas por desígnio de Deus, não tardou a aparecer este castigo divino: o tal jovem, logo atacado de febres, começou a pedir-lhe uma e outra vez, através de recados, que pedisse por ele por causa da sua grave temeridade, houvesse ainda de perder tão cruelmente a vida.

Mas o santo, indo logo ter com o enfermo, invocou a piedade divina; pôs a mão sobre ele e logo restituiu ao enfermo não só a anterior saúde do corpo mas também, e ao mesmo tempo, com sua oração, o curou das enfermidades da alma. dão ao Senhor não acontecesse que, ferido já por divino castigo

(Tradução do n.º 70 da Vida de São Frutuoso, do século VII).

F. A.

Essas bolinhas (os humanos) são de milhares de raças e sub-raças (Esquimós, Portugueses, etc.). Liga-as a esperança no mesmo Pai, via Roma, ligação moral, de simpatia e de pertença ao mesmo Credo, o dos Apóstolos. Esta ligação moral entre portugueses e japoneses, chineses e canadianos é outro, é formidável, facto internacional. De tal modo que se o governo australiano atacar os católicos lá do sítio, terá logo a perna a repulsa dos católicos dos outros países todos (África do Sul, México, etc.). E daqui que os políticos pensem sempre duas vezes antes de perseguirem os «papistas» do seu país.

Mais: em tempos que já lá vão, aconteceu de um homem poder ser bispo em qualquer país. Por exemplo: portugueses houve que foram bispos na Espanha, outros na França, etc.. Isso acabou por desejo dos povos e lobbies políticas do governo de cada Nação. De facto já tivemos em Portugal bispos de origem francesa, o que hoje nos custaria a engolir. Mas eu verifico, lendo um jornal missionário, que Roma, ou lá quem é, está a promover uma *nova e desusada internacionalização*. Explico: há homens e mulheres (religiosos/portugueses que estão a missionar no Brasil, uns, no Chade outros, em Angola outros e ainda em Moçambique, Uruguai, etc. Também leio haver em Angola, por exemplo, missionários oriundos da Espanha, do México, das Filipinas, da Espanha, da Holanda, de Portugal, etc., etc.. Tantas raças a cuidar de uma só raça (ou tróus) que é a angolana! Significa que a missão internacional. Agora se tornou um facto internacional. Agora são 4 religiosos do México a estudar Portugueses em Lisboa para seguirem para Angola! Eu reputo esta internacionalização um facto novíssimo e de

Segue na pág. 9

RELIGIAO CATOLICA

factos internacionais

DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

Estamos no ano 1981 — era de Cristo. Mas nem todos datam assim. Para os judeus, está-se no ano 5741.

Para os japoneses, no ano 2640; para os indianos, no ano 1902; para os árabes, no ano 1401. Concluo então que a figura de Cristo é o marco de datas para todas as raças do Mundo (Europa, Ásia, etc.) menos os judeus, alguns indianos e os japoneses. A era cristã, única para

tantos Estados, é o 1.º facto internacional a considerar. Outro facto: Religião é a relação entre o homem e Deus, não a objectiva como A ser pai de B, mas subjectiva, consciente, como B reconhecer A como seu pai e venerá-lo como pai. Ora os homens «venerantes de Deus», tal como o Papa ensina, formam o grupo religioso católico que é composto de quase 1000 milhões de pessoas, cada uma relacionada, em seu coração, com o Senhor Deus. Numa imagem: Deus é o balão a que se ligam 1 bilhão de bolinhas a caminhar sobre a Terra — e não raro às cabeçadas umas às outras.

15/11/82

1994

O Homem Grande, PAPA,

VOLTA À ÁFRICA ^{e verso}

Quem ler os chamados Actos dos Apóstolos há-de reparar que falam quase só de viagens. E de 1 só pregador: o convertido, judeu e doutor, Paulo, natural da Vila de Tarso, da Turquia actual.

Foi uso que os Papas se conservassem no centro do comando, Roma, donde rarissimamente saíam. E nunca para fora da Europa que só o poderiam fazer de barco e levava meses.

Ora se Paulo utilizou barcos e as pernas e cavalos e carroças, o João Paulo pode usar avião e em poucos dias, ir às mais «longes» terras. É um poder Revolucionário, como nunca antes se viu: foi ao Japão, Américas, Filipinas, etc. Mas sabem que já aí piam uns quantos que afinal o Papa devia mas era ficar em Roma em vez de se meter a viajar?

E lá estamos nós com uns «fari-seus» de agora a querer ensinar ao Vigário como é que Deus lhe manda tomar conta do que de Deus é! O Papa deve sair. Deve viajar. Deve ir ter com os povos que nunca, tão cedo, poderão ir vê-lo a Roma. Foi assim que Cristo fez. Foi assim que fizeram Paulo e Pedro e Tomé — que foi até à Índia.

Por outro lado, observo a apatia com que os jornais, mesmo de regiões católicas, noticiam — ou nem sequer falam — das saídas, do Papa em Missão, em funções de visitador apostólico.

II

Dizia em Angola o soldado à preta:

— Maria, eu hei-de ir lá à tua tua casa.

— Não, menino, que eu «comunga» todos os Domingos e

sinto em meu coração que isso é pecado.

O rapaz não teve resposta a dar à Maria, que seguiu seu caminho. Aquele diálogo é sobremaneira estranho numa terra onde o pagão pode ter tantas mulheres (e tinha) quantas pu-

PELO

Dr. Francisco de Almeida

desse comprar. Onde se não sabe o que seja castidade, salvo após a adesão ao Cristianismo.

Ora os países a visitar pelo Papa a meados de Fevereiro de 82 não são melhores que Angola, como vou mostrar.

Tais países são: Benim, Nigéria, Gabão e Guiné Equatorial (ilha ex-portuguesa de Fernando Pó e terreno continental que era chamado Rio Muni — Guiné espanhola). Ficam todos na costa do mar, no Golfo da Guiné (muito a sul da Guiné-Bissau).

Para os que não conhecem a geografia dou esta imagem: suponham que a cidade de Barcelos e Barcelinhos são mar e que isso é o Golfo da Guiné. Então, o Benim corresponde a Abade Neiva; a Nigéria corresponde a Arcozelo; o Gabão corresponde à Várzea e a Guiné Esquatorial, à ponta ocidental da Várzea.

Tudo territórios que pertenceram à França ou à Inglaterra. Por partes.

IV

De Roma à Nigéria (capital) serão uns 5 mil quilómetros (menos que de Lisboa a Luan-

da). A África divide-se em uns 40 grandes países. Dos que o Papa visita, só a Nigéria é grande. Assim.

NIGÉRIA (de Níger, rio; níger = negro).

República federal (estados associados). 923 mil quilómetros quadrados (Portugal — 89.000), 67 milhões de pessoas, natalidade de 49 por 1000. Capital chamada LAGOS com 1 milhão de pessoas. Tem petróleo. A língua geral é o Inglês, mas os povos falam 300 dialectos! Raças principais: Hausas ao Norte (são 21 por cento) Ibos no Leste (são 18%), Iorubas no Poente (outros 18%), etc.

Religiosamente é assim (ano de 1979): 47% de maometanos, 30% de protestantes, 3% de católicos (logo, uma minoria), 18% são pagãos (aministas). Para os católicos há 3 Arquidioceses (arcebispos) e 26 dioceses. Rendimento per capita: 390 dólares por ano (Portugal, 1600).

BENIM

Ainda aparece com o nome antigo, Daomé. 115 mil quiló-

(Continua na pág. 2)

7.87

16.14

16.14

16.16a

5-18

o art. foi p. da 'ho' para 2 meses?

5.17

A falada viragem da Política Russa

O Dr. Amaral em Mosco

POR FRANCISCO ALMEIDA

N. fam - 7/5/87

1) Antes de mais, fiquem a saber que todos os comunistas ficam aos pulos quando se fala em Rússia em vez de se falar em União Soviética. A razão é esta: têm medo de que alguém pense que eles abdicaram de ser, como são, uns realíssimos colonialistas. Explico: Os soviéticos, para obter apoio dos povos que os Czares colonizaram, prometeram dar-lhes a independência política. Depois de tomar o poder, de derrubar o Czar, independência, viste-a! E assim os moscovitas ou raça russa, eslavos, colonizam os Ucrânios, os Cossacos, os Kozques, etc. E depois de 1945, ocuparam ainda os Bálticos: Estónia, Letónia, Lituânia. Estes tinham embaixadores perante o Papa, o Papa — nem Portugal — não reconheceu essas anexações. Mas o nosso presidente da Assembleia da República que, por sinal — vi-o há dias — foi quem requereu a inconstitucionalidade da lei sobre o ensino dos seminários menores — ele, Dr. Amaral, o das falinhas quentes, parece que não conhecia este problema político da ocupada Estónia quando agora foi a Moscovo. Pasma de termos presidente assim. Mas o facto Amaral aí está. Que descalce a bota.

2) Moscovo, o Kremlin (que quer dizer fortaleza, castelo, e é) não gosta que falem em Rússia. Todavia não dá aos não-russos liberdade de escolha. Os não-russos são cidadãos de 2.ª, como pode o leitor ver demonstrado no livro A Vida Sexual na União Soviética. Eles, os imperialistas de facto. Mas chamavam-nos imperialistas a nós. Uma hipocrisia.

3) Seja como for, a propaganda moscovita fala agora em viragem e já vieram a Lisboa ensinar ao Dr. Cunhal, e sua hoste, os novos trilhos da propaganda. Não acreditem. Aquilo tudo é para Inglês ver, quer dizer, é fachada.

Os que aqui escrevem deviam

documentar-se com as palavras dos mestres lá de Moscovo. O mestre-mor é Lenine, velho fósil que os seus sequezes fizeram traduzir (a Unesco o propaga, que deles é) em 370 línguas. Aqui em Lisboa, logo em 74, encapado na editora Assêrio e Alvim, puseram a circular este folheto: *Lenine e a Religião*, com uma introdução atribuída

rias cá, em 74, significa que os nossos ateus resolveram prestar pública vassalagem a Moscovo e se convenceram que isto é a URSS de 1905.

Em causa está o problema central que é este (para eles): Deus não existe nem nunca existiu. Logo:

(Continua na 2.ª página)

A falada viragem

(Continuação da 1.ª pág.)

— 1.º o Estado deve tratar os assuntos de Deus como coisas sem interesse (meramente privadas); — 2.º mas o Partido Social Democrata (eles chamavam-se a si próprios isso! Ou o nosso PSD não sabia?), e os

gem da Política Russa

O Dr. Amaral em

E quem lhes provou que a ideia do Sobrenatural (o acima da matéria — da pedra e da água que sentimos) vem aos homens por serem pobres, etc, etc. E que só os desgraçados intelectuais (alguns) se convenceram disso. E porque é que se não

b) «lutar o gioso» (pg. 1)

c) «a nossa obrigatoriamente do ateísmo» (pg. 13);

d) «concepção (ideia) científica do mundo... concepção materialista» (pg. 13);

e) «não proclamamos nem de-

O Comp. Mont. 1/5/82

2.5.82

Maio de 1982

5/19

O Papa, Portugal e o Mundo

Sem autor?

91

Sua Santidade visita-nos. Como tem feito a outras terras por esse mundo fora. Embora, decerto, sem mérito nosso, o certo é que só Portugal tem Fátima. E esta será o centro e motivo principal da vinda do Papa até nós.

Verdade é que nos têm visitado Chefes de Estado diversos, de diferentes países e cores. Também o Papa é, para muitos, apenas um chefe de Estado, o do Vaticano. Nesta qualidade o terão recebido a Turquia ou o Paquistão. Para nós, ele é o Vigário, o porta-voz, núncio, do próprio Cristo.

Quem não admita a missão supra-terrena de Cristo (mas não se pode, à vontade do freguês admitir ou respeitar) também não pode ver no Pa-

pa mais que um chefe meramente terreno.

Isso é errado porque poderes da Terra — económico, social, militar ou político — é sabido que não tem.

A vinda do Papa devia levar-nos a varrer algumas telas de aranha que aí há. Mas sempre os há-de haver, em épocas mais e noutras, menos.

Passemos agora à situação do mundo cristão através de alguns factos que vieram publicados desde Outubro de 1981 até Março de 1982. Estive a fazer recortes e daí a ideia das notas que seguem. Pareceram-me de interesse.

Ai vão Comp. Mont. 1/5/82
Na Síria: fundada uma as-

(Continua na pág. 4)

tou proposta de despenalizar o aborto. Comp. Mont. 1/5/82
América: o movimento anti-aborto agrega mais de 10 milhões de militantes.

Noruega e Suécia: são quem com maior número visita o túmulo do grande São Francisco de Assis (Itália) apesar de protestantes. Porquê?

Índia: a associação de professores pretendem estatizar todo ensino, mas a oposição é enorme.

Japão: quando o Papa foi ferido foram rezar por ele até imensos não-cristãos. Nagasaki é onde existe a maior percentagem de católicos.

Argentina: congresso da Acção Católica que teve 17 mil delegados a assistir.

Zaire: tem um Santuário Mariano em Ubandaka aonde se faz peregrinação nacional e anual (Maio).

Califórnia, St.ª Clara: Santuário Mariano em que foi colocada agora a imagem da Se-

nhora da Paz, com 28 metros de altura (a da liberdade tem 48). 1/5/82

Índia: nova ordem, a das Servas do Espírito Santo, que catequizam até com marionetas. A assistência entusiasma-se.

Uruguai: país das planícies onde os bispos se esforçam por fazer o Evangelho penetrar na vida social.

Polónia: terão tentado fotomontagens para incriminar o Valesa e padres e todos os políticos faladores. A filha de Valesa, a 7.ª, foi posto nome sugestivo: Maria Victória.

Portugal: de Fátima informam que os pastorinho, Francisco, completou 52 anos da sua morte em 4 de Abril (Ramos).

Alemanha-Munique: acham que nem rádio nem TV nem jornais dão o relevo merecido aos assuntos religiosos.

Jugoslávia: o governo não quer que Roma eleve Stepinac aos altares.

Inglaterra: proposto que o governo não possa nomear bispos protestantes.

Indonésia: já tem 7 arcebispos e 25 bispos.

Tailândia: só tem 200 mil católicos. 1/5/82

O Papa, Portugal e o M

(CONT. DA ÚLTIMA PAG.)

sociação destinada a dialogar e conviver com os não — crentes e crentes não católicos. Acontece que os diferentes não raro desconhecem de tudo que é anti humano. — Moçambique: o povo é profundamente religioso. Ora o novo governo de lá pretende que toda a gente rejeite toda a ideia de Deus e o mais supra-material (terreno e para tanto, acusa a todos de serem a voz do capitalismo internacional.

Aquilo passa-lhe com o tempo. — China: o governo considera que apesar do feroz ateísmo ensinado desde 1949, o número de católicos é o dobro dos de 1949 e que muitos são os que se converteram ao catolicismo contra as ordens do Partido. 1/5/82

Senegal (África): em 5.5 milhões, os católicos são apenas 200 mil. A maioria segue Mao-mé.

Japão: nenhuma restrição há contra o catolicismo (mas

há-as na Índia, Birmânia e Sri Lanka (ex-Ceilão). — Brasil, Estado de Paraná: há umas 30 comunidades de base em que os leigos são quem prepara os baptizos e casamentos. Camboja: em 1975, o trabalho foi regulamentado como se todo o povo pertencesse ao exército. Isso é que é obra-

Peru, um bispo alemão fundou lá uma sociedade religiosa com leigos (chamada de São Willibert) para impulsionar a cristianização daquelas gentes.

Rússia: em 1978, os católicos eram 12 a 13 milhões (mais 5% e são muito activos. Lctónia (URSS): consegue ter seminário em Riga com 20 alunos destinados à Ucrânia e Moldávia. 1/5/82

Cáucaso (URSS): popula-

ção de religião ortodoxa (georgianos e arménios), de ritos diferentes, e uma minoria de católicos entre os arménios (a raça de Gulbenkian). 1/5/82

Nigéria: o parlamento rejei-

AO CORRER DA PENA

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

Malvinas 9.66
MAIS UMA GUERRA LOCAL? Lá para o fundo do Oceano Atlântico, há umas ilhotas a que chamam Falkland (em Inglês) ou Malvinas (em Espanhol). Até o nome da capital é mestiço: Puerto (porto, Espanhol) e Stanley (nome de um homem inglês). São umas 200 ilhas, ao todo 1/8 de Portugal em área, só 2 mil habitantes, que foram da Espanha, como a Argentina, até 1832 e desde então, tomadas pelos Ingleses. Pois é! Mas agora a Argentina exige-lhe que lhas devolva.

V. N. 22-5-82. -
Vai ser difícil à Inglaterra ir a tão longe defender aquilo e os Argentinos hão-de ir roendo o urso, por que lhes ficam ali à mão.

Conclusão: isto do direito à terra nem sequer passados 150 anos esquece! Razão têm os Russos para se defenderem dos Ucrânianos, Georgianos, Arménios e tantos outros que abocanharam. A Rússia, sem uma ditadura como a que tem, desfaz-se logo em mais de 20 Estados.

AO CORRER DA PENA

(Continuação da página 1)

Fulton Sheen e hoje vi outra anunciada numa revista chamada Círculo dos Leitores. Não li nenhuma delas, mas desconfio da do Círculo.

Voltando acima: é só no Japão que o ateísmo dos comunistas se torna impossível de aceitar pelos cristãos? Ou aqui nos Barcelos pode-se ser tudo?

IV

COROS PAROQUIAIS. Fico impressionado com o número que há deles aqui pelos nossos lados. Porque é para que há tantos? É um dos sinais da afamada Regionalização? Que estatutos têm eles? Talvez nada. São e basta. Gostava de ouvir e meditar sobre o fenómeno.

V

PARA OS LADOS DE TAMEL. Já falei que noutras eras, um cónego visitava cada ano um grupo de freguesias por zonas que eram: Entre-Homem-e-Cávado (lados de Amares), Entre-Cávado-e-Neiva, O Vale de Tamel, etc. Leio no jornal Cardeal Saraiva (de Ponte), de 2/4/82, referente à freguesia de Queijada que «No Censual da Sé de Braga, do séc. XI, Queijada aparece com o nome de TAMIAL.»

Ora se vir o Dr. Teotónio, hão-de reparar que o nosso Tamel virá de Tamial. Então que parentesco terá havido entre os da Silva e outros como o de Queijada, em Ponte? Digam os filólogos.

VI

AS PRESSAS DO COMPASSO. No mesmo jornal, o Corresponde de Arcozelo (pegada à vila de Ponte) queixa-se de não gostar de um «um Compasso tipo corridinho» em que apenas parece estar em jogo a tradição e algo mais que nada tem a ver com esta Comemoração. E são «Cruzeiros». E termina:

«Façam-se os festejos da Páscoa tal como devem ser concebidos» senão é igual a paganismo.

Bom! sempre houve lutas de ideias. Eu até fico impressionado ao ver nas Histórias da Filosofia, sempre os conformistas, os Anti e os Independentes. Exemplo: Cartesianos, anti-cartesianos e nem uma coisa nem outra.

Ora se os filósofos, sem dúvida as melhores cabeças em cada época, não chegam a acordo, isso significa que os homens são sempre como o mar: uma água está na crista da onda, outra no fundo e outra nem no alto nem no fundo.

Ora se a água do mar parasse, «apodrecia» e matava-nos a todos!

E preciso haver sempre quem fale contra.

VII

O Patriarca de Lisboa fez circular aos fiéis dizendo-lhes que em 81 as esmolas da Quaresma, para a diocese de Beja, renderam (Lisboa) 715 contos. Acho uma quantia espantosa. Em 82, a esmola de Lisboa é para a diocese de Cabo Verde. E aqui no nosso Minho para onde é que é?

VIII

Desconfio quem são os da Editorial Resistência, mas vejo que está a publicar um Dicionário do Cristianismo em Portugal (o nome é outro). Se as paróquias quisessem, haviam de possuir essa obra no Salão Paroquial.

Francisco de Almeida

Em redor da nova Encíclica do Papa

por FRANCISCO DE ALMEIDA

(Foi em fevereiro de 1982?)
Possivelmente, quando este manuscrito vier a sair no «Cardeal Saraiva» (se sair, o que sempre deixo ao critério dos jornais), já todos os senhores leitores terão ouvido falar — e até, alguns, lido — essa nova «fala» de Roma acerca do tremendo conflito, que é ter e ser, bens e trabalho, patronato — operariado. Só algumas observações à margem da Encíclica.

C. Sar. 11/6/82
PRIMEIRA — Os maometanos cren-tes, pelam-se todos por Maomé se não ter lembrado de incluir no Alcorão uma organização de chefias com uma suprema — um papa deles. Linguisticamente, um marroquino não entende um egípcio a falar e as diferenças religiosas entre eles não são menores, ainda que pertençam à mesma seita. Da mesma falta de chefia suprema padecem os Protestantes (400 e tal seitas ou facções), os Ortodoxos (cristianismo oriental incluindo o da URSS), os Budistas, etc.

É por isso que, aderindo à Roma de Pedro 20% da população da Terra, João Paulo II comanda a maior força moral e espiritual que hoje existe, quase 1 bilhão de pessoas: de todas as cores e terras e línguas e raças. E sem usar o chi-

cote chinês ou o muro de Berlim. Como chegaram os Papas a tamanha extensão de fiéis — e apesar do que lhes fez um Marquês de Pombal, um Napoleão, um Lutero, um Henrique de Inglaterra, um Cavour, um Hitler, um Estaline e os falados e antigos imperadores de Roma e de Bizâncio? A coisa é tão flagrante que desde há dezenas de anos que os Protestantes e Ortodoxos pretendem negociar com Roma (para se cobrirem com a força moral dela, suponho). Onde que uma Encíclica destas vai ser desfibrada e, talvez até, voltada do avesso, pelos sindicalistas e os grêmios patronais.

A SEGUNDA OBSERVAÇÃO. Como sei, vê-se logo pelo que escrevem, que há entre a família do C. Saraiva numerosos pensadores, eu, que o li, atrevo-me a sugerir que folheiem o livro que aí corre «Para além da Ciência» e tentem filosofar sobre um ou alguns dos 80 e tal sub-títulos que ele encerra. Mostro alguns: o perigo do pensamento, o mito da ciência, a ilusão da libertação, sobre o ano 2000, desastres técnicos, etc. Porque um fazendo de filósofo, pretende adivinhar «que fazer» para que o ama-

C. Sar. 1.5.81
Pinto de Viana do ano 1518. Mas o Card. Saraiva — honra lhe seja — é dos mais laboriosos a exumar os arquivos. Tanto arquivaram que tudo esqueceram.

Entretanto, tenham os senhores leitores paz e sossego senão caem em insónias como 30 por cento das gentes de agora. E só agora. Ora não dormir mais. E mais vale bur-ro vivo...

nhã seja «humano» e não escravizante como antes de se inventar a ferradura para o cavalo; outro quer saber como se ligam o Romance, a Ciência e a Felicidade dos mortais, etc.

Ora bem: é imoral permitir que todas as invenções técnicas avancem seu caminho? Mas elas desembocam no Desemprego e daí, na falta do salário e daí, na falta do pão e daí na fome e miséria dos filhos do trabalhador que a máquina substituiu. Não se trata só de um «Teixeira» que morre por causa do trabalho, ali em Macieira da Lixa como se lê num livreto chamado Encontro, mas de milhares de Teixeira que podem, por causa das máquinas, ter muitíssimo para cobiçar e querer e comprar (que elas produziram) e lhes faltar o pilim para tanto porque não se precisa do trabalho deles. O livro aborda e discute estes problemas e para travar ou suprimir desgraças dessas, é que o Papa terá escrito a dita Encíclica.

TERCEIRA OBSERVAÇÃO. As doutrinas econômico-políticas baptizam-se, hoje, de Capitalismo e Marxismo, palavras também usadas e discutidos na Encíclica. Pergunto se não haverá uma 3.ª Doutrina econômico-política e qual deverá ser ela, de modo a evitar-se que as duas de agora se degladiem e, ou destruam o Mundo, ou um Bloco destrua o outro (e não sabemos nunca qual o vencedor). E daí que Roma apele para que se afaste a guerra, obra do diabo, como disse o nosso famoso Padre António Vieira.

Se o Leste papar o Oeste, estamos mal, ao que de lá se relata; se ao contrário, mal estamos, porque o governo será nos 2 casos mundial e sem ninguém que o limite salvo a própria vontade dele (e voltamos ao «ancien régime» de 1788).

Ainda não li a Encíclica, mas esta tem ponte moral e religiosa a tratar de assunto à 1.ª vista profano. Só a 1.ª vista porque um homem, o trabalhador, e sua mulher e filhos são sagrados, pelo menos se baptizados.

Folgo muito por saber do punho de D. Laurinda Araújo, a nossa poetisa minhota, que a monografia de Feixo está prestes a correr mundo. No arquivo de Galegos há algumas referências a coisas de Ponte (Calvelo, Sandieiros, etc.) e até a um

isso, constituiria uma honra para a Humanidade — ter no concerto dos chefes os dos grandes e os dos pequenos povos. Mas tenho que daqui a 10 anos os Estados sejam ainda em menor número que em 1981. Por que é que um homem há-de dominar outro? Porque o estado populoso montar-se no pequenote? Interesses. Que não conseguem vencer para sempre, já se vê.

Ainda me recorde bem de, há bom par de anos, ter passado um Domingo na região de Couta — aquela terra que tem uma contrariação célebre que tem «irmãos» a quase 100 quilómetros de distância, como é a freguesia de Galegos — barcelos. Quem pode convencer aquelas gentes de que as mulheres têm de fazer política? Certo que não vamos medir a participação das terráqueas pela «implicação» das nossas rurais. De resto, se formos a votos, elas são maioria e por isso haviam de por a caneta. Era o bom e bonito por mim — toda a gente está disposta a isso? — estou dis-

por FRANCISCO DE ALMEIDA
posto a obedecer à mulher-autoridade. Mas aviso que não vou em mitos.
Fiquei muito impressionado com a atenção e cuidado com que o Sr. Barbeiro da Silva lê e guarda ou recorta o «Cardeal Saraiva». É isso que eu advogo, que façam todos os senhores leitores: guardar, recortar, para se ver depois como se demonstram por A + B quanto se afirma. Parabéns pelo bom exemplo que a todos deu e pela linguagem verda-

deiramente humana que usou em 6-III-81.

Decerto — ou talvez não — que os senhores leitores já sabem que em Braga funciona uma universidade. É tão perto de Ponte como nunca. Para valorizar os nossos rapazes e raparigas — gente da Seara que vai dar frutos daqui a uns anos.

Ora correu lá agora um congresso de Filosofia que não vejo falado nos nossos jornais. Se a Filosofia for, como se sustenta, o fundamento de todo o pensamento sério, científico, como pode acontecer que os jornais não talem de um congresso de tão Magna Ciência? Ou prova-se que o Português é avesso à Filosofia, Ciências e Matemática? Se prova, estamos desgraçados.

Vejo num jornal a notícia de uma campanha de Biblias para Angola. Mas então o Governo desta jovem nação, melhor, Estado, permite isso? É que tenho ouvido dizer tanto mal desse M. P. L. A... Mas se permite, que os leitores, que o queiram, entrem na campanha é o livro mais sequiosamente lido e traduzido no Mundo, embora a seguir esteja os escritos de Lenine (não os de Marx).

Fala-se agora muito do estado do Salvador — o único estado que tem o nome de Cristo por nome. Até ver porque às vezes se mudam os nomes às terras. Que pena não conseguirem entender-se sem ser à espingarda! Elas fizeram-se para matar. E a metralhadora pode disparar 2 tiros por segundo. Já viram? Imaginem-se na frente de uma «costureirinha» dessas. Uma guerra civil é a maior estupidez que um povo pode provocar.

Sou a favor de que cada etnia, se quiser fazer, deve Governar-se por si, ser Estado como é Nação.

Análises Científicas da Bíblia

Em honra do meu falecido amigo Ribeiro Novo

v. Deus Proferiu que hoje -

Peço aos senhores leitores que se não escandalizem com o título que dei a isto: até podia parecer que só os homens de agora é que estudam as Escrituras de forma científica. Ora não é assim.

Há tempos, abordei num jornal de Ponte o tema *Bíblia e Ciência Literária*. E quero que as gentes da minha terra, que reputo tão abandonadas, oiçam duas palavras que me ocorreram desse grande Livro. Sobretudo é para os homens. É por isso que não há sábio nenhum, que se preze, que não tenha lido trechos das Escrituras.

AS CIÊNCIAS HUMANAS OU SABERES

A *MEDICINA*, que ensina a curar doentes (pessoas) — como todos sabem — também se debruça sobre a Bíblia e veio a dar-lhe razão dizendo: — É bom, é útil, à saúde das pessoas jejuarem de vez em quando. Quem o havia de dizer?!

Bem sei que os meus leitores não foram ao liceu estudar *Biologia* — o saber que trata das plantas e dos animais. Ora aqui a Bíblia dá muito que suar porque os sábios querem a todo o custo provar que a Bíblia está errada. Por exemplo: que Deus nem criou os Mundos nem os fez em Seis Dias. E lá vemos esses diabitos a vasculhar a terra, os mares, as areias e por fim dizem, muito contentes: o homem vem do macaco! Logo, tem tanto de alma como um macaco! A verdade é que não temos documentos senão desde há uns 5000 anos para cá. Deus podia não

ter ensinado a Moisés como é que o Mundo, as Estrelas, etc., foram feitos. Disse-o, ao correr da pena, sem muitas explicações porque o que a Deus interessa é guiar o homem para o Bem e não fazê-lo Doutor.

Mas é natural que os Arqueólogos (os escavadores dos montes) procurem resolver questões que a Bíblia levanta. Que os Astrónomos (esses que vigiam os céus e as estrelas) procurem saber como é que se terá formado o Sol e a Lua pois se sabe que não vão durar para sempre.

AS VIDAS DAS PESSOAS DA BÍBLIA

Há lá uma *Dona Ester* — e sofreu as passas do Algarve. E uma Rute. E uma Sara. E um David, uns tais Macabeus, um Elias. Natural que nos perguntemos: quem foram esses sujeitos? Porque eram de carne e osso como nós o somos hoje. E é ver tanto e tanto Historiador a vasculhar aqui e ali à procura de saber em que anos (época) viveu a Ester, ou o Elias, já que a Bíblia o não diz.

RESULTADO: não é para habitantes das aldeias, ou mesmo da cidade, ser perito nessas Ciências *ajudadoras* do estudo das Escrituras. Mas é conveniente que se saiba que nem os sábios conseguem explicar tudo quanto na Bíblia se diz. Como é então possível ver gente com a 4.^a classe ditar sentenças sobre qual é o Verdadeiro pensamento de Deus referido nas Escrituras? Acautelem-se.

Francisco de Almeida



Análises Científicas da Bíblia

23 23
523
w116

por FRANCISCO DE ALMEIDA

PARA O CRÍTICO,
SR. MANJÚA

Há tempos abordei aqui o tema da Ciência Literária aplicada a esse conjunto de escritos que são a Bíblia. Que têm a ver as Ciências humanas com a Bíblia?

Convém dizer que tais matérias não são da minha especialidade. Mesmo assim, por me parecer de interesse para os leitores, vou dizer-lhes o que aprendi da leitura de um livro que se chama *História do Velho Testamento*.

Aponta o autor que não é possível fazer uma tal História sem o recurso ao auxílio de Ciências tais como: A Arqueologia, as Filologias do Hebraico, do Aramaico, do antigo Egípcio, do Acádico, do Babilónico, do Persa, do Grego, tudo línguas que para nós são Chinês; é precisa a Geografia, a História das antigas Civilizações Orientais.

A Bíblia dá que suar aos Biólogos, aos Médicos, aos Astrónomos, etc.

C. Sac. 17/9/82
DA ARQUEOLOGIA

Qualquer dos nossos Manuais de Arqueologia fala da época dos Castros, que são essas cidades, agora em ruínas, que houve nos altos dos nossos montes. Os sábios sustentam que foram levantadas desde os anos 800 antes de Cristo para cá. Ali já havia curiosas obras de Ourivesaria (colares, torques, arrecadas, gargantilhas, etc.). Acontece que tudo isso é 800 anos mais novo que os 5 primeiros livros (Génese, etc.); mais novo que o livro dos Reis ou a curiosa História de uma não judia chamada Rute. Os mais antigos Castros serão do tempo de Isaías

que foi um dos grandes profetas.

Acontece esta curiosidade: o Autor cita milhares de outros autores, por Grupos. Por exemplo, os que estudaram os textos de Isaías. E distingue para um lado, os escritores católicos. Fora outro, os não católicos, sistema que mantém quanto a todos os outros livros bíblicos. E é aqui que fico pasmado pela nossa falta de voz: quase só cita ingleses, franceses, alemães e italianos. Em Português, nada! Somos,

ao que parece, de um analfabetismo atroz.

As cidades editoras são Roma, Milão, Paris, Colónia, Cambridge, Nova Iorque. Lisboa nunca. *C. Sac. 17/9/82*

Os livros aparecem na Bíblia por certa ordem. Ensina que ela podia ser outra e não é cronológica. Quer dizer, alguns dos últimos são bem mais antigos que os precedentes. Mas acontecem nisto duas curiosidades: por um lado, nem sempre conseguem determinar a que época o texto de certo livro se reporta; por outro, não são unânimes em que certo facto relatado tenha sido histórico; por outro ainda, às vezes, a feitura do livro foi posterior aos factos nele relatados.

É frequente sustentarem uns que o original foi escrito em Hebraico quando outros contradizem: que o foi em Grego. Discutem se é todo de um Autor ou antes de vários; analisam o estilo, se é do género poético ou outro. Numa palavra: nunca se viu livros mais peneirados, palavra por palavra. O nosso Código Civil não tem uma milésima parte de comentadores!

A energia está a acabar -- um drama próximo

ACÁCIO TORRES

A razão deste meu alarme é esta: chegou-me às mãos uma espécie de caderno com o título — O QUE É A ENERGIA?

Título péssimo para a obra em apreço. É uma edição de 30 mil volumes, do ano de 1980, para por a todos nós: seja, pela Direcção Geral de Energia.

Pretende então o governo: que todos, e cada um dos portugueses, poupe energia, isto é, gastem menos luz. Menos petróleo, menos gasolina, menos carvão. E por aí fora.

CV* 2*/x11/82
Fiz as contas e deu-me 30.000 cadernos, tiro os velhos de 70 anos — 1 milhão — e ficam-me 9 milhões; tiro um terço de crianças que não podem ouvir o apelo e dá-me o saldo de 5.7 milhões de portugueses. Opero mais umas contas e concluo: cada caderno deve influenciar 190 portugueses. Por este apontamento vou atingir 10 vezes mais Interesse aos leitores? Mesmo que não, leiam o que segue.

Diz meu pai que «poupar é na boca do saco». De facto, se o meu saco de castanhas já está quase no fundo, é tarde para ir agora poupar — energia ou seja o que for.

Ora diz o Caderno (e outrora coisas destas aprendiam-se só no liceu):

— que energia vem do grego «energeia» e significa força; que os músculos do homem são acumuladores (caixas da força dos braços; que a força do movimento se pode transformar em força eléctrica; que da gasolina do carro se perde a força em 80%; que do petróleo (cru-de) que sai da mina ou poço nas Arábias 2% são gases, 17% é

gasolina, 23% é gasóleo etc.; que desse petróleo da mina se faz também borracha e plástico e a fibra e até tecidos.

Depois o Caderno dá notícias que são da História das Ciências, a saber: um francês inventou a 1.ª máquina a vapor vai para 392 anos; um inglês, outra, há 273; o italiano Volta, a pila, há 123 anos; a 1.ª central atómica fê-la a URSS há 28 anos (e o maroto do Cunhal a ensinar que nós a não devemos ter!).

O Caderno pede: apague 1 lâmpada 1 hora mais do que costuma, em cada dia e com isso, se todos o fizerem, poupamos, por ano, 12 mil toneladas de fuelóleo! Continua: olhe que estamos a gastar por ano 142 milhões de contos em petróleo — que não produzimos! — Olhe que os «celeiros» que há — de petróleo, de carvão, etc. — nas minas, estão a acabar. Repare que, se até agora o Mundo gastava X toneladas/ano de petróleo e carvão, agora que até as ex-colónias querem ter indústrias, o Mundo vai gastar por ano 2 ou 3 vezes o tal X e isto vai esgotar o dos celeiros não já daqui a 50 anos, mas daqui a 20 ou menos!

Conclusão que tira: — poupe, trave os gastos — até que novas Tecnologias apareçam para nos salvar!

E eu digo — o homem é parvo! Por as esperanças no deus tecnologia Nova, que nem sabemos se poderá vir a existir! Estes materiais são assim: esperam em deuses de rabo de

burro!

Surgem-me alguns problemas como estes: bem sabe Deus que nos tem cá. Mas, não te fies na Virgem: corre, que Deus te ajudará. Se vier guerra, Portugal fica logo de gatas, tão dependente é dos vendedores do «petróleo», (oiçam os que dizem: Independência Nacional — sem pensarem na de 1640, 1 de Dezembro!).

Enfim: os que sabem da «poda» andam cheios de medo. Os que não sabem dela até fazem crosses, maratonas, etc. a gastar petróleo. Só uma ditadura era capaz de obrigar este indisciplinado povo de Portugal a poupar. Não vai com a TV nem com Cadernos.

E se faltar o petróleo? Param as fábricas, instala-se a fome, rouba-se a quem o tenha, matam-se como gatos, enrique-

(Continua na Pág. seguinte)

A energia es

(Conclusão da 1.ª pág.)

cem os produtores do dito (Arábia, URSS, EUA, China), os sem petróleo ou voltam a ser escravos, colónias, ou conquistam, submetem, os produtores (é fácil conquistar o Iraque, a Pérsia, Angola, etc.).

Não poupar Energia é tão

O Respeito pela Mulher em Portugal

Vem este apontamento a propósito de 3 coisas, que são

1.º) estarmos no mês de Maio—mês de Maria; 2.º) ser em Maio o dia das Mães; 3.º) um trabalho que A. Luís Vaz publicou, e me mandou, chamado O Culto da Mulher em Portugal—ano de 1981

Ora bem. Em todos os países elas são mais que eles—e já foi pior, por exemplo na URSS, nas Alemanhas, no Japão, ao findar a guerra de 39/45. Mas já viram

também que povos, como o Japão, pouco ou nenhum respeito tinham pela pessoa da mulher, quero dizer, das pessoas do sexo feminino. No dito trabalho de Luís Vaz são tratadas as seguintes fases de postura do homem (que sempre foi e há-de ser machista, isso é verdade):

a) que a veneração pela mulher nasceu no ano 431, em Éfeso (Concílio), da Turquia actual; b) que ela era uma dissoluta, a diva, e deu meia volta para se transformar em Mãe de Deus, etc. É certo que Vaz reconhece que as feministas de agora querem fazer da mulher a «mulher-de-todos», uma escrava, o que significa voltar ao paganismo anterior a Éfeso, com o que se passará esponja na liturgia católica—que diz feminista—e sobretudo na liturgia de Braga, que tantos anos malhou na bigorna para purificar a mulher Luso-Galaica, que dizem ser «fresca».

É claro que Vaz cita muitos autores para a tese dele, que é esta: se não fosse a Doutrina

Cristã do respeito à Mãe do Cristo, nunca seria possível que a nossa mulher fosse tão respeitada como o é em Portugal. Mas isso faz-me logo pensar que nós a respeitamos a 90%, a Espanha só 80%, a Inglaterra 40 ou 50% e a Rússia 30 e o Japão 10%. Na África pagã, o respeito por ela seria zero.

Evidente é que, mesmo entre pagãos, algum respeito se tem pela mulher. E sempre houve mulheres que se respeitam e outras que se desonram elas mesmas.

O RESPEITO

(Continuação de 1.ª página)

Também é verdade que no Império do Oriente (Bizâncio), que acabou à mão dos Turcos em 1453, a mulher tinha uma posição de «alto lá com ela»: lá houve imperatrizes; por cá, só a partir dos anos 1500. Houve também povos pagãos em que o chefe de família era sempre a mãe (nunca o pai): sistema do Matriarcado.

Está provado que a Doutrina do Cristo obrigou a reconhecer na mulher, mais que o Testamento de Moisés, uma pessoa essencialmente igual ao homem: em ambos um corpo e uma alma, ambos destinados ao Além, ambos res-

ponsáveis pelo bem ou mal que cada um faz, etc.. Isso é da História da Civilização. Mas é curioso ver os especialistas como Vaz a trocar em miúdos os meios que os pregadores usaram: as leituras sagradas, as

cerimónias, a liturgia e destas, sobretudo a nossa, a bracarense. Ora é bom que isso se diga para que se conste e saibamos as nossas raízes.

Obrac. 4/6/83 (Continue) Francisco de Almeida

PELA MULHER EM PORTUGAL

11-6-1983

O Respeito

(Continuação do último número)

Nesse contexto, é fácil ver inserido o Mês de Maio, que na minha Galegos era coisa muito linda, ao tempo do falecido padre Gomes da Costa (António), que era da Ucha e o padre Hélio refere na Monografia de lá. Pois é: o de que me lembro é que a miudagem enchia os bolsos de pétalas de rosa para, na altura própria, lá na igreja, atirar aos ares: quando as coristas cantavam «Flores e Rosas ao Coração de Maria», era a hora! A igreja ficava atapetada de flores. Só era pena ter havido um bruto, que se

pela Mulher em Portugal

chamava Ubaldo (Deus lhe perdoe, pois já faleceu), que se divertia a dar chutos nos pequenos que se agachavam para apanhar pétalas e fazer mais festa.

Aquilo era pagão ou cristão? Ora o abade era velho e não proibia os miúdos de as atirarem ao ar. Logo, era cristão ao modo dos pequeninos. Só uns cabeçudos que por aí há, fariseus, hipócritas, e que pensam que a Senhora de Maio não é servida com estes gestos dos pequeninos. E querem decerto que os populares louvem a Deus sabendo teorias. E não é. Deus o que quer—que há-de ser? é—o afecto, a dedicação, a afei-

ção. Deus é um namorado exigente.

Disse: Respeito pela Mulher. Melhor será dizer: História do respeito, porque sempre houve altos e baixos. A Literatura fala na Poesia dos Trovadores, como respeito há pela Dama. É falso porque era adúltera, tanto como agora. Respeitosa, era-o só por fora. Disse altos e baixos e é certo, como se demonstra por qual. História: Apogeu do Pontificado, Decadência do Pontificado, apogeu das Ordens, decadência das

Para o Dia Mundial das Missões

INTRODUÇÃO

por FRANCISCO DE ALMEIDA

Ao dizer Missões, reporto-me às católicas. Isto porque também os protestantes (América, Inglaterra) cuidam de cristianizar as populações ainda pagãs (não cristãs). Segue-se daqui que, pelo menos na aparência, só o homem branco envia missionários pelo Mundo. Os maometanos, os hindus, os xintoístas e até os cristãos ortodoxos, hoje sob o poder vermelho, não missionam. É curioso saber que foi um leigo, sapateiro, quem impôs a ideia de que também os protestantes deviam fazer outros cristãos.

É um parecer que os antigos cristãos, por exemplo, de Portugal (até aos anos 1400), nada sabiam nem pensavam de cristianizar outras gentes. A febre das missões nasceu

quando se soube de outras terras ainda selvagens, como o Brasil, etc. Mais fogo ainda tomou quando a Europa se fez protestante em metade dela.

Nos anos 800 a actual Alemanha era ainda toda pagã, (os saxões). Modernamente, os outrora selvagens são gente culta. Até o africano deixou de ser selvagem. E o bairrismo dessa gente leva alguns a pensar que o Cristianismo é uma relação com Deus só própria dos europeus, dos colonialistas e por medo do europeu, não recebem o Cristo. Muito mais devia aqui explanar, mas não cabe. Passo à matéria, país por país e se o jornal quiser publicá-lo: é que

(Continua na 6.ª página)

Para o Dia Mundial das Missões

(Continuação da 1.ª página)

bem sei que nem a todos os leitores este assunto deverá interessar, sei breve. Sigo os Apontamentos que fui recolhendo numa Agenda do «Jornal de Notícias», desde há 2 anos e a partir destas fontes: 2 Histórias do Cristianismo, 2 revistas missionárias, notícias dos jornais — tudo como qualquer senhor leitor pode fazer. Infelizmente, Portugal não tem (o nosso forte não é a iniciativa) revistas famosas como uma Catholic News, uma Popoli e Missioni, um Peuples du Monde e verifiquei que raro é o pároco minhoto que pugna por mostrar à freguesia outros viveres, outras gentes. O mal centra-se talvez na Escola, os seminários. Ao assunto.

A POLÓNIA. Sabemos que tem muitos em abundância como nenhuns mais na Europa. O governo, comunista, não pode, mas tem de permitir. Pois bem: entre os anos de 1945 e 57, o governo só deixou saírem 51 missionários, de 58 a 68 — 258, mas em 1978 já deixou sair 100 missionários, por exemplo para a Papua — Nova Guiné, país novo, já muito ao oriente de nós, e para a Tanzânia, na África Oriental.

Começaram cedo: já em 1938 o cardeal de lá organizava um congresso missionário internacional. O Padre Kolbe, há meses canonizado, é polaco. Um irmão franciscano que o Governo japonês já condecorou 2 vezes (lá chamam-lhe Padre Zeno) é polaco. A Polónia é umas 5 vezes maior que Portugal.

Oxalá que assim como, após 25 anos, permitiu a eleição da Miss polaca, permita aos polacos missionar onde os portugueses não podem ir por falta de gente.

O QUÉNIA. Neste país da África oriental vive uma freira que já tem

91 anos. Até há pouco os bispos eram quase todos brancos (como em Angola) e deram lugar aos nativos. Agora, a média dos bispos negros é de 80 por cento. Em 1986 na capital — Nairobi — vai ser o Congresso Eucarístico Internacional (nós acho que ainda o não tivemos). É curioso que até a Etiópia, país de missão, já deu em 1981, uma freira para o Quénia.

EGIPTO: já foi todo católico; depois separou-se de Roma. A seguir islamizou-se e só há cento e poucos anos tem católicos de novo: 3 bispos. Os padres Coptas que voltam a Roma têm de ser reordenados. O Egipto tem núncio junto da Santa Sé. É o país por onde Jesus Cristo, bebé, andou exilado, já naquele tempo! São missionados pelos Padres de Lyon (França), Jesuítas e pouco mais. Os de Maomé são impossíveis de virar cristãos. Os católicos vão em uns 130 mil (gota de água). E foi dos egípcios que todos os monges ocidentais aprenderam a ser monges!

MÉXICO. Oficialmente são quase todos católicos, isto é, baptizados no rito romano. Ainda há 100 anos havia selvagens. O governo comunista de 1920 fez estragos enormes, com o Padre Zé do romance de G. Greene — O Poder e a Glória. Ainda recebe missionários. O cardeal da capital tem 10 bispos auxiliares. Teve em 83 um congresso latino-americano de Missões. Em 1982 exportou 100 missionários (tanto como a Polónia), alguns para Angola. Criou um Instituto de Missões Estrangeiras (como a França tem há 250 anos).

A FORMOSA. O povo é de raça chinesa, muito respeitador dos pais

e dos velhos e por isso critica certas atitudes de filhos europeus. Tem 1 rádio católico, 10 bispos, 2 missionários que trabalham na Comunidade, de manhã, e ensinam catequese de tarde. Tem Núncio em Roma. Os católicos são cerca de 1 por cento.

O CAMBODJA. Aqui foi a revolução vinda do Vietname. Passou a ser da Cortina de Ferro. Tem 3 dioceses. Consta que os bispos e sacerdotes foram assassinados. A ba-

sífia dos nossos incluiu no Padroado de Portugal 300 anos. De facto alguns nossos pregaram no Cambodja tempo!

16-3-1984

Auxiliar

passa Averomar, Valdosen-
de, etc.. A História vai tra-
tar bem mal os contradi-
tores do Arcebispo, penso
eu. As ratazanas! De modo
que na Mensagem há pano
para tudo: o religioso e o
hereje, o sacro eo profano, a
Ética e o Ateísmo, a Biogra-
fia e as biografias. Difícil
ser bispo, disse ele. Pior, se
o é em Braga. Mas o povo
recto ajudará o nosso Dom
Carlos, que dos outros tra-
ta-lhes Deus da saúde.

5/31
Ai que tanto mais, se de-
via dizer nesta oportunida-
de e o papel, medido, mo-
não deixa! Fique já esta
nota que vem na Mensa-
gem e se adequa a este pe-
ríodo, a saber: 1.º Justiça
ao clero minhoto (Pg 67) e
hei-de falar-vos dos santos
que foram párocos em Ga-
legos; 2.º Exortação em
Quinta-Feira Santa (pg.
197). Comparando, por
exemplo, a Mensagem, com
as Sementes de Esperança,
do D. Prior, vemos duas al-
mas tão diferentes!

FRANCISCO DE ALMEIDA

COISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

Análise Social

São hoje 13 de Janeiro, Sexta-feira. De Portalegre veio-me um jornal, outro de Famalicão e 3 de Barcelos. Com isto tudo, vou descrever e comentar o que somos. V. 11.º. 21. I. 84

Pequena Densidade dos Jornais: na «Voz do Minho», assinaturas: S. Veríssimo, 2; V. Frescainha, 2; Cidade, 4; Silva, 1; Fão, 1; Antas, 1; Porto, 2; Alvelos, 1; Carvalhal, 1; Lijó, 1; França, 2; Alemanha (R.F.A.), 1 e Lisboa, 1. A este respeito, louvo-me na revista «Além-Mar», de Janeiro de 84 (42 págs.): Cartas de assinantes, 6; artigos sobre o Sudão, 2; Pensamento de africanos, 2; Entrevistas, 2 (sobre a China e sobre o Brasil), Gráficos estatísticos, 5; Entrevistas sobre leprosos, 9; jovens e seu destino, 1. Ora o que eu ouvi é que a impressão sobre a nossa comunicação regional não é nada favorável. Vejo monopolizar: sobre os bombeiros e sobre as Marinhas (e logo o desporto) e ainda de Vila Chã, mas esta merece toque à parte. Vejo transcrever-se (decerto homem idoso) em 1/4 de página, artigo velho sobre Barcelos e o Turismo. Vejo uma manta de retalhos sobre a Franqueira. De informação, pouco mais que isto: que o Governo vai importar batatas e acena com começos da Ponte lá para o fim do século; que o salário médio em França vai em 97 contos/mês e na China (só comem arroz) há 3.764 sujeitos com mais de 100 anos e 36 com 120 a 130 anos, o que me faz recordar as boas idades do livro do Géneses, desta forma: «Viveu porém Adão 130 anos e gerou... Seth e depois que gerou Seth, viveu Adão 800 anos», «e Lamech depois de ter gerado Noé, viveu 595 anos». Que falta então para fazer que nas freguesias haja maior densidade de jornais e comunicação?

O Bom e Bem Informado: 1.º — A sátira em quadras, do D. Mesquita, de Forjães (saborosas e engenhosas, dizem mais que um Tratado); 2.º — A Carta do Gil de Airó à mulher (ou namorada), de Cabinda, 1971 — o que me leva a sugerir que se publiquem outras (prosa ou verso) que aí deve haver; 3.º — O sintético Movimento Demográfico havido em Fragoso em 1983: cresce o saldo fisiológico a olhos vistos: nascimentos (diz baptizados) — 20 rapazes e 35 meninas (estes desfazem a regra de 105 rapazes para 100 meninas, que é geral), contra os 10 óbitos de homens e 14 de mulheres. Uma informação anual assim é do maior relevo; 4.º — A Experiência com casais, feita em Galegos,

(Continua na página 4)

nr tem mais 194
e 12 tem 4 pags.

534

76

28

COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da pág. 1)

21.1.84

em que suprimiria o 1.º parágrafo e algumas frases mais para aclarar o relato e torná-lo mais leve. Anoto-o porque é raríssimo ver um pároco contar o que faz e o que vai fazendo. E entendo que não devem guardar tais experiências nem os números. Ficamos a saber que de 77 a 83 se formaram lá uns 120 casais católicos (as famosas igrejas domésticas), que desses convidados, uns 50 não aceitaram o convite (porque será?) e que dos presentes (umas 150 pessoas), 3 por cento querem essa reunião repetida de ano a ano; 20 por cento a querem de 6 em 6 meses e 70 por cento, de 4 em 4 meses (3 vezes/ano). Mais ainda: deu-lhes cinema apropriado e palavra escrita para ler e reflectirem nas igrejas lá de casa. E isto, a generalizar-se, torna a nossa gente lida, cultivada e capaz de defender e «gostar» mais do seu pensamento (não só religioso e moral). Ao ver isto e ao ler que na URSS ainda proíbem ter e ler o famoso romance de ficção (futurológica) que tem o nome de 1984, a gente fica grega, de pasmada, com as liberdades dos comunistas!

120 c. + 240
 170 - 50 (100) - 120
 80 - 40.
 20 - 84.

B

O Pobre São Lourenço — Em Galegos é agora o Santo Amaro e se calhar vai dar a mesma impressão que deu Vila Chã, com as festas ao S. Lourenço. Profanaram-no e ao dinheiro que do Santo era — e logo, sagrado com um gasto total de mil e tal contos. A população também carece de festas mas 5 grupos folclóricos? — Não estamos no Algarve; 4 bandas de música? — Não são as Cruzes. Os mais gastos foram nos foguetes. Que ficasse zero. No serviço religioso — 7 contos. Ora que foi feito das Esmolas obtidas no Terreiro (37,85 contos) e das da «Capela e prato» (49,623 contos)? Das duas uma: a festa ou é só profana — e então gastaram as esmolos (sagrado) ilicitamente (imoral) ou é também religiosa e então deviam separar as receitas para destinar o religioso (esmolos) ao religioso: fundo de reparações, ajudas a necessitados (queridos de Deus), bolsas missionárias a cargo do povo de Vila Chã, fundo de previdência aos ex-párocos, velhos e pobres, auxílio à paróquia do 3.º Mundo (da Ásia, da África ou da América Latina), às vezes tão carecidas, ajuda aos que nascem diminuídos (senão cuidam que é melhor abortarem), achegas para combate à lepra (ainda há pelo menos uns 4 milhões com essa terrífica doença). Deste modo, é-me impossível louvar a Comissão das Festas ao S. Lourenço, em Vila Chã: os critérios dos sujeitos, se não o foram, parecem só a vaidade, o espanto, o estalão. E o que é demais é erro. Por acaso lembraram-se de editar um folheto que relate qual foi a Vida e Valentia desse Lourenço? Lamentável numa terra de baptizados, porque o Espírito foi soterrado pela Matéria. v. u. 21.1.84

Espero que ninguém se ofenda, mas o que aí fica não é para cair em saco roto. Entendido?

Francisco de Almeida

ALGUMAS NOTÍCIAS

POR
Dr. Francisco de Almeida

1.a) Pelo menos, dos africanos ainda se não diz o que um Cardeal brasileiro refere, na Além Mar, acerca do que dizem da América Latina, a saber: que são quase cismáticos e até herejes. O Cardeal nega, mas que alguém acuse isso, já é sintomático, sobretudo para uma região que concentra hoje o maior número de católicos: 49% de quantos há na Terra (a Europa tinha 50% no ano 1900 e hoje nascem poucos e os pais não baptizam os filhos?— a Europa já só tem 34,35% dos católicos do Mundo (o continente está a perder peso). E contudo (efeitos da inércia), a Europa é o continente mais rico, também em padres: 58,4% dos padres do Mundo nasceram nesta Europa.

0 Barc 4/2/84

2.a) Coisa curiosa: a Revista Além-Mar de há tempos informava que na Coreia do Sul não há seminários menores (os correspondentes aos nossos liceus) porque não são precisos: lá os candidatos já aparecem com o liceu feito e além disso, são como a chuva: Portugal terá este ano uns 100 filósofos e teólogos, ao todo. Pois a Coreia do Sul tem 700 e tal (só em 83/84 admitiu mais que 200). Assim, os católicos coreanos estão a crescer à razão de 10 por cento ao ano. E a Europa ou Portugal? É como Deus permite, mas ainda no dia 15 de Janeiro tomou posse da paróquia lisboeta um sujeito que deixou a Medicina e se fez sacerdote. É o Dr. Miguel (que o Sr. Patriarca mandou—quer—que continuasse a dar aulas de Biologia no Liceu para ser lá, um

DA RONDA DO MUNDO

testemunho de Cristo).

Uma sugestão: acho que cada conselho paroquial barcelense, se os há, devia cuidar de que a freguesia assinasse uma revista com a Além-Mar, que atrás citei: muito noticiosa, tem bonecos de todo o Mundo e custa barato.

ALGUMAS NOTÍCIAS DA RONDA DO MUNDO

(Continuação da 1.ª página)

o do nosso Salvador que disse: que te vale ganhares tudo cá, se não ganhas a tua alma? Temos que Cristo e os mestres (ascetas) indianos coincidem. Não é espantoso que só pela «cachimónia» deles chegassem à mesma conclusão que Jesus ensina? Para ganhar a alma, alguns do Ocidente se fazem monges e freiras. Ora o mesmo aconteceu sempre entre os indianos (eles têm monges e religiosas). Não acabo de entender como isto aconteceu e como é que a Índia ainda não se fez toda cristã (embora já tenha seus 7% de católicos e com os protestantes, 10 de cristãos).

3.a) Para ganhar as almas, muitos italianos da cidade de Medine criaram Associação «Os Amigos dos Leprosos», diz a Fat. Missionária: juntam dinheiro para medicamentos, dispensários, etc., para leprosos, por exemplo no Quénia (África) e na Índia.

Pois não querem ver que há Governos que fecham os dispensários para que no Mundo se não saiba que nas suas gentes ainda há a lepra?

Por isso esses coitados serão ainda uns 10 milhões no Mundo. E Cristo já não anda a curar leprosos, como no seu tempo fez. Que nos falta: um pioneiro que crie entre os barcelenses o mesmo que os de Medine criaram. Em vez de gastarem tudo (até dinheiro sagrado) em fogo, como escrevi em apontamento para outro jornal.

4.a) Fico um tanto perplexo ao ler a arrogância com que falam os novos líderes religiosos africanos acerca do missionário branco. E poucos líderes a África tem ainda. Por exemplo, dizia o bispo Vieira Pinto sobre Moçambique: ouvido) e rebeldes.

as paróquias aumentam—vão em 3.500 (Portugal, umas 4 000), mas os padres naturais são apenas (ainda) 35, os irmãos só 14 e as freiras, 180. Estes rapazes novos têm de amadurecer muito; estão como os jovens cá: sabichões (de



Nome	_____	Nº	____/____
Disciplina	_____	Curso	_____
Lisboa	____/____/____	Rubrica do Docente	_____
Classificação	_____	Obs.:	_____

Carta de Lisboa

POR
Dr. Francisco de Almeida

Uma pessoa amiga acaba de receber um livrinho curioso que é este: Quem é o Padre Pio? Não o li, mas folhee e foi isso que me fez vir à ideia o escrever esta aos leitores de O Barcelense.

Como carta que é, dirá nela de variados assuntos, a esmo, ao correr da pena, de Portugal e de fora dele, para os em Barcelos e os que se espalharam por esse Mundo de Cristo.

A)—ao recordar os nossos emigrados, dir-lhes-ei o seguinte: vi que até na Austrália, que só tem brancos desde há 205 anos, há 30 mil portugueses! É obra. Se algum na Austrália me ler esta carta, agradeça-lhe que acusasse a recepção dela escrevendo o que queira para o Barcelense. E sa-

biam que na ilha de Ceilão, hoje o Estado do Sri Lanka já nos anos 1700 viviam 40 mil descendentes de portugueses? Se os nossos políticos cuidassem de contactar com esses do nosso sangue, quanto melhor nos iriam as coisas aqui em Casa!

B)—«Ao fazer desta» verifiquei que tenho aqui uma série de artigos que escrevi não sei já quando, mas não fiz seguir para a letra redonda: porque eu escrevo sempre à mão; de tal modo, que um dia me escreveu o Padre Dr. Abel, o ilustre autor de um estudo que vi sobre Siglas ou letras nas pedras das igrejas—e me dizia isto, mais ou menos: os jornais de cá, às vezes têm suas gralhas, mas ao ver o teu manuscrito, nem sei como elas são poucas! E com razão assim falava. Vale que os

(Continua na página 4)

CARTA LISBOA

Continuação da primeira página

nossos tipógrafos são uns ases a ler manuscritos, honra lhes seja. Mas digo-vos os títulos, que já elucidam alguma coisa:—a) As ligas de ateus militantes (coisas da Rússia e de todos os de Leste—até da Jugoslávia);—b) Arménios e Turcos—e recordo aqui que na Vida do Padre Francisco Xavier, publicado no ano 1600, se diz que já nos anos de 1520 havia arménios na Suécia oriental:

foi um deles quem indicou aos portugueses de lá o sítio onde terá sido morto e enterrado o apóstolo São Tomé;—c) Impactos do Natal por esse Mundo: aí se dizia que na Índia actual, a população aumenta à razão de 2,5 por cento ao ano, mas os católicos, à razão de 5 por cento ao ano, o que significa que Cristo «impacto», impressiona;—d) Uma tese: a de que a História podia ter sido muito diferente do que foi—e acusava os professores de

não terem posto os alunos a virar a História do avesso, pondo-lhes problemas; por exemplo:—Suponham que Alexandre Magno tinha conseguido ligar a Grécia à Índia—que se daria? ou: se não tivesse existido Maomé, quantos séculos mais cedo a Europa contactaria com o Japão, a China e por aí fora? Isso punha os rapazes a raciocinar e a medir a responsabilidade de alguns actos ruins das pessoas, deles inclusive;—e) O peso dos sujeitos da 3.ª Idade—meditem só nisso, agora que o Aborto foi em 3 casos retirados da nossa lista de crimes: não teremos mais portugueses que nos honrem, labutando por esse Mundo além;—f) A Páscoa por esse Mundo—e referia que somam já 2 biliões (2 vezes mil milhões) os que todos os anos celebram o Cristo pela Ressurreição;—g) e umas Coisas de Longe e de Perto—em que sustentava que tanto o P.S. como o P.S.D. eram traidores do Povo que neles votou, caso aprovassem a lei do aborto. De facto, o que o PSD tinha de fazer era romper com o PS e deixá-lo aos amigos, os do Cunhal. Não o fez porque... e não é por causa do bem de Portugal, deixe-se de tretas que nem todos são parvos;—h) Para a história de Barcelos—leitores da Monografia de Vila Seca—e isto irá outro dia.

Continua

A PROPÓSITO DO NOVO BISPO AUXILIAR

Os jornais, até de Lisboa, noticiaram, há dias, que Braga vai ter novo bispo auxiliar, na pessoa do Padre Dr. Carlos Martins Pinheiro, que vem de vigário geral na diocese de Viana. Ora vi, há tempos, que, em Angola, se deu facto semelhante, desta forma: a diocese do Uíge (terra do café, onde pernoitei uma vez) era enorme e por isso a Santa Sé resolveu parti-la em duas: a nova chama-se Ubanza Congo (o Congo já foi reino), tem 39 000 kms quadrados (mais que 1/3 de Portugal) e 200 mil habitantes (destes: 100 mil católicos, 37 mil protestantes, etc). Pois o bispo escolhido para a nova cátedra é o vigário geral da do Uíge—um padre capuchinho, negro, 45 anos, a ordenar em

PELO
Dr. Francisco de Almeida

Roma pelo Papa. Temos assim que há um novo estilo para a escolha dos bispos—homens com experiência de governo. Mas reparo eu: sendo a escolha do sujeito X para bispo da diocese, um facto religioso, porque será que os jornais de cariz político andam tanto a par disso?

Deste modo, as nossas gentes terão em breve entre eles um novo Pastor.

Mal conhecemos a História desta nossa Arquidiocese. Mas a verdade é que já os bispos dos anos 1500, em Braga, tinham seus auxiliares. De 1500, um foi escritor e da nossa região.

Veja o Dr. Teotónio para a freguesia de Vilar. Então o Auxiliar actual vai ocupar outro posto? Devemos recordar que, quando os tempos foram outros, portugueses houve que foram bispos de franceses, de italianos, sem falar já dos missionários pois demos bispos ao Brasil, à China, ao Japão, e ainda estes dias, um

(Continua na 4.ª página)

A Propósito do Novo Bispo

(Continuação da 1.ª página)

dos Arcos passou a bispo de São Tomé e Príncipe. A simples escolha de bispos para todo o Mundo, que trabalhadeira para o Papa!

Ao falar do novo Auxiliar de Braga, recordei que há nos nossos jornais alguém que não perde oportunidade de elogiar o falecido Arcebispo, D. Francisco. Não conheço a obra dele senão pela imprensa, sempre agitadíssima. Mas tenho dele um livro que decerto, raros dos meus leitores terão, a saber: Mensagem—ano de 75. Os que leram a Mensagem que me acompanhem e corrijam, havendo erro.

Aqui pelo Sul, era tido como ditador, etc., etc.. E a verdade é que a pessoa do

pároco ou do Bispo ou do Papa, pode ser considerada em 2 ângulos: como homem, é da nossa raça, cidadão, criticável; como mestre religioso, intocável. Ora aconteceu que D. Francisco, ao que me parece pela leitura da Mensagem, era um alto servo de Deus, mas, como homem, deu ouvidos demais aos que o caluniavam, queriam que resignasse, etc.. Só que o «homo religiosus» não é duplo—é-o enquanto ser humano. Sem isso, Cristo não ia buscar o verinoso Saulo, para o alisar e transformar em Paulo. Paulo é de uma lógica cerrada a escrever, o que não acontece com Pedro ou João, que não tinham sido doutorados como Paulo o fora.

Mas o Arcebispo era dou-

torado e fala na Mensagem sempre como um intelectual: ele sabia o Paulo VI e o Pio XII e o Vaticano II e a revista francesa Ecclesia, etc., etc.. Andava a par de tudo. Ora é bom que o povo o saiba: como o bispo não nasce ensinado—canté!—necessário é, como disse D. Francisco, estimar as calosas mãos do operário, até porque o Cristo tinha calos, sem desestimar os que, por obrigação, trabalham no que só faz calos na cabeça—e cabelos brancos.

A Mensagem foi actualíssima e ainda o é. O Arcebispo era corajoso. Sem isso não escrevia da Greve, do Divórcio, da Propriedade, etc., nos anos de 74 e 75. Para mais, foi picar na toca os ditos «Cristãos para o Socialismo», iguais aos da actual Teologia da Libertação. A Mensagem marca os Católicos da nossa região para a época do Gonçalves. Quem sabe se algo do que hoje somos se deve ao falecido arcebispo? Lá per-

Resposta Despretensiosa ao Artigo

"Na Páscoa de 1984"

1224

por A. GARIBALDI

O sr. dr. Francisco de Almeida, que não tenho o prazer de conhecer, deu-me a subida honra de perder algum tempo a engenhar um pouco de prosa sobre a minha humilde pessoa e alguns modestos trabalhos literários da minha autoria.

Não se trata de um estudo crítico, mas de uma amena e até certo ponto jocosa diversão de pessoa que revela ter bem marcadas aptidões de charadista.

Como não sou pessoa de preconceitos, nada tenho a ver (e muito menos combater, o que revelaria des-cortesia da minha parte) com as opi-

niões religiosas ou políticas do sr. dr. Francisco de Almeida, que neste seu escrito se me apresenta de corpo inteiro.

E sem dar quaisquer explicações (que a ninguém devo), sempre direi que muito admiro a imensa figura do sr. Jesus Cristo, não como homem-místico, mas como homem-revolucionário.

Exactamente porque era revolucionário (e não pelo seu misticismo) é que os possidentes do seu tempo o mataram. Sublevava as massas po-

(Continua na página 6)

"Na Páscoa de 1984"

(Continuação da 1.ª página)

pulares exploradas. Não conyinha aos poderosos.

Se vivesse em nossos dias, o sr. Jesus Cristo seria marxista — e Salazar fê-lo-ia despachado para o Tarrafal.

A um fiel discípulo seu, o sr. padre Mário de Oliveira, mais ou menos isso sucedeu. E se não foi parar ao Tarrafal, pelo menos espetaram com ele nos calabouços da Pide. E porquê?

Exactamente porque o sr. padre Mário de Oliveira procurava seguir os ensinamentos do sr. Jesus Cristo, baseados no amor aos humildes e na luta contra os poderosos opressores.

Sendo o sr. Jesus Cristo um homem de tal dimensão moral, só por absurdo ou pouca inteligência poderá ser-se contra ele.

Como não poderei eu admirar um homem que azorragou os vendilhões (e hoje ainda há tantos, que procuram viver à custa do seu nome, não praticando o seu exemplo admirável)?

E aqui me lembro de Junqueiro, quando dizia:

«...funâmbulos da cruz,
Que andais há mil e tantos anos,
Vendendo, explorando o corpo de Jesus...»

De resto, tanto na minha modesta obra literária, como na minha apagada acção política, nunca estive em causa a figura ímpar do sr. Jesus Cristo.

Para que veio o sr. dr. Francisco de Almeida lembrar isso?

De raspão, e talvez a despropósito, o sr. dr. Francisco de Almeida, no hábil jogo de paciência que é o seu escrito, refere o sr. Moreira das Neves, pessoa que muito admiro, não

como padre político, mas como excelente poeta que é.

Talvez se saiba onde o sr. dr. Francisco de Almeida quer chegar. Mas, neste ponto, penso que uma coisa é o ideário virginal do sr. Jesus Cristo, outra coisa é o aparelho clerical, com os seus interesses e posições de supremacia. São coisas diferentes, que sempre será cómodo dissociar.

Vai sendo tempo de eu acabar esta lenga-lenga.

Tenho, no entanto, esta opinião:

Para se falar de qualquer pessoa, é preciso conhecê-la muito de perto. De contrário, poderemos incorrer em disparates ou inexactidões. Conjecturas não podem fazer fé.

E outra opinião conservo, que os anos me foram ensinando: que aos velhos, por demais vividos, não devo dar conselhos, o que seria uma deslealdade. Por mal dos meus pecados (ouço, ali do lado, um malandro dizer que devem ser muitos...), também já velho vou sendo.

Mas confesso que achei divertida a prosa do sr. dr. Francisco de Almeida, em que até parece aflorarem generosos sentimentos, que me cumpre agradecer.

Como tenho um bem treinado espírito desportivo, e por isso ser saudável, encaro sempre com bonomia e boa disposição quantas veleidades ouço dizer ou exhibir-se por esse mundo fora.

O que quer dizer que, pelos seus graciosos malabarismos charadísticos, a prosa do sr. dr. Francisco de Almeida teve exactamente o mérito de me causar um pouco de bom humor, o que reputo magnífico para a bruma do meu outono...

Os Portugueses descobridores da Oceania

O Papa na Oceania

Curioso este nome de Oceania. Ainda ontem, 1 de Maio, vi no Centro Comercial da Portela, (que alguns leitores talvez conheçam) um novo Dicionário Etimológico, quer dizer: que explica as origens das palavras. No fundo, tais explicações nunca explicam grande coisa. Por exemplo, homem. Dizem os etimologistas: deriva de humus, da raiz tal, que em Sânserito, quer dizer barro. E porque é que os antigos ao barro chamaram barro? Leiam o livro do Génesis (Velho Testamento) pois tem um relato sobre isso das palavras que os homens usam ao falar uns com os outros.

CV-24-584

Mas Oceania — palavra artificial, inventada há pouco — significa terras (muitas) espalhadas por um Mar, Oceano, que no caso é o Pacífico. E digo eu: nome mal posto porque, a Cuba, Haiti, Barbados, etc., se não chamou Oceania e sim Antilhas. Então podíamos chamar ao conjunto de ilhas como são a Austrália, Bornéu, Nova Guiné, Bismark, Celebes, Havai, Fiji, Carolinas, etc., Antilhas Ocidentais. Mas acordo, convenção, a essas ilhas, que ficam para o Ocidente dos E.U.A., chamamos Oceania.

Ora bem: quem primeiro descobriu — e delas deu notícia — foram os barqueiros de Portugal, a seguir ao grande Vasco da Gama, cujo túmulo o majestoso ex-convento de Belém (Lisboa) guarda.

Por exemplo: no livro de que já num dos nossos jornais falei — o Rópica Pnema — que o Dr. João de Barros escreveu em 1532 e foi reeditado agora em 83, Barros disse na carta com que o remeteu para ser impresso em Coimbra: «Estes dias passados lhe mandei pedir por mecê que... Quando me ouvistes em Maluco...». Quer dizer: o amigo de Coimbra, a quem Barros escrevia a carta, foi governador (defensor, capitão) do Castelo ou fortaleza (e posto comercial) que Portugal levantou numa ilha das chamadas Molucas (pronúncia dos Ingleses para as Malucas — de Malik — que é árabe). Ora as Molucas são aí a centésima parte de toda a Oceania. Trazíamos de lá produtos raros.

Pergunto então: 1) quais são exactamente as ilhas, da Oceania, em que os barcos portugueses fundearam, para deixar carga ou meter carga, desde 1500 até 1599? — 2) quais são as ilhas da Oceania em que ainda há vestígios de castelo ou fortaleza ou ancoradouro ou canhões ou igrejas ou casas erguidas por gente nossa? Não vos sei dizer. Sabê-lo exigia muitas horas de investigação. Mas, como ve-

mos pela Rópica Pnema, o tal captao, quando lá nas Molucas, aproveitou para ir lendo trabalhos que o Dr. Barros tinha publicado aqui em Lisboa, talvez as Décadas da Ásia.

Já escrevi que os de lá dos Orientes não-de ler o Canto Décimo dos Lusíadas (e repare que há lá as ilhas Lusíadas) porque fala deles. Ora os da Oceania andam a escrever suas respectivas histórias. Por exemplo: os japoneses, sua história cristã, em 10 volumes; os da Nova Guiné, na mesma, pela pena de um americano. Será que esses diabos vão escrever suas histórias sem falar nos portugueses? Com gente que se prezasse, teríamos de vigiar isso. Se

(Conclui na pág. seguinte)



O Papa na Oceania

(Conclusão da 1.ª pág.)

em Malaca ainda se fala português — o Papiá, Cristão (linguarejar que lhes ensinamos)! Se Singapura, um dos melhores monumentos que tem, é a nossa igreja de São José! Por isso tudo, merecia duas palavras o recente Comunicado dos bispos acerca de Timor. Só que andamos muito entretidos em saber se o 25 de Abril valeu a pena! Olhem o que ele fez a Timor!

Pus-me a folhear a Geografia Humana do francês La Blache. Desatualizada. Mas não deixa de referir como estes povos oceânicos (Samoa, Salomão, Papuas, Hawai, Fiji, etc.) faziam suas casas, esculpiam suas máscaras, cultivavam suas terras, etc..

Pois bem: é sabido que há uns 100 anos, os Americanos roubaram as Filipinas aos Espanhóis (que donos coloniais eram); que na guerra de 14/18, os Alemães perderam quanta ilha tinham na Oceania (por exemplo, as Bismark); que na de 39/45 os Japoneses se assenhorearam de quase toda a Oceania (até o nosso Timor sofreu, mas Salazar lá conseguiu que no-lo restituíssem). Segue-se daqui: 1.º que antes de serem descobertas e colonizadas, cada ilha tinha sua civilização, às vezes terrível como as Dobu; 2.º que a seguir foram modeladas à moda alemã, umas à moda americana, holandesa e inglesa. Hoje, o modelo é o dos Estados Unidos. Mas nem a China, Japão ou URSS, deixam de influenciar também. Aquelas ilhas formam hoje vários Estados: um dos EUA e o Samoa e o de Salomão e a Papua Nova Guiné, etc., no geral, democráticos (seus partidos, liberdade religiosa, etc.).

E o Papa? Se virem por exemplo a História Secreta dos Oceanos (de Robert de la Croix) verão quantos navios se afundaram entre estas ilhas desde os anos 1700 para cá. Quantos náufragos (brancos) os então selvagens não assaram e comeram? Comove a de um que foi encontrado 17 anos depois do naufrágio já de todo selvagem como os da ilha em que se recolheu.

Neste ano de 1984, cuido que não há pedaço de terra nestes Mares do Sul que não esteja identificado. Mas ainda há pouco não era assim. As relações destas gentes são muito por barco entre elas e o Japão, elas e os Estados Unidos (Califórnia), elas e o Chile, elas e a Austrália, elas e Hong Kong. Talvez até com Macau. Desta vez o Papa visita só 2 ilhas (2 Estados): Samora e Nova Guiné. E Macau? E Singapura? E as Molucas onde baptizámos gente? Aquilo é enorme e disperso. Tem de ficar para outros Papas. Como é que a Espanha está a acompanhar esta ida de Roma às suas ex-colónias? Um laço de solidariedade histórica nos liga a diversas gentes da Oceania. É oportuno rever nossas antigas andanças por essas bandas acidentais. E isso fizemos quando só éramos 10 por cento de quantos somos hoje — éramos 1 milhão de Portugueses.

O certo é que nem os Portugueses descobridores nem os do século XIX pensaram nunca vir a ser possível que o Papa pisasse a Oceania. Que mais maravilhas nos trará o 3.º Milénio depois de Cristo? Um Papa chinês?

ACÁCIO TORRES

Os Chorões — Um País de Pessimistas

por Francisco de Almeida

Contava-me hoje uma Dona que ficou impressionada ao ver outra, de seus quase 60 anos, a falar:—tão alegre e risonho que espalha à volta dela saúde a rodos. Pois bem: consigno aqui o facto porque vai sendo muito raro. Os jornais só contam desgraças, os políticos só falam de crise, mas esquecem a que eles próprios provocam. Até uma fracção dos socialistas já veio alertar que alguns já clamam ser preciso outro Sidónio. Decididamente: somos, muitos, belos pessimistas. E sem razão. Querem ver?

Abram-me um Manual de Genética Humana. Que vêem? Quer queiramos ou não, temos de reconhecer que certos X por cento da população nascem com tendências a mais, quero dizer, a mais para o mal. Um grupo é tarado pelo sexo, outro é—o para a pinga, um 3.º para viver à custa do vizinho (ladrões), um 4.º tem o sexto de se matar, um 5.º para não respeitar o pai nem a mãe nem a polícia nem a lei.

Abram-me um livrinho que aí anda traduzido: *C. Sax. 75/6/84*

A Depressão Nervosa (da Eurppa-América). Aí tem um, nem sabe porquê, sente (apalpa, quase) angustias, outro só sonha enredos tremendos, outro tem medo de adoecer, mais outro que não tem vontade de nada.

E depois? Psiquiatra, psicanalista, tranquilizantes, etc. E porquê isto? Por muitas razões de fora (desemprego, divórcio, medo de perder o marido—outra lho roube) e de dentro: falta de coragem (fortaleza, dirá um catecismo), de apoio de Deus e dos Santos e a própria construção da pessoa (é defeituosa).

Quer-me então parecer que de duas uma, ou talvez ambas: ou a nossa raça é, defeituosa (temperamento triste, imprevidente, estúpida)—e nada há a fazer ou assim não é, e são os casos de fora, o ambiente, que nos faz chorões—e então só há uma via: arrancar as raízes dessas más causas.

Na verdade, dizem alguns filósofos, o problema é bem outro, a saber: não é possível que um homem exista sem sofrer, sem desgostos, sem a dor. Porquê... o dono da Seara bem escolheu a semente do trigo que lançou à terra, mas o vizinho foi-se de noite e semeou-lhe ervas ruins. O diabo! E a gente paga-as.

Concretizando, se não, como me fizeram há dias, o correio exige-me 32\$00 de selos nesta carta (que o papel é pesado) e não estou para isso:

(Continua na página 6)

OS CHORÕES —

(Continuação da 1.ª página)

1.º) é certo o que disse M. A. no Cardenal de 25 de Maio: poupan, os estúpidos, no que não devem e gastam à toa no que não devem e gastam ponto de Mário Soares se ter vindo defender de que, não viaja demais, não senhor. Mas o certo é que o Santa Comba não viajava e a mim parece-me que os governos são acimados de tudo, turistas, Eanes, incluído;

2.º) Não temos que chorar a morte do Pereira da P. S. P. Cumpriu. Morreu no posto dele. O que interessa é que Deus lhe pague a defesa e a honestidade, de que se seja louvado. E cuidar dos vivos—a viúva e os filhos. Assim não sendo e não se movendo há-de querer ser polícia, defesa contra o mal? Por isso, acho forte classificar a nossa Sociedade de Pantano, embora o Pereira fosse Fior (não discuto, dou graças a Deus por os haver tais).

Em resumo: mesmo com lei do aborto, há-de haver milhares a recusar pagar (que na corrompida Roma, num País de católicos). Mesmo com lei de divórcio, sempre os haverá a recusá-lo, como Deus mandou.

Aos outros há que compreende-los, me oponho aos que dizem aos 4 ventos que as famílias (todas as famílias) se corrompem. *C. Sax. 75/6/84*

Oponho-me aos derrotistas para quem já não há o Sagrado: tudo se profanizou, secularizou, etc. Erro crasso e abuso porque Deus é pai, os tempos são outros e várias pessoas

sotrem demais. E ainda: é normal numa época ser cristão e depois pagão e corrigir a seguir os erros. Senão ainda há?

Recuso por isso dizer mal do que maus, mas prefiro que se corrija onde deve—nas causas, nos pecados, nos vícios, na lógica das coisas e nos pensamentos. Afastem-se dos chorões e façam o que recomenda o tal livrinho a folhas 178, pela mão de Dr. e Cláudio

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

O vespeiro da América Latina

Chamam América Latina aos países americanos que falam Português ou Espanhol. Dela tratou um francês, em 1969, em livro que a União Gráfica fez traduzir, mas ficou quase esquecido. Culpa dela e nossa — dos católicos. Os problemas que o livro aborda são cada vez mais da ordem do dia. Assim: a Colômbia anda aos pulos com terroristas de lá. O Chile é o que se sabe. A Nicarágua vai ficar decerto a ser a 2.^a Cuba e o Salvador, veremos. Bom: mas há 50 anos, o México era tão comunista como a Rússia e aquilo passou-lhe, ao menos até agora.

Uma terra enorme, ainda vazia de gente. E apesar disso, com fome. Falta-lhe a técnica — que o povo não se alfabetiza e educa em 2 dezenas de anos. E só desde 1820 é que estes países deixaram de ser colónias. Desde então, andaram, progrediram muito: basta dizer que em 1820 o Brasil, só tinha uns 6 bispados e agora são quase 300 e os bispos (auxiliares e tudo), quase 400. Que colosso!

Pois é. Mas as populações dividem-se: para uns (pág. 11 do livro): «O Barbudo de Cuba é... para outros e com maior número... Fidel está ao nível dos grandes libertadores». Ao todo são 20 nações, população muito jovem, as aldeias crescem e fazem-se vilas. Nos anos 60 (há 24 anos) metade das pessoas eram analfabetas. E o Autor conclui: por não saber ler, metade dos rapazes ficam logo afastados (incapazes), de ser sacerdotes. E digo eu: cá sabem todos ler e nem por isso escolhem ser padres, por isso a causa não é essa.

Conta que, ao contrário da Europa, as paróquias rurais lá (as do campo) são enormes, os párocos paupérrimos e chega a haver famílias que, anos e anos, não conseguem sequer ver o seu pároco.

(Continua na página 4)

COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da pág. 1)

Caso para nós dizermos: que luxo este em que nós vivemos! Então como é isto? É que os bispos concentram os padres (poucos) que têm sobretudo nas cidades — recorda o Sr. prior no Bem Amado, Sucupira. Porque é nas cidades que o futuro católico ou protestante — ou ateu da América Latina se joga.

É população pobre: sem terra sua (só rendeiros), sem empregos, sem grande vontade de trabalhar, com poucas fábricas. Mas como cá, desejosa de bons salários, bom carro, boa roupa, reforma, etc. Ora os comunistas prometem isso tudo e tentam ir ao poder (governo) ainda que à força das armas. Segue-se daqui um desassossego enorme, revoltas, sonhos, etc. — um vespeiro. E por outro lado, custa sempre aos de cima largar o tacho.

São católicos, mas... não vão permitir, de graça, que lhe levem o que julgam seu. Nem — coisa curiosa — gente é esta dada a altas espiritualidades: na América Latina são raríssimos os conventos (não há candidatos nem candidatas), — ao contrário do que já vai acontecendo até nas Áfricas.

Neste contexto, os sociólogos apercebem-se de que é uma incógnita o futuro destes povos: por um lado, detestam — com bastantes razões — os eficientes Estados Unidos, porque lhes têm sempre comprado barato e vendido caro; por outro, a Rússia não dá nada, incita-os a apegarem-se a ela contra os Americanos do Norte, ricos — EUA e Canadá. E vemos pelas telenovelas que agitação e safadeza lá lavra: por exemplo, a política sem escrúpulos — mas sempre a bem do povo, diz — do Oddorico.

Em resumo: mal está Portugal. Mal também o resto da Europa. E pior está na América Latina. Não me custa acreditar que votem nos marxistas. Depois vacinam-se contra eles, como a França parece que está a fazer. E depois conseguirão expulsar o governo? Os de Cuba não o conseguiram ainda porque o tal Fidel trata-lhes logo da saúde. É bom que todos se abram — e não se isolem — e aprendam como jogam política todos os deste vespeiro latino-americano.

Francisco de Almeida

DIA MUNDIAL das Missões

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

V. 21.X.84

Já nos anos 60 depois de Cristo se podia dizer que havia missões mundiais — porque havia pregadores aqui na Ibéria e na Itália, na Índia, etc. Pois bem: em 1984 essa propaganda cristã é muito mais mundial que no ano 60. Agora, sim, poucas tribos (ou raças) haverá a quem se não falasse de Jesus Cristo: na fria Islândia, nas geladas Malvinas, aos Esquimós do Canadá, aos mauberes de Timor. Se mais Mundo houver, lá chegaremos — uma vez que não posso crer nos extra-terrestres.

Fico pasmado ao ler a história dos antigos — ninguém se interessava por propagar Cristo. Só os Papas o faziam e desta forma: para a Suécia, por exemplo, que era selvagem, o Papa nomeava um Legado com poderes para tudo. Só o nosso homem lá ia, tentava converter o príncipe e se conseguia, tinha toda a Suécia baptizada (porque o povo fazia como o príncipe fez). Depois plantava bispados aqui e ali e dava de tudo notícia ao Papa. Dinheiro para despesas? claro que precisava e o Papa fornecia-lho. Agora é muito melhor: o Papa não tem rendas — que dantes tinha. E é esse santo povo católico quem lhe manda, migalha a migalha, os dinheiros que o Papa distribui às dioceses mais pobres. Dão-lhe milhões de dólares.

Por exemplo: há tempos os católicos russos, da zona da Ucrânia, emigrados no Canadá, pediram ao Papa que lhes desse um bispo. E deu, de rito oriental, missa à grega. Mas quanto custa montar, e sobretudo manter, uma diocese? Outra: os negros de Cabinda pediram um bispo e o Papa fez de Cabinda (ao norte de Angola e do Zaire) uma diocese. Custa dinheiro e os negros ali são já 80 por cento católicos — o que é um triunfo enorme. Mas aquela gente é pobre. Logo, cabe sobretudo aos Portugueses, país deles na Fé, quotizarem-se para que tenham a diocese que querem e precisam. Porque os Cabindas são 100 mil pessoas.

A massa católica tem isto de impressionante: ser feita de mais que 15000 etnias (povos, raças), ter a mesma doutrina (aqui ou no Japão, na Nicarágua ou na Síria) e obedecer ao Homem de Roma sem ser a força. Que milagre é este de não irem uns para cada lado como fizeram os desgraçados Lutero, Calvino, Döllinger, os Vetero-Católicos, os Anglicanos e assim?

Mas há quem tente rachar esta unidade, por exemplo na Nicarágua — 10 padres em 60 e pouco.

(Continua na página 4)

DIA MUNDIAL DAS MISSÕES

(Continuação da página 1)

1984

Às vezes uma diocese é maior que Portugal todo. Nem admira porque nos princípios, o Brasil que hoje vai em mais de 300 bispados, só tinha a diocese de Salvador da Baía. O Canadá, diz a Crónica, tem hoje 70 bispados quando há 150 anos só tinha um. E Braga foi repartida em células — filhas: Bragança, V. Real e Viana.

Outra coisa que impressiona os de fora (ateus, protestantes, etc.): que cada povo seja cada vez mais comunicante com os outros povos. Portugal manda propagadores para muito lado, à Índia por exemplo. E não só nós. 21.X.84

Vi há dias que os Canadianos Católicos deram 3400 e tal missionários ao exterior, que andam por 90 e tal países. Agora pensem: quanto custa formar um padre para o enviar para Timor, por exemplo? E para o sustentar lá? E a viagem do Canadá até Timor, quem paga? De modo que eu nem sei aonde é que, sem o Orçamento Russo (Estado) se consegue tanta esmola para estas despesas todas. Mas bem sei que nós damos (algo damos), Angola dá, o Brasil dá, etc. E com isso se vai acudindo ao mais urgente.

Perguntam-me então: não é melhor os Angolanos ou os Cabindas bastarem-se a si próprios? É, mas ainda se não bastam. Se só agora têm o 1.º bispo. E Braga teve-o há mais de 1600 anos.

Possivelmente, os Católicos que em 84 são quase 1 quinto da população da Terra, pouco mais subirão.

Porque as gentes acham o Cristianismo duro, difícil. É verdade que a petição dói. Surgem assim problemas: quando é que Deus Se resolve a exigir que a URSS deixe falar de Cristo aos Russos? E a China aos Chineses. Quando será que Japoneses, Tailandeses, Suecos e assim se convencem de que estar com o Papa é que é cumprir a Vontade de Deus?

Pelo que vejo, Deus não tem pressa. Demorará séculos que o Japão ou a Suécia cheguem a ter 20 por cento de católicos. Difícil é ser de outro modo por falta de pregadores e de dinheiro. Se há dioceses que nem 10 padres possuem, o certo é que o último Cávado informava que a de Braga tem 588 padres e deles, 376 são párocos. Mas Braga hoje é uma pequena diocese, comparada com algumas daquelas que nem 10 padres têm.

Que conclusão? — Que não deve ficar nem menino que não dê seu Escudo para as Despesas que as Missões custam. Tudo isso porque como dizia o nosso Dom João I: Deus o quer.

Duas vezes Pobres

Propaganda — Missões — 3.º Mundo

C. Sar. 26/X/84

Na Vida de Jesus Cristo, que o apóstolo Mateus nos deixou, relata ele que uma vez foram as altas esferas judaicas ouvir Cristo a falar. Mateus não transcreve o diálogo. Sempre muito telegráfico, regista apenas que Cristo disse àqueles corifeus e políticos da época o que era o reino (hoje diríamos República) de Deus — donde se deduz que as tais altas esferas lhe perguntaram que reino era esse. E respondeu: imaginem uma boda do filho do rei. Ele mandou convidar, primeiro, os graúdos. Mas, por qualquer razão (talvez política), esses disseram não. Ai ele é isso? Para os criados: — tragam gente do povo, tudo o que encontrarem. Assim se fez — que os pobres não recusaram.

Ora eu tenho aqui 2 revistas, que me falam de 2 reinos neste Mundo, reinos sobrepostos: uma da propaganda cristã, vulgo, missionária; a outra, da propaganda mundana — económica, social e política. Parece oportuno confrontar as duas propagandas porque se celebrou a 21 de Outubro o Dia das Missões.

DUAS

agora eu observo que as pessoas que antes de nós foram se preocuparam muito com o modo de alcançar esse outro reino — o de Deus. Por exemplo, Lutero. Claro que neste ano de 1984, muitos milhões cumprem aquela regra de Cristo de procurar, primeiro, ganhar a felicidade além-túmulo. Mas creio que nunca na História dos homens, tantos milhões houve que com salvar a alma se preocupam nada. Daqui eu concluo: se cá forem ricos, lá serão pobres. Mas se cá não conseguem ser ricos — e não cuidam da alma — vão ser pobres cá e lá: logo, 2 vezes pobres, os coitados! É de ter pena deles e da opção que fizeram.

C. Sar. 26.X.84

Portanto, fazer missão acho eu que é fazer o mesmo que

por Francisco de Almeida

Em meu parecer, a leiura de qualquer delas é útil e se a das Missões (Outubro/84) me fala do Papa, a outra — nem por sonhos fala isso. Se a 1.ª fala da Igreja pelo Mundo, a 2.ª fala das revoluções e armas pelo Mundo. Ambas apresentam números, ambas se queixam de perseguições, as duas prometem coragem ante o futuro, qualquer delas aposta nos pobres e oprimidos, ambas se referem ao Brasil, a Salvador, à Nicarágua e outros países assim.

Ora bem: a 2.ª, política, procura levar as pessoas ao reino dos homens, a governo chefiado por discípulos de Lenine. Para esta é como se os homens, os pobres, só tivessem estômago. A das Missões trata-os (os mesmos homens, do mesmo país) em duas dimensões — reino do corpo e reino de Deus.

Segue-se então que cada homem está por Deus destinado a ter 2 tipos de bens: os materiais e ainda os da alma, a começar pelo que dá acesso ao reino de Deus — o Baptismo. E

(Continua na página 6)

Cristo fez: chamar todos, ricos ou pobres de cultura, ao baptismo, à adesão a Deus e a Cristo, à rectidão, às boas obras: no

(Continuação da 1.ª página)

trabalho, no criar dos filhos, na justiça a todo o seu semelhante. Porque foi isto que Pedro e Paulo e os outros ensinaram e até conseguiram com milhares dos seus ouvintes — como o testemunharam escritores não cristãos em todas as idades. Assim sendo, os enviados para o meio dos habitantes do Japão, do Benim, de Moçambique, etc., a pregar como Cristo fez — e mandou fazer — são uns beneméritos: porque dão de comer, tratam doentes, ouvem os que lá sofrem e anunciam-lhes a boda do Alto — para o caso de quererem aceitar as doutrinas e as Promessas de ricos no tal reino.

A História mostra que dantes quase só os Papas cuidavam de fazer Cristandade. Portugal ajudou. Actualmente é ao contrário — e muito melhor: toda

baptizado prega e baptiza. Como? Vejam a freguesia lisboeta de Benfica: adoptou como filhos seus os cristãos de certa terra africana (freguesia, paróquia) e a cada passo lhe manda presentes: dinheiro, roupas, remédios, etc. Sabiam que o Dinheiro de S. Pedro, na Páscoa de 84, obtido no Arcebispado de Braga, foram 400 e tal contos? As migalhas e lá vai para levantar capelas, etc., etc., nas terras de cristãos recentes. Lisboa (diocese) no ano de 84, Sacrifícios pela Quaresma, fez 10 mil contos que agora o bispo de Bissau veio agradecer. É assim muito bonito, muito bom, muito humano e muito do nosso tempo, os de um bispado remeterem ofertas aos de outro ou outros que precisem. Será neste sentido que os Espanhóis, vi hoje escrito, remeteram aos de Cuba (Fidel deixou) 10 mil bíblias em 83 e 12 mil neste ano de 84. Porque Cuba faz livros, mas não os da Bíblia.

Ora o que acontece é que em todas as terras há sempre uns tantos para quem ter a Bíblia vale mais que 1000 contos a prazo. Porque não deixá-los tê-los? Todavia na Rússia, na China e noutras bandas, os mandantes não permitem que alguém possua ou leia a Bíblia: ali só Lenine ou Mao se lê. Portanto, aos povos de lá têm Deus de dar o Reino (baptismo e amor de Deus) por outros meios que não os missionários.

Li agora que o Canadá tem exportado nada menos que 3700 missionários, espalhados por 94 países. É obra e é país de catolicismo recente. Agora vejam: quantos milhares de dólares são precisos só para as viagens desses 3700 sujeitos, desde o Canadá até à terra a

OBRES

missionar? Mais: ao que leio, até Angola gosta de receber missionários. E até a Líbia! Tanto que o território de Cabinda o passou o Papa, agora, a bispado (tem 100 mil habitantes de que 80 por 100 são católicos).

Quem paga os custo desta nova diocese?

Como os Cabindas não são de grandes posses, ficaria bem aos Portugueses dar uma ajuda. E é certo que os Limbos não ficarão atrás.

45.38.4

As gentes da nossa Terra

29/XI/84
I
Por acaso entendem os nossos leitores os axiomas, sempre bem gizados, daquelas Chávenas de Café quase amargo? Possivelmente está mais à altura deles ainda que seja a notícia do Centro Paroquial de Fragoso. E por acaso entendem o que de vez em quando eu lhes escrevo? Talvez não muito.

Que gente é a nossa, que raça? Pergunto-o porque saiu agora, metade da Monografia de Esmeriz — Famalicão (e ma mandaram) e tal problema é lá posto. Assim: descobriram que Esmeriz também possui essa coisa famosa que dá pelo nome de Tombo (no caso, é um livro que não uma cambalhota); ele, do ano 1552 (o de Roriz — 1509, Galegos — 1518 e, de Vila Seca acho que o não diz) refere que o limite da freguesia (estrema) vaj ao oyteiro da mamoa... e do oyteiro da mamoa vay ter...» (pg. 9).

Ora mamoa ou anta, dizem os arqueólogos, eram túneis onde se enterravam os mortos, etc. Aqui tivemos «a mamoa de Cima de Roriz». Foi há quantos anos?

Julga-se que nada menos que 4.000.

Então que raça era essa que assim enterrava os seus?

fin. m. s. -
V. verso
212
Por outro lado, na Monografia de Rio Covo, aqui ao lado da Várzea, que de nova em folha ainda cheira a Verniz, lê-se que no ano 906 se fez em Compostela escritura de partilha, de terras de Rio Covo, da famosa Águas Santas. E daí? É que o documento reza que viviam lá lavradores de nomes esquisitos: o Mance, o Argirizus, o... (p. 58), ao todo 25 famílias lá viviam — 100 pessoas pelo menos. J. Barc. 29/XI/84-7768

Ora bem: lavradores indígenas, filhos dos filhos dos do tempo das Antas (ou mamoadas) — ou antes, descendentes de colonos vindos lá de «Riba», do alto da Galiza? Indígenas, decerto, foi a opinião a que cheguei, também, na minha Galegos: vieram os Mouros, sim, mas os Galegos ficaram nas suas hortas. Mas Rio Covo não sabia que a sua escritura de 906 é falada em todo o Mundo. Fica a saber. Já agora, pergunto: os de Rio Covo não fizeram Tombo? Perdeu-se?

Não falam dele. Ao contrário, Esmeriz quase só nele se apoia. Pontos de vista.

II

Tenho aqui a revista Além-Mar, Novembro de 84. Alguns a conhecem se bem que o seu

Correio dos Leitores pouco traga de Barcelos. Uma tem, 16 anos, a outra, 80 — e todos a lêem!

E daí? É que a cara de mulher da capa não é muito diferente de algumas caras barcelenses. E contudo a da capa é índia, suponho. Como assim, tais semelhanças — barcelenses e índias? Omessa! Então que raça é a da gens barcelense? Os pingos de sangue celta, suevo, visigodo, romano, etc., não lhe mudaram o fundo. Ainda hoje não nos confundimos com os castelhanos, por exemplo.

III

Mas os índios, ainda... Reza a Além-Mar: «delegacia dos cabos da Polícia, duas mulheres inocentes, Margarida e Santana, sofrem... maus tratos, torturas e são violentadas pelos soldados». Isto passa-se em Mato Grosso, Brasil.

O padre e o bispo defendem-nas? Querem libertá-las? Oíçam o efeito:

«O soldado... deu-lhe um soco e uma coronhada na cara, seguida de um tiro seco na cabeça. O padre cai por terra, o bis-

(Segue na 2.ª página)

perspectivas futu

POR

LEAL PINTO

A Viela de Trás, a Rua Trás das Freiras, a Rua de Trás, etc., etc. e como estas, poderíamos ainda referir outras ruas, como por exemplo: — Rua do Poço, Rua da Barreta, Rua do Arco, Rua de...

DUAS NOVAS MONOGRAFIAS

por Francisco de Almeida

Da freguesia de Esmériz — Famalicão

Da freguesia de Rio Covo — Barcelos

Card. Soc. 30X1.84

Embora estas freguesias dissem um tanto das terras limianas, parece-me que diversos leitores não-de gostar que aqui lhes fale, da história que cada uma acaba de publicar. O problema é este: há pessoas que vivem muito serenamente sem querer saber que viveu, antes delas, na casa que hoje habitam, quem lavrou o campo que hoje lhes cabe lavrar (e suar para obter o pão), quem deu passos e venceu ou foi vencido, na freguesia que hoje habitam, ou na Vila em que hoje fazem feira semanal.

Mas também há sujeitos ao contrário, desses tais: são os que se perguntam (para saber): como é que se chamava e que vida levou meu bisavô? Ah! E as bisavós? Onde param hoje as façanhas desses senhores ou escravos? Como é que viviam aqui na minha freguesia, as pessoas, de há 1000 anos, de há 500, de há 100 anos? Temos alguma coisa a aprender com esses Antigos «cidadões»?

Da de Rio Covo

É uma freguesia situada a 6 quilómetros para sul de Barcelos — portanto, a uns 30 Kms. da vila que é casa do Cardeal Saraiva. Escreveu-a a nossa conhecida Colaboradora, D. Laurinda Araújo, que é do CER, de Viana e do Gabinete Português — no Rio (Brasil) e da Sociedade de Geografia (Lisboa). E fê-la porque a Junta do Rio Covo (Santa Eulália) lho pediu.

Aqui um parêntesis: parabéns às juntas das freguesias que pelas suas terras e gentes assim se interessem.

A obra tem 60 páginas, algumas fotos, sobretudo de casas e brasões e um estudo importante de Ferreira de Almeida, cate-drático no Porto.

A linguagem da Autora é muito simples — como o deve ser para o povo entender, tem muitos títulos em vez de graúdos pedaços de prosa, reúne num ra-

(Continua na página 6)

DUAS NOVAS MONOGRAFIAS

(Continuação da 1.ª página)

malhete muito do que sobre Rio Covo andava por aí disperso: em Alexandre Herculano, em jornais, no Santuário Mariano, em Pinho Leal. E acrescenta muito de novo. Card. Soc. 30X1.84

Ora fiquem sabendo que ali em Rio Covo terá havido umas terras sagradas — e por isso, com um tempo pagão, e uma «vila» já nos anos 900 e pouco e uma graúda Comenda — como a que Sá de Miranda teve ali para Amares e uma Confaria de S. Pedro como a que houve no Bom Despacho e a que freguesias limianas iam outrora em clamor e capelas quintaneiras, às vezes para basófia do dono da quinta, etc. A Autora relata sujeitos que foram descendentes do afamado alcaide do Castelo de Faria (Nuno Gonçalves — anos de 1378).

Agora para os mais eruditos: o Prof. Dr. Ferreira de Almeida sustenta nesta Monografia que a famosa Águas Santas do documento 13 do Portugalide (Diplomata) não ficava nem na Galiza nem P. de Lanhoso nem na Maia, mas aqui em Rio Covo. E pronto: à autora e junta,

parabéns.

Da de Esmériz

Para esta há que anotar o seguinte: escreveu-a o Dr. Francisco Neiva Soares, de Mar- Esposende e publicou já a 1.ª parte (95 páginas) a Câmara de Famalicão no seu Boletim Cultural. Fez 500 exemplares, a 150\$00 cada. A 2.ª parte sai no Boletim de Janeiro próximo. Esta é bastante sofisticada, direi, científica demais para que os de Esmériz a entendam bem. Mas é um bom guia para quem pretenda escrever uma monografia limiana. Rendo as minhas homenagens à Câmara por a ter publicado.

E pronto. Aqui fica o que pretendia dizer.

COISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA V. Sta. 213

A história de Rio Covo e a de Esmeriz (Bamalício) têm-me vindo dizer que algumas pessoas lá de Galegos pediram que eu «botasse palavra» acerca de Política. Fico pasmado ao saber que as gentes se interessam assim tanto pela arte ou ciência ou manhosice, que a política é. Pergunto então: — não lhes basta o que os homens dos nossos 4 e mais partidos dizem?

Oiçam-me um poeta, no jornal Cardeal Saraiva, de Ponte, do dia 9 de Novembro. Diz assim:

— Os grandes deste País/são levados da maleita/
Pregam-nos cada partida! / ... Que vai ser do nosso povo/
Se isto não endireita?... Mas o povo tudo aceita.
Isto já não se aguenta... / O povo diz e lamenta/
Mas o povo tudo aceita.

E por aí abaixo.

Pois é: também os de Santa Eulália de Rio Covo mandaram escrever um belo livrinho que conta coisas lá da freguesia. Por sua vez, os de Esmeriz editaram um com 95 páginas e vão fazer que saia outro, igual ou maior. Já vos falei aqui da gráudia que os de Vila Seca publicaram? Acho que falei. Temos assim, que o tabuleiro das damas que Barcelos é (90 casas), já pintou com cor de progresso as casas seguintes.

(Continuação da página 1)

213

tes: Ucha, Pousa, Vila Seca, Rio Covo, Galegos — quase 6 por cento das freguesias. Bem bom. E se acrescentarmos o que Vila Cova está a publicar no seu jornal A Guarita, a coisa vai subindo.

I

Ora ontem pus-me a reler a Guarita e escrevi-lhe um apontamento que gostareis de ver. Em resumo, disse-lhe eu que até parece mentira, mas se calhar, Rio Covo e Vila Cova são parentes. Porque se uma tem hoje o lugar de Banho, que foi freguesia, a outra teve outros banhos ou termas, como as do Eirogo, no sítio de Aguas Santas (em Rio Covo). Mais — aquelas Aguas Santas já sagradas eram antes de os riocovenses serem cristãos. Ora ao lado das termas havia um templo a um deus pagão. Então eu concluo: sabendo-se que os Romanos não faziam templo sem um dote em campos, será que o convento fundado em Banho nasceu para herdar as terras de um templo pagão? É que

os antigos falam que nūmas Aguas Santas havia seu convento.

Então vão-me dizer: monges em Banho — e em Rio Covo, Várzea e Vilar, assim tão chegados, quase um mosteiro por freguesia? Pus-me a contar as testemunhas dos inqueritos em Banho, nos anos de 1220 e 1258 (A Guarita de Agosto/84). Se não aldrabei tudo, segue-se esta coisa de admirar: em 1220 — 9 monges e em 1258 (quase 40 anos depois), 10 monges, que eram os mesmos de 1220, salvo dois deles! Não podiam ser mosteiros grandes. E em 40 anos só 2 de novo porquê? Crise já de vocações ou o prior não admira senão para as vagas dos que morressem ou fossem para outro mosteiro? Esta nossa história antiga não a sabemos.

II

Repararam que há tempos, o Sr. Dr. Falcão Machado fez e publicou aqui uma lista das nossas plantas. Claro que as de 1984 são as que já havia em 1220 e mais algumas que vieram de longe — até do Japão. Isso prova-se e vê-se tudo na chamada Estufa Fria em Lisboa: plantas de todo o Mundo.

Ora bem: a monografia de Esmeriz (pg. 65), transcreve o Tombo de lá, de 1562, dizendo: «Item da bouça que quabou (cavou, desbravou) Afonso... e daí vai ter ao pee do espynheyro que antigamente».

Este pequeno trecho mostra e ensina-nos que: 1.º passou a ser necessário fazer dos matos campos para milho — e significa que a gente da aldeia aumentou, como aumenta todos os anos a da minha Galegos; — 2.º que já havia por cá o hoje raro espinheiro; — 3.º que o escritor de 1552, como todos dessa época, pensavam que todo o Português vinha do Grego e vai daí, espynheyro, logo com dois y!

A 1.ª gramática que tivemos, de Português, data de 1530 e tal, tardia. Gramática só se estudava a grega e a latina.

III

Mas já que falo de nomes: olha Esmeriz que também tem um Facho (pág. 12) e tinha o Casal do Assento (sede) como em Galegos, as penedias chamavam quebradas (em Coimbra: Rua do Quebra-Costas) e uma Portela e uma capela a S. Francisco (antes de 1552) e mulher, chamada Onega em 1220 (como Galegos tinha), e um pároco que era monge — como o foi um em Galegos (Monog. p. 27) e um Pequeno como em Galegos (p. 27), já apanhavam multas (como hoje!), havia lá Malta (Ordem de) como em Arcozelo, tinha Paço, como tem na de Rio Covo, já dividiam tanto a terra que mesmo numa terra, o Rei só era dono de 1 quarto, faziam vinha (p. 29) e tanto que um sítio se chamava Lagar (p. 54, 67), e outras curiosidades que nos dão o panorama da vida há 600 e há 400 anos.

Lá na m/ Galegos disse eu que, mesmo quando os Mouros ocuparam aquilo, nem todos deram à sola, não senhor. Ora na de Rio Covo.

Apelo aos nossos Homens de Letras

1. Base. 12/12/84

Amigo meu e vosso fez-me chegar às mãos a novíssima edição do livro de João de Barros, escrito em 1532. O livro é a chamada Rópica Pnema — em Português, Mercadoria do Espírito. A nova edição, do ano de 83, foi custeada pelo Conselho da Europa e é apresentada por Senhor I. S. Révah, bem conhecido.

Eu conhecia a obra de nome — pelas Histórias da Literatura. Mas agora fui lê-lo e fiz-me estes quesitos: — 1) Porque foi que entre 1532 e o conde de Azevedo (1869) esta obra não foi reeditada? — 2) por quais motivos Barros o escreveu? — 3) Gil Vicente, Camões, Bernardes, Sá de Miranda — e outros por aí fora — não o leram? Se sim, provas? — 4) Que significado tem a obra para os Muçulmanos ou os Judeus? — 5) De que género é a obra: tratado, mesa redonda, diálogo filosófico, exposição sociológica, peça de teatro? — Porque distingue Entendimento de a Razão?

Há ali o conluio de 3 contra 1: o sr. Intendimento mais o sr. Tempo mai-la sr. Vontade, de um lado, trapaceiros, contra a sr. Razão, no seu posto de alfândega, seu castelo, mas bondosa, e pura e isenta, incorrupta, de antes quebrar que torcer.

Até agora, li-o assim (mas não basta): 1.º — as falas da Razão; 2.º — as falas do Tempo; 3.º — as do Entendimento e por fim, as alegações da Vontade.

O que proponho: — que os gramáticos analisem a nova edição no que à Gramática e Sintaxe de Barros toca; — que os Psicólogos lhe examinem os aspectos psicológicos: para quê escreveu Barros? Que pensou dela o clero, as vezes ali maltratado? Barros diz que é metáfora. Ou antes desculpa para dizer o que quis contra o governo, os judeus, os cavaleiros e as vaidades aristocráticas e os

advogados ou os médicos? — Que os professores de Lógica desmontem os sofismas do livro, se os há, os professores de moral oiçam as razões ali ditas pelos viciosos, os professores de Metafísica admirem e valorizem como Barros inventa razões para demonstrar Deus, a alma, etc.; que os Mestres de teatro apalpem se a obra se pode, corta aqui e acolá, levar ao palco, que seria útil.

Aquilo aproveitada, ler-se, a rústicos e a sábios, a ascetas e a artistas, a professores e a alunos dos liceus.

O que peço: que a edição de 83, sobretudo o 2.º volume (texto em letra não gótica) seja divulgada, estudada, escavada por todas as ferramentas possíveis dos nossos especialistas. Préfilen os médicos, os frades, os tomistas, os crentes e os outros, os etnólogos, os sociólogos, os advogados. Mas dissequem a obra, a Rópica, a Mercadoria.

FRANCISCO DE ALMEIDA

3
mostra um Catedrático que nos anos 900 já lá viviam pelo menos 25 famílias, seja, umas 100 pessoas. Caramba! Em 1970, Rio Covo ainda só tinha 636 pessoas (p. 17). Precisam então de «quabar» as bouças lá da terra.

E quanto à pré-histórica, Rio Covo queixa-se do mesmo que os de Esmeriz: há pedras e outras coisas, que homens fabricaram, e e hoje são desenterradas aqui e ali. Nem admira se nos lembrarmos que uma cidade antiga (Tróia) foi construída no sítio onde já tinha havido 7 ou 11 cidades de nomes diferentes! Os de Rio Covo, para perpetuarem seus nomes faziam brasões em pedra, de que a monografia mostra dois e deixavam tudo só a um filho (e sem ele poder vender ou hipotecar). Daí que a de Rio Covo possa apresentar os sucessivos chefes de uma casa (família): Antão, Dinis (ilegítimo), Dinis, etc., desde os anos 1380 até 1836 (pg. 30). Claro que os 26 chefes dos anos 900 não eram gente de brasão. Eram de Santa Vaia (p. 53), mas não conheceriam o egípcio Santo Antão (como o atrás referido) pois um era o Sr. Arvetanus, outro Tractaniruz e por aí fora, tal como se deu e mostrei lá para Galegos. E devia ser geral.

E daí? Daí que foi preciso virem de fora monges para baptizar (missionar) os nossos antepassados. Ainda em 1950 os pagãos chineses chamavam ao 1.º filho o Um e o 7.º, o Sete.

Só baptizados é que se chamavam Paulo, etc., como nós usamos. Acabo aqui. As vezes a política faz alterar muitas coisas destas.

Francisco de Almeida

Curiosidade de gentes longínquas

Dr. Francisco Almeida

Acabo de receber a revista de Novembro publicada por uns missionários que também têm uma casa em Farnalhão. Comentários: como sou barcelense, mordo-me um pouco por não a terem nas terras de Barcelos. Uma casa destas é sempre de benefício para as populações. *N. Fam. - 14.XII.84*

Muitos dos meus leitores são assinantes dessa revista e não lhes interessa o que aqui vai já que fonte mais segura é ler a

revista. E os outros? Para esses é que vão estas linhas.

Pois bem: diz-me ela que é assinada por 25 mil sujeitos em Portugal. É obra porque é raro. Um leitor informa que na Figueira da Foz até serve para ser lida numa Escola Preparatória ou Secundária, o que é de louvar, mas deve ser raro. E é pena.

Avisa e torna a avisar que nela tudo se processa por Com-
(Continua na 2.ª pág.)

PÁGINA 2

Curiosidades de gentes longínquas

(Continuação da 1.ª pág.)

putador, o que mostra que os filhos de Comboni não se deixam desactualizar — e merecem encómios. Apresenta a foto de uma desembaraçada cachopa a fazer palestra num congresso (semana) missionário, havdo em Fátima, há um mês e tal, que congregou 2 centenas e meia de interessados. Mas queixa-se de que as chefias das dioceses pouco têm ligado a isso. Defendam-se da acusação.

Relata a correr o que foi um Congresso bíblico havido na Índia de Gandhi (cidade de Bengalore). Falam que têm projectadas 500 traduções novas das Escrituras — para que todas as raças a possam ler na língua que falam. É, além do mais, uma fantástica bolada para apoio à cultura universal.

políticos também, etc; quem falar contra tais pregadores é assassinado; recusam aos Boumedines o poder de legislar contra o Alcorão; lêem folhetos de um filosofante do Cairo que prega maior rigor islâmico e um regresso ao Islão; são contra a criação de porcos e obrigaram o governo a proibir isso; fundam grupos armados que impõem esse regresso a Maomé; sacodem as raparigas das escolas; agitam e criam revoltas.

Não tarda então que a Argélia e outras deixem de ser modelo para Melo Antunes, e seus sequazes. E porquê tudo isto? E porquê o apoio de tantos jovens de lá?

A revista mostra duas raparigas da Tunísia — a do Sr. Bourquiba: altas, esbeltas, cabeças e caras que não devem

tem a abundante soma de 20 padres e 6 irmãos para uma diocese que é 4 vezes e meia o território que vai do Algarve ao Minho! Porque é que o bispo, D. Pedro, há-de ser espanhol e não português?

Mostra que há soldados brasileiros piores que os selvagens: prendem as mulheres sem que se saiba porquê e ao jesuíta que quis ajudar a defendê-las da violação e da pancada, um deles, primeiro, rosnou e depois bateu no padre e ainda lhe deu um tiro na cabeça, na presença do próprio bispo, o tal D. Pedro! Roma protestou! Onde anda a justiça dos Brasis? Mas lá é assim.

Descreve-nos quem foi o Padre Cícero que o Zeca Diabo do Bem-Amado sempre invoca. E o bispo de lá excomungou o Padre «ciço»! Além do mais,

(Nlle) →

Os pais honram os filhos

A Senhora Isaura de Galeg

1) Pelo Obituário de «A VOZ DO MINHO» do dia 1 de Novembro, e também por outras fontes, soube do inesperado falecimento desta grande mulher: a tia Isaura. Ainda agora em Setembro eu me delicieei a falar com ela. *5. 494*

A notícia da morte chocou-me e ela mereceu que lhe destaque aqui a memória como um valor barcelense. Nascida por altura das aparições de Fátima na freguesia de Oliveira, enamorou-se de um mocetão de Galegos, o João Vale, que era tão alto que media quase dois metros! Casou para Galegos, que é desde há bastantes décadas, uma terra que atrai gente pela via do casamento: a Isaura veio de Oliveira, como outra foi de Vilas Boas, outra de Carapeços, outra de Roriz, outro de... Galegos raramente cede filhos seus a outras terras.

2) Veio de Oliveira e aqui em Galegos criaram os filhos. Era uma mulher alta, seca de carnes, cabelo quase todo preto, a quem raramente alguém viu triste. Uma mulher verdadeiramente exemplar, que eu conheci menino. Nunca ninguém viu aquela mulher desviar-se das boas regras de conviver nem da moral. Verdadeiramente estimada de todos. *6. xii. 86*

A mulher de que falo foi também a mãe de um rebento brilhante, o António Vale. Eu gostava de apreciar o carinho e devoção com que a mãe se referia ao filho, o seu António!

3) Nem sempre a vida lhe foi fácil, não senhor. Além do mais ficou cedíssimo viúva. Esta barcelense ilustrou-se pelas obras, exactamente os filhos que educou.

Sobre este educar-se e Educar quero hoje discutir com os meus leitores (se estiverem para isso) tomando para modelo ou pretexto a figura da nossa Isaura.

4) Cursava eu o meu 5.º ano em Braga quando ouvi uma dis-

sertação sobre o conceito de Educar. Só me recordei que o conferencista, que era filósofo, assentou em que a palavra deriva de Educere, que eu vos traduzo: extrair de lá de dentro. O filósofo queria significar lá na sua, o seguinte: 1.º) que só pode ser educado (ser feito educado) quem tenha lá dentro alguma coisa para deitar cá para fora; 2.º) que educar é operação que leva muito tempo.

Eu vejo num Manual, exactamente de Ascética (livro raríssimo a circular), o seguinte sobre Educação (e Psicologia das Paixões, instintos ou impulsos):

Que todo o homem ou mulher sofre uns como que ataques de Amor, de Ódio, de Desejo, de Aversão, de Alegria, de Tristeza, de Audácia, de Temor, de Esperança, de Desespero e de Cólera. São 11 ao todo. Os que me lêem já viram casos desses «no terreno». Vale-nos que a grande maioria das pessoas não terá esses ataques tão

violentos que as façam perder as estribeiras.

Na Isaura das duas uma: ou ela era somaticamente tal que nela as paixões ou ataques não apareciam ou então, conseguiu, sem teorias sofisticadas ou Know How de moral, fazer com que a sua vontade, o chocheiro ou cavaleiro do ser humano, submetesse, prendesse, dominasse, subjugasse, todas e cada uma dessas forças tremendas que são o ódio, etc. Em resumo: por natureza ou por aplicação da energia da vontade (da alma), esta Isaura era do que havia de mais cristão, sereno, equânime. *5. xii. 86*

Acho espantosas estas criaturas assim. Por isso é que acima disse que a Isaura foi paradigma ou modelo do que todo o ser humano devia conseguir. Ao menos pela Educação.

5) Mas quero dizer que as escolas não dão educação aos nossos filhos — só lhes interessa a instrução. É isso que os programas mandam. Senão vejam a diatribe que um professor faz na revista dos franciscanos, Paz e Alegria, de Outubro de 86. São uns heróis e uns beneméritos aqueles professores que, extra-programa, educam os alunos ou tentam. Por exemplo: adivinhando-lhes as paixões mais fortes, dando como que vitaminas à vontade deles, focando a inteligência dos miúdos nos maus caminhos e consequências a que aquela paixão, ou tendência os levará se o cavaleiro não dominar o cavalo, se a vontade não regular o corpo.

(Continua na página 4)

Porque, escreve o meu Autor: também Jesus Cristo sendo homem, paixões tinha, mas submissas, ordenadas. Porque as desordenadas cegam a razão, cansam e faz dor e arrasam a vontade, que devia ser rainha delas, e tornam as almas escuras. *5. xii. 86*

6) Por isso, os educadores sustentam que não pode ninguém educar-se (por si, auto-educação) nem deixar que outrem o eduque sem que lhe custe os olhos da cara: ele é meter na cabeça que a nossa autonomia (orgulho) só se estende tanto como a saúde e isso não o gosta de ouvir nem sequer o empregado a quem a lei manda obedecer. Até o salário, pão dos filhos, obriga a quantas obediências! Que são anti-natura embora bem racionais! Na linguagem bíblica, moral e ascética esses custos para fortalecer a vontade e meter as paixões nos eixos, chamam-se mortificação, sacrifício, palavras bastante caídas em desuso no nosso tempo. Dói!

Por outro lado, vejo a cada passo as queixas de colaboradores do jornal: falta educação, haja educação, já nem a Igreja consegue dar Educação! Se a não ouvem! Se não lhe dão o canal de Televisão!

Conclusão: Não compreendo como é que Deus consegue fazer dessas pessoas do povo como a Isaura de Galegos, modelos de educação e de equilíbrio, de paz e de bondade, que o mesmo é dizer, modelos de honestidade e de Virtudes. Esta mulher honrou muito os filhos e os barcelenses que nós somos.

Aqui lhe deixo a minha homenagem, D. Isaura.

APONTAMENTOS SOBRE O N

I

No Jornal «O Barcelense» do dia 13 de Dezembro veio esta nota de António Baptista: «Trata-se dum de-morado e precioso estudo... maior Mancelos... que nos mostra... os descendentes possíveis do Alcaide de Faria»; e depois = «fazer... o estudo do Homem e da Obra».

Comentários: a) os meus professores ripostavam-me que é mau es-crever 2 dês seguidos: dum e de-morado; b) prefiro que se diga de um em vez «dum estudo»; c) folgo muito por Baptista se ir embrenhar na investigação acerca do historia-dor Mancelos, que até aparece bas-tante nos ficheiros da Biblioteca Nacional (em Lisboa); d) sugiro que vá escrevendo, como o Dr. Teotó-nio fez aos poucos, no jornal, não vá acontecer como ao meu amigo desenhador que teima em pu-blicar somente quando... e há-de ir para a outra Banda sem exarar por escrito o muito que ele sabe.

II

Ora, do Jesus do Natal também foi estudado de quem descendia Ele. Chamavam-lhe filho de David, o tal que foi chefe de Estado em Israel. Era tão filho de David como eu o sou do meu vespertino avô, com esta diferença = nenhum de nós sabe quem foi o seu avô n.º 201! Seja como for, o só facto de Ele descender de David prova muito já que o tal David foi sujeito de mé-rito, mesmo aos olhos terrenos = um grande pensador (feiam-no e

analises desse lado); um altíssimo poeta. E general e governante e ar-tista. E também, às vezes, um be-líssimo pulhal!

Será todavia difícil encontrar na História um homem com maior afecto para com Deus, Senhor, que esse David. E Deus trouxe-o sempre nas palmas das mãos (amor com amor se paga).

Ora a biografia de Mancelos tem de tratar o 1.º facto, o nascimento. A biografia de Jesus também aí po-de começar = o Natal de que agora fala. E acuso os leitores e não lei-tores disto: Vós ledes a Vida deste e daquele. Mas não ledes uma Vida desta Jesus do Natal. Acho que tro-cáis os valores = agarrais-vos ao vidro e esqueceis a jóia. Erro, não?

III

Fui perguntar à Medicina e a His-tória dela, de terra de Mira, re-vela-me que só há uns 300 anos se faz estudos sobre Partos.

Perguntei à Biologia e ela disse-me que umas hormonas são quem abre o mundo ao bebé. E eu con-cluo que também esse Menino quis sujeitar-se aos apertos de ser dado à luz. Perguntei à Filologia e ela disse-me que até há pouco se dizia portuguêsemente, Parir, que no La-tim, donde nós vem a loquela, é verbo a terminar em Pulsum, o qual decerto está ligado a ser expulso. Logo: o Natal significa que Jesus foi expulso do quentinho útero de Sua Mãe. Disse-me a Fisiologia que um úte-ro começa por ter 2 centímetros e

acaba por ser tão grande que lá cabem 5 a 7 litros, não estica, é todos os dias recauchutado, recons-truido.

IV

Mas se Arsénio não vai a Lisboa a pé sem que antes pergunte muito bem o caminho, como é que sucede sermos tão falhos de prudência pa-ra afirmar: Não há Governador Su-premo! E através dos séculos, até alguns filósofos da Índia o susten-taram! Se não há Governador, não há obrigação de fazer isto ou de não fazer aquilo. Dá uma liberdade enorme, como se me queixava um advogado-político ao falar dós es-querdas.

É que eles não admitem Lei Mo-ral nenhuma: nem da Razão, nem de Moisés nem do que nasceu no Natal.

O Natal pode ter 100 leituras ou mais, tantos são os aspectos que nele podemos destacar. É como nas acções que um faz = se se olha ao que o sujeito pensa e quer, é a Vida Interior, psicológica (e por es-te lado, não conhecemos nunca o Cristo do Natal); se olho à bofeta-da, tenho o que os latinos diziam Actio e Passio, pressão e sofrimen-to e a força que a Dinâmica estu-da. Mas por um dote inato dos hu-manos, nós não conseguimos nunca ver um acto sem o meter logo nes-tas 2 calhas: bem feito, mal feito. E este aspecto do acto, ser bom ou ser mal, é que os Moralistas estu-dam. E quantos suores daí! Como os juristas = tenho razão,

o não tens razão. Não se calam! O juiz que diga. Se eles não sabem, como o vai saber o juiz que pode ser até menos arguto que qualquer deles?

Perguntei à Filosofia e veio dizer-me que não prebe nada do Natal: como é que o Dono do Mundo se agacha até ter de sustentar-Se aos seios de mulher! Nenhum humano tomaria atitude assim. Na Teologia não vi nada porque em Portugal não há teólogo que escreva: é pro-fissional e o que sabe é para ou-tros profissionais teólogos. História relata coisas e coisas deste Recém-nascido.

Os poetas, também e os literatos, às vezes. Porque é moda Ser de Esquerda e a Esquerda combate isso do Natal, das Virgens, da Mo-ralidade, da Religiosidade (ou cren-ça em Deus), que assim n-o lo ensi-nou nosso pai, o barbudo Marx, filho de judeus, que pelo money se fizeram cristãos protestantes, mas o filho, Marx, leu o judeu Espinosa, meio ateu, e ficou anti-Deus de to-do. Coitado!

Perguntei à vida social e vi que do Natal só resta a festa, o uso, os bolos, as prendas — o que não es-tranho porque a Santa Teresinha bem gostava delas (quando era pe-quenina e meia-moça). O António, que é um honesto empregado de garagem e teve seu natal ali entre Santarém e Portalegre, onde a mãe o pariu, lá me disse que de facto, ele acredita que há «qualquer coisa que nos governa». Qualquer coisa! Mas nem foi nunca à catequese nem a mãe alguma vez o ensinou a re-

zar! Logo: como pode esse penetrar, rude que é, o sentido e alcance do Menino do Natal?

CONCLUSÃO

Aquele Jesus do Natal só quis ser Doutor (Mestre) disto do Bem e do Mal, da Moral. E das atitudes para com o Engenheiro do Mundo, Deus. Mais que Doutor era, porque

Nem assim a Ele aderiram, gos-tam mais de andar à solta. Só que Ele estabeleceu esta lei: se ganha-res o Mundo, mas fizeres o mal, bem te aproveita! O homem precisa de algo mais que de bolos e cham-pagne.

Se não acreditares no que Eu en-sino, estás perdido. O prémio que

Eu instituo é de tipo que o filho de mulher nunca viu nem experimen-tou, mas o castigo — porque não há lei sem penas — também é fresco! Sabem que mais? Sejam prudentes, cuidadosos, vejam o chão que cal-cam porque Deus não pode tolerar que o Natal seja inutilizado ou não atendido ou não ouvido. E tenho dito para este Natal de 86.

Francisco Almeida

Que o Menino, visto de uma das 100 formas possíveis, vos abençoe a todos, a vós, famí-lia e negócios

CIÊNCIAS, FILOSOFIA E VIDA

T. Viçarum
430. 88
Ant. Cult.

ANTROPOLOGIA—2

76 764

1) —Pergunta ao Dr. Maia Alves: em o O Barcelense do dia 2 de Janeiro, escreveu (Impostos...) um texto que atribuiu a L. Ron Hubbard, que diz autor da Dianética. Por outro lado, vejo Maia Alves, umas vezes Dr. e outras sem o Dr. escrever em quanto jornal há no Minho, até em O Cávado, de Braga, e sempre citando o tal Hubbard, como se fora um sábio, ao menos um cientista. Mas o publicista francês, Duquesne, fala muito mal de Hubbard, desta forma: «Na Grã-Bretanha, «cientologia» mistura de psicanálise e de franco-maçonaria religiosa, lançada em 1952 nos E. U. América pelo escritor de ficção científica, Lafayette Ron Hubbard... foi qualificada de «perigo social» pelo ministro da Saúde». Osance: 6/2/88

Pergunto: o Hubbard de Maia Alves é o da Cientologia, seita condenada na América? Maia Alves sabia ou não sabia que o da Dianética era o fautor da seita que prega, como religião, a psicanálise e a franco-maçonaria? Espera a resposta.

2—Escrevi, noutro lado, sobre a Antropologia. À letra, quer dizer estudo do ser humano. Ora a Medicina, a Psicologia, etc., estudam o homem. Mas a Faculdade de Teologia em Lisboa (Universidade Católica) tinha uma cadeira de Antropologia. É ciência com pouco mais de 100 anos. Foi provocada pela Etnologia, o evolucionismo, etc.. Em resumo: pretendem uns quantos provar que o homem e a mulher, pouco mais são que puros macacoides, como um professor de Lisboa dizia: o homem vem do macaco, ao que o colega dele respondia:—o colega virá, mas eu, não! A Antropologia desdobrou-se em ramos: Antropologia Social, Cultural, Económica, etc.. Mas falhou: vai longe a teoria do americano Morgan a sustentar que, no princípio, os homens casavam por grupos (elas, mulheres de todos os de um grupo, e eles, maridos de qualquer mulher do grupo).

Acrescente-se que foi a partir de Morgan que Marx e Engels negaram o carácter religioso ao casamento: o que interessava era atacar o sacramento do Matrimónio, que Cristo estabeleceu.

3—Nos anos 1800, concluiu o filósofo, protestante e alemão, Kant, que a nossa cabeça não chega para demonstrar que há Deus. E que, todavia, tem de O haver. Ou tudo rue. Onde se vê que toda a negação de Deus deriva do protestantismo. O mal foi tão longe que nos anos de 1917, se criou na Alemanha (Baden e Marburgo) um neo-Kantismo, por o de Kant ser de todo insustentável. E já vem do Vaticano I esta decisão: se alguém sustentar que não se pode provar que há Deus, ele seja anátema. 1873 H. H. H. Ecles. Hist. Relig.

4—A Antropologia levou a que se criasse nova Ciência, a da História das Religiões—cuja 1.ª cadeira foi aberta na Suíça em 1873. Porquê? Queriam os sábios investigar como aconteceu isso de os homens terem sua religião.

(Continua na quarta página)

CIÊNCIAS, FILOSOFIA E VIDA

(Continuação da Primeira Página)

Não era este um problema novo: já Homero, Aristóteles e outros, antes do Natal de Jesus Cristo, andaram às turras contra esse problema. *Os Descobr. Hata - 6/2/88*

A coisa piorou quando os Portugueses chegaram aos Brasis, China, etc., e viram cada raça ter sua própria religião. *Diogene - 6/2/88*

Responderam os sábios: a religião começou no fetichismo—, outros disseram que no Animismo, etc.. E perguntou o antropólogo: mas porque é que toda a gente se mostra religiosa?

5—Daqui caiu-se num problema mais fundo, a saber: Deus ou deuses, o sobrenatural, ou existe e é *ser real* ou não existe e é apenas *ser imaginário*. Daqui surgiu, com maior intensidade, a necessidade de averiguar se podemos provar que Deus é que há. Mas como, se Kant estabeleceu que não podíamos? E tudo copiou o Kant! Porque lhes convinha que não houvesse Deus. Foram mais longe: se Ele existe, eu já não sou livre, logo, não existe! *Sartre. Mateus. S. Paulo. Vam - 6/2/88*

E aqui está como todos os povos, sem mais aquelas, só por olhar o céu e as estrelas, sentenciaram que tudo aquilo só pode vir do poder de um Ser Supremo—são os de recta vontade; e os sábios, loucos, carregados de péssima vontade, (preconceitos), decidiram que não há Ser Supremo. *Belém - Arnou - Hata - 6/2/88*

6—A Teodiceia continua. E é assim que na revista Além-Mar, de Janeiro de 88, dos missionários Combonianos, escreve o Padre Manuel Augusto, que lá andou:—Missão entre os Pokot—no Quênia. Refere que os Pokot, etnia, são uns 200 mil, tiveram o 1.º missionário só em 1946 (há 40 anos), os Comboni desde 73, baptizados católicos são 3000, o que dá 1,5 em cada 100. Com parado com Barcelos: seria o mesmo que cada freguesia, das nossas 89, ter só 10 a 20 baptizados—uma minoria.

As coisas chamam assim: *Etn. filologia. ling.*

Céu (firmamento) = Yon:

—Sol=assis; —chuva=ilat; —Ser Supremo=Tororot.

Conclusão: até os isolados Pokot crêem (isto é ter fé) em Deus, que chamam Tororot e a quem, diz o autor do artigo, «oferecem sacrificios expiatórios». Ora oferecer sacrificios é um acto de Religião (aqui, religião pela cabeça, razão, religião natural).

Não é isto um desespero para os tais antropólogos, inchados de ciência, e historiadores das Religiões, que pensavam que Deus não há? Os Kopot cuspiram na teoria de Kant e estão de acordo com o Vaticano I, de 1870! *Ult. Geomet. Remy. Lógica Russell.*

7—Certo que nós não vimos Deus, nem os Pokot. A 1.ª vez que falaram em Analogia foi na Geometria dos triângulos. Esse palavrão, analogia, aplica-se no Direito, na Teologia, na Ontologia ou estudo dos Seres. Por analogia com o que vemos na terra, a saber: se algo aparece feito, é porque alguém o fez, temos de concluir que, de si, qualquer ser tem a origem em outro (o filho, nos pais, etc.); mas os astros não se fizeram a si mesmos. Logo, outrem os pôs ali. E por aí fora, se dá o salto, Metafísico, que leva a concluir, do físico, ser que vemos, ao ser que não vemos, Metafísico ou para além do Físico.

E se um não crê, não aceita? Viola as leis da razão e isso é pecado que terá de pagar e os Pokot, não, porque o não cometeram, aí não ofenderam a Deus. *E = Cip; E = ser. Udas. Resequite -*

Mas a moda de agora já não é negar Deus, é sim a de dizer mal das coisas d'Ele, como na Televisão: Celibato? Mas não falam de que é uma promessa feita a Deus (Ele não a exige); bispos? São todos pestes porque não ajudam a implantar os Soviéticos cá! *Gal. Van Dr.*

O Papa? Dizem que é um ricoço.—Religião? Apontam que para nada serve (e de facto honrar a Deus não dá dinheiro com que se vá ao club ou se faça o club subir de divisão). Em que terra e tempo estamos? Numa terra onde, como nas outras, o hominho não quer ter de dar contas, nem ao Ser Supremo. E num tempo, como há 1000, 2000 ou 5000 anos, foi. Ou não foi do 1.º casal que nasceu logo um Caim assassino e sem Deus? *Prado - Profeta falso -*

E o tal Hubbard? E como os outros, escrevem ficção, mas não ciência e menos ainda, Ciência que respeite a verdade, os direitos de Deus.

FRANCISCO DE ALMEIDA

50



DO SOPÉ DO FACHO

1—Porque tínhamos idealizado fazer um relato da nossa viagem a Itália e embora o que relatávamos fosse um resumo relâmpago do que vimos e do muito que não tivemos tempo para ver (aqui referimo-nos no plural, porque fomos em grupo), não nos foi possível responder logo ao apontamento feito pelo nosso velho Amigo, Dr. Francisco de Almeida, em referência ao nosso escrito de 18-10-86 e que lemos no jornal do dia 1 do mesmo mês.

Por isso, aqui estamos hoje a reparar essa falta. Queremos afir-

Angela GRATIDÃO E REPAROS

in o Barc—
mar ao Dr. Francisco que somos assinante dos três jornais principais de Barcelos e que estamos sempre atentos aos seus escritos.

Desta feita, devemos dizer ao Dr. Francisco de Almeida que nos conhece desde os bancos da escola e que deve ter reparado que nós temos seguido sempre a mesma linha de acção. Que as nossas críticas são construtivas e que só criticamos com o fim de que haja sempre uma melhor compreensão e mais justiça social. Foi e continua a ser o nosso lema de aconselhar, para o bem e melhor vida de todos, e não aceitamos que injustamente se ultrapasse a justiça, para dar lugar a oportunidade de habilitar os.

(Continua na quarta página)

(1. XI 86) 1. XI. 86

O que vai pelo Mundo (49 pg)

Comentários 7.66

F. de Almeida

Irrita-me solenemente a duplicidade (2 caras) de alguns sujeitos. Por exemplo, que me venham cantar essa de que o País vai mal. Acho que é falso. Ou então os parasitas andam a reivindicar demais.

Dizem-nos: — vai mal! Mas eu reparo que para esses, tudo nos países de governo comunista vai bem. Ou que afinal, todos estão mal: a Inglaterra vai mal, a França, também, Espanha degrada-se, na Itália é um caos, nas Áfricas, só há fome, da América Latina, (Brasil incluído) afunda-se. Pergunto então: se assim é, como é que ainda há países (e não são nem a URSS nem a

China) com dinheiro para emprestar aos desgraçados como Portugal ou a Grécia?

E tem havido. Logo: o que os políticos significam é que não têm coragem de governar senão por via camuflada: não proibem que se importem bens, desvalorizam mas é o escudo — e logo 12% de uma assentada. Conclusão: evite ter automóvel, evite tudo quanto seja importado, deixe-se de reivindicações estúpidas que há aí muita greve de todo irracional e logo, imoral. Mas eu vejo, ao ler Fernão Lopes, na Crónica de João I, escrita há mais de 500 anos, que já então os fidalgos, os políticos, se importavam pouco com os interesses do Portugal, pois diziam: obra que sirva a *minha* honra e proveito. E agora em 83? Quantos são os empregados apostados em servir o próximo? Poucos. O que pretendem é a conquista do lugar e de promoção (tudo quer ser general!), do salário alto. Servir-se, que não servir. Tudo isto vem a dizer que não poucos de nós andam extraviados do bom caminho. Há algum país onde se não grite, *exija*, que tudo vai mal? Que solução? A quem chamar *disparatadamente*, metê-lo na choça e com trabalho forçado: coisa que deixa marcas e faça arrear caminho. Passadores de droga? Fuzilem-nos! 7. Base 7.7.83

Há dias pus-me a ler um jornal que se publica em Portalegre: vem lá dito que, essa diocese (que abrange Castelo Branco) deu pela Quaresma a esmola global de mil e cem (1.100) contos à diocese de Tete em Moçambique. Bonita soma. E a de Braga quanto deu e a quem? Mas hoje fui ao médico e ele quase só lá tinha, de revistas, uma chamada Além-Mar, que é publicada por uns missionários que têm casa em Famalicão (quase ninguém de Barcelos o sabe).

Ora do que nela li, vê-se que os católicos africanos andam um tanto retilões — até de Roma se queixam! Ao parecer, os homens de lá, sabem tudo e mais que todos, sobre como há-de ser o catolicismo.

E por serem igrejas jovens e os jovens serem sempre, uns refinados retilões?

Abram-me uma História Universal, quer dizer, que conte o que se deu pelo Mundo e não só em Portugal. Até há pouco, só diziam uma dúzia de linhas sobre o Egipto antigo, os Judeus, os Fenícios, os Persas, os Babilónios e ainda os Gregos, Romanos, Alemães, Francos (França), Ingleses, Normandos.

A certa altura, também dos Portugueses, Espanhois. Por fim lá aparecem os Russos, Polacos, Prussianos, Suecos, Americanos, Chins, Japões e agora os Africanos. Uns conquistaram os outros e colonizaram. Uma dessas colónias foi um país, hoje outra vez colónia, agora da URSS, chamado Lituânia.

É a Lituânia uma terra de que nunca o barcelense médio ouviu dizer no seu jornal. Aí vai, que agora é diferente: cerca de metade de Portugal em área, 1/3 da nossa população, fica-nos a Nordeste, acima da Polónia a que já andou ligada até 1918. Aí ficou país livre — até meados da guerra de Hitler — em que a URSS a papou.

Li há dias — e é aqui que os Lituanos começam dar que falar, e a entrar na História Universal — que o Cunhal lá da terra trava quanto pode o que é católico (como fazem na Polónia). Resultado: os atrevidos Lituanos deram em publicações às escondidas, um jornal que se chama a Crónica da Igreja Católica na Lituânia. Veio de Moscovo um sabichão explicar aos comunistas lituanos como se combate isso da Religião (e isso disse-o à porta fechada).

E depois? Apesar do segredo, a Crónica publicou, agora esse discurso! Ai a fúria dos de Moscovo! A Lituânia também vai mal?

Para o Dia Mundial das Missões

V. Macau

Ofm...

Card. Sax. 28/x/83

II INTRODUÇÃO

por FRANCISCO DE ALMEIDA

No ano de 1976, o total de católicos no Mundo todo era de 724 milhões. Em 1982, segundo a revista americana Time, somavam uns 780 milhões. Mas só em 82, a população aumentou 82 milhões ficando no total de 4,7 bilhões (China — 1 bilhão, etc.). A viragem recente (os protestantes fizeram-no mais cedo) foi a africanização e a asiaticização dos bispos. Assim, 90% dos bispos da Ásia já são asiáticos e 80% dos da África são africanos. Há muito que andar porque na Europa só 40% do povo é católico, nas Américas só 62%, na Ásia só 3%, na África só 12% e na

Oceania (Austrália, etc.) só 24%, pelo que a média dos católicos ainda não atingiu 20% da população do Globo.

Seja como for, uma coisa impressiona nesta nossa época, a saber: como é que estes 780 milhões de pessoas se mantêm obedientes a Roma, sendo de tantos sangues e terras diferentes. Ora sabido é que do grupo que Lutero fundou, há 450 anos, se foram separando, separando, e hoje não são grupaneas mais de 400 grupos (seitas). Logo, a unidade católica é um dos maiores mi-

(Continua na 6.ª página)

28 DE OUTUBRO
1983

Para o dia Mundial das Missões

(Continuação da 1.ª página)

lagres de Deus. Sem isso, Já não havia 780 milhões de Romanos e sim 400 seitas a 2 milhões cada uma.

Ao fundo da questão, por países.

A ETIÓPIA. É um grande país que já todo foi católico. Separou-se de Roma há mais de 1.500 anos. Hoje são ortodoxos e muçulmanos com alguns católicos. Os comunistas apoderaram-se do governo. Têm igrejas escavadas na rocha. Passou por lá a imagem da Senhora, ida de Rátima. É missionada sobretudo por italianos, de quem foi colônia. Um padre italiano ficou livre e foi para lá quando já tinha 70 anos. As missões operam também com hospitais. Um grupo de 7 escolas católicas ensina 2.600 alunos. O Dr. Sandino é padre e operador (médico). Em 1951 havia 50 mil católicos em 9 bispados.

ANGOLA. Vai em 50% de católicos, tem 12 bispados, um cardeal desde este ano (prémio por ser lutador?). Tem missionários de Portugal, Japão, México, Brasil, Espanha, Polónia, etc., 40% das freiras são angolanas. Uma dificuldade são as línguas indígenas. Em rigor e a sério, o o catolicismo só lá começou há 100 anos (celebram agora o 1.º centenário). Há dioceses que só têm 4 a 6 padres para territórios que são 1/3 de Portugal. Há freiras a dirigir centros missionários (é novidade). Ao todo há 312 padres e 714 freiras a trabalhar lá. Tem 135 seminaristas maiores (Filosofia e Teologia). Verificou-se que também lá, se a esposa se não converter, o marido raro se converte: elas mandam tudo!

O JAPÃO. Há 136 mil famílias católicas. Em 1981 foram baptizados 5313 adultos, muitos casamentos são mistos (católica com budista, etc.). Por ano os japoneses compram 2 milhões de bíblias (até os pagãos as lêem, lêem muito). Os Jesuítas têm lá 1 universidade católica com mais de 5000 alunos (não só católicos). Todos os bispos são japoneses. O povo presta culto aos mortos. Deu 6 freiras para o Brasil. Os intelectuais de lá estão a escrever uma História cristã que vai ter 11 volumes. Tem número em Roma.

AFEGANISTÃO: deserto missionário.

GUINÉ BISSAU — Tem 40 padres, sendo 1/3 de portugueses e é bispado só desde 1977, bispo italiano. Em 1983 foi ordenado o 1.º padre guineense! Da tribu balanta, tem 29 anos. Os católicos são 7,1%. Em 1982 recebeu da Cáritas 10 mil contos.

FILIPINAS — Fica perto do Japão não longínquo Oriente, Rádio católica que emite até para a China, 51 dioceses, 2 cardeais. Mas num arcebispado, o 5.º padre é o bispo. Tem 1 Instituto Pastoral para a Ásia de Leste. De 52 a 83 deu ao Mundo 800 missionários. Tem 1 seminário filipino de Missões. Um grupo de católicos (1 milhão em 42) separou-se de Roma. É o país que mais «dinheiro de S. Pedro» dá. Madre Teresa tem aqui 1 mosteiro.

CHINA — Cortina de ferro, separados de Roma. Antes dos comunistas já tinha 185 bispados. Não admira que o futuro Papa seja chinês.

HONG-KONG. É como Macau, terra encravada na China. Os Salesianos têm lá 1 escola de que 350 alunos, no ano de 1981, se quiseram baptizar. Como na China, há muitos budistas. É bispado.

PAQUISTÃO. Os que aceitam baptizar-se são os mais pobres. 350 mil católicos, em 6 bispados, 212 pa-

ares. São tribus. Os católicos são tratados como cidadãos de 2.ª.

TAILÂNDIA. São 250 mil católicos, ou 4 por 1000 habitantes. Há mosteiros budistas. O rei tem 16 mulheres legítimas. O povo aprecia muito os franciscanos. Em 1914 só tinha 24.000 católicos. Em 83 passou a ter 1 cardeal. São obra das Missões Estrangeiras de Paris. Tem havido manifestações contra os católicos. Tem 1300 freiras. Há lá 1 pró-núncio do Papa.

SRI LANKA (ilha de Ceilão, sul da Índia). Tem 1 mosteiro das Carmelitas, Deu 2 freiras para Angola. Tem 7 bispados. O governo restringe a entrada de missionários. Os descendentes de portugueses já nos

anos 1600 tinham 400 igrejas. Um missionário fez 1 bairro de 100 casas — o governo ajudou — e distribuiu 98 a familiares budistas e 2 a católicos. Foi dos Holandeses que hospitavam os católicos.

VIETNAME — Em 1950 já tinha 18 bispados (época de colônia francesa) e 1 mosteiro carmelita, os católicos eram 7%. Um jornal disse que em 1983, os católicos iam em 3 milhões, 1 cardeal, 33 bispados, 2000 sacerdotes. Pouco se sabe do que por lá vai (cortina de ferro).

Novembro — Usos e Costumes dos Povos

A' Fala com os Mortos

474

por FRANCISCO DE ALMEIDA

I

Um dos nossos jornais regionais, que vejo Garibaldi morder a cada passo e lá terá suas razões, titulava há dias: Novembro, Mês das Almas. De facto, quando eu era miúdo, lá na minha aldeia, todas as madrugadas (e era frio) havia leituras curiosas sobre casos e casos referentes a pessoas falecidas. Porque é que o povo ia ouvir? — Por devoção, julgo eu, às pessoas falecidas. De modo que as celebrações feitas em Novembro passaram a ser um fenómeno social — um uso, um costume popular.

Se me perguntarem há que anos isso começou a fazer-se (porque noutras regiões não se

faz) é que eu já não sei dizer-lhes. Deve haver quem o saiba. Então, diga.

each Soc II 25/4/83

A fala com os mortos parece ser contraditório: o morto não fala. Mas às vezes dizem que fala e meu pai (que sabe muitas histórias e as contava na lareira dos invernos), dizia assim: — Fulano, da freguesia de Roriz (quase junto à ponte de Anhel) contou-me que a mulher o deixou viúvo e com filhos pequenos. Bem se fatigou ele à procura do cordão que ela tinha, pois lhe era necessário fazê-lo em dinheiro para gastos com a família (os pobres valem-se do oiro da mulher muitas vezes). E

(Continua na 2.ª página)

Novembro — Usos e Costumes

(Continuação de 1.ª página)

não aparecia! Aconteceu que foi à adega buscar uma caneca de água-pé para o almoço e ao desagachar-se, deu com os olhos na figura amortalhada da falecida que lhe disse, apontando: «o ouro está ali». E desapareceu. Ficou parvo do susto e recuperando, foi ao tal sítio. Era verdade. Ela guardava o cordão num escuro buraco da parede da loja.

Verdade ou ilusão do Viúvo? Digam-no os Parapsicólogos. Mas lá que é possível, é. Logo, os mortos falam.

III

Mas ao reler uns Cadernos de Notas sobre livros que foram sendo publicados, lá vi estes dois estudos que refiro: — 1.º) Sousa: Nova Ara Dedicada aos Lares... — Separata da revista Bracara Augusta, vol. 25 e 25, ano de 1973; — 2.º) do vianense, Dr. Luciano Santos: Nova Ara — de Carrazedo (ligada a Sá de Miranda), Amores e referência a uma pedra de Castelo do Neiva (aqui ao lado de Ponte) onde se lê LA RU, que o Autor interpreta:

Laribus Ruralibus, seja, espíritos do campo.

Ora Manes e Lares são aquilo

na vida além da sepultura, Digam os Arqueólogos.

V

Quem folhear as Memória Paroquiais de 1758 há-de ver quantas e quantas igrejas e capelas pelas freguesias, tinhar seu altar em honra das Almas (do Purgatório). Até a política se meteu com as Alminhas (nichos) à margem das estradas. Então porquê esta devoção às Almas? É ver quão grande e extensa é a Confraria das Almas de Coura: até nas terras de Barcelos ela tem associados. E conheci um rapaz que, quando aflito, por exemplo, ao fazer exames, pedia auxílio não aos Santos do costume e sim e só às Almas do Purgatório. E até explicava o porquê da preferência.

VI

Os Etnólogos falam em Cult dos Mortos. Querem dizer: pedidos, louvores, orações, invocações das Almas, decerto cada um, das dos seus familiares. Mas o chinês, pelos vistos, não lhes presta culto, honra, o qual eles têm é medo. Mas o africano que disse atrás, esse presta culto e os da minha aldeia não lho prestam — o que fazem

que os povos da Itália (para nós, Romanos) chamavam às almas dos mortos.

IV

Mas eu verifiquei que uma revista contava esta, passada em Angola ou pelo menos na África ao Sul do Equador: o rapaz teve medo do pai e fugiu de casa para ir trabalhar na cidade. Só que, no caminho, perdeu-se e já não se encontrou. Perdi-o, lembrou-se do tio que fora

rezar por elas (a favor delas). É isto também o que fazem os anúncios obituários: Missa o 7.º dia, do trigésimo dia, pe alma de Fulano. Vejam os vossos jornais. E se me não enganar, ou bem observo, os pastores de almas, outora, curas de almas, não ligam nenhuma ao passado, à História, por essa razão o padre existe para salvar alma. Ora com a morte, das duas uma — ou ela se perdeu ou se vou e nada, mais há a fazer p

seu amigo em vida e pediu-lhe assim: — Meu tio, ajuda-me...

É sabido que os povos africanos veneram (honram) os que nós chamamos Antepassados.

E há dias, lendo uns relatos de português que viveu anos na China, onde os comunistas o expulsaram em 1951, fiquei a saber que o dono da casa onde o prenderam e se preparavam para matar, se opôs, dizendo: — Não me façam isso na minha casa, o que o relator comentava dizendo que o chinês temia que a alma, penada, do português, viesse a incomodar.

E se acompanharem estudos de Etnologia, concluirão que não só os Portugueses, não só os católicos, não só os africanos, nem só os chineses, mas toda a Terra e em todas as épocas, acham evidente que os mortos não morrem de todo, sobrevivem no Além. Alguns até concluem que era impossível enterrar tão bem

ela. A História é sobre o passado. Mas se no passado nada se fez, então a História é inútil. Para os passados (mortos) se uma coisa há a fazer e é está pedir a Deus que os salvos de quem de sofrer. Isto deu os usos de Novembro.

Carta de Lisboa

A propósito da salvação na filosofia indiana

por Francisco de Almeida

C. Sar. 27.I. 84

Ontem, 15 de Janeiro, que nesta capital do fundo da Europa foi um dia de lindo sol, ninguém pensou no grande dia que ele outrora era: o dia de Santo Amaro. Não é porque em Lisboa não haja Santo Amaro, tanto que ainda há uns 8 a 10 anos, a respectiva confraria fez publicar um grande volume a historiar as andanças da devoção dos lisboetas a este Santo. Eu lembrei-o exactamente porque em qualquer concelho minhoto há, como na minha Galegos, uma capelinha de muitos séculos, em honra de Santo Amaro. Ora os da minha terra foram ontem, todos, até à capela do Santo e eu estive lá, em espírito, com eles.

Mas ontem, 15 de Janeiro, foi também o dia em que um novo pároco da minha freguesia lisboeta tomou posse. Já vão ver porque é que lhes conto este «negócio». Deu-lhe a posse um dos bispos auxiliares deste Patriarcado, cumprimentou-o o pároco que vai sair, religioso de uma ordem recente, os da Consolata, foi lida a Carta-nomeação, assinada pelo Cardeal, que é minhoto como nós.

Impressionou-me que agora obriguem os párocos a proclamar aquilo em que acreditam (e disse o bispo: — não é para fiscalizar o dr. Miguel, mas para eu dar testemunho daquilo em que ele crê).

Ai eu pensei: afinal, tudo para quê?

Recordo que os velhos investigadores das coisas últimas do Universo — os filósofos — concluíram que o que move o Mundo todo e toda a gente, são 4 razões ou causas. E uma delas é o chamado para quê, o fim. Para quê tu estudas? Para quê tu vais casar? Para quê tu escreves? No caso: para quê haver párocos e bispos e Santos, como o Amaro? E foi aqui que a coisa se entroncou em 2 ideias: o Menino Jesus (o Natal) e a Filosofia dos Vedas (livros da Índia escritos antes de o Menino Jesus nascer).

A esse Menino, várias freguesias tomaram-no por Orago, Padroeiro: S. Salvador Tal. Portanto, o que dá a Salvação.

O autor em que me apoio, Glasenapp, alemão, traduzido em Francês, trata os seguintes problemas filosóficos que os atilados Indianos se puseram a si próprios: 1.º) o problema de Deus (há, não há, como é Ele?); 2.º) o problema de Natureza e do Espírito; 3.º) o problema da Moral e 4.º) o problema da Salvação (em Francês: délivrance).

Aqui bate o ponto: na posse de ontem, ninguém falou em Salvação; os da m/ Galegos

(Continua na 6.ª página)

54
57 5153
55

CARTA DE LISBOA

(Continuação da 1.ª página)

C. Sec. 27. E. 84
também não falaram decerto. E os Indianos (budistas ou hindus) preocupam-se tanto com a Salvação? Por que razões eles tanto se preocupam com isso e nós, ao que parece, só nos preocupamos com o emprego, a política, a extinção da grande empresa Gelmar (e outras como O Século), com as Autarquias, com o novo presidencial, com os sem salário, com a Maçonaria ou não-maçonaria, com a rica Lisnave, hoje à beira de falida, com 3 bancos que um gestor bancário me disse tecnicamente falidos e assim? Já estamos Salvos?

O problema preocupa-os tanto que ainda agora o Diário de Notícias referia uma reunião de indianos a viver em Lisboa, do gupo religioso dos Jainistas, os quais têm seus monges e religiosos, que vestem de branco e guardam celibato. Tudo para quê, pergunto eu? Respondem: para assegurarem a Salvação! O meu autor diz na pg. 322 da sua obra: «Morrer em Benarés (cidade santa hindú) confere a salvação» — pensam os de lá. E depois: a ignorância (da doutrina) faz que um homem desconheça a sua exacta situação, a real, no que toca ao que a vida, aqui, é: tudo ilusões (p. 323). Isto significa que os chamados sábios e santos hindús qualificam os descrentes de homens insensatos. O autor conta que é vulgar, na Índia, um homem deixar seus bens ao governo de um filho, abandonar tudo e todos e fazer-se monge. Para se salvar. Como? Seguindo um método (escadaria) da salvação, fazendo-se asceta, dominando seus instintos, etc.

Assim, uma das questões que eles, teóricos, comentadores dos Vedas, discutem, é esta: que vida leva uma alma

separada do corpo, após a morte? (p. 324). Como é o lugar onde elas vivem, etc.? Os leitores hão-de recordar que Milton, acerca disso, escreveu o *The Lost Paradise* (Paraíso Perdido) Dante, a Divina Comédia e já Virgílio escrevera a Eneida. Os Muçulmanos crêem que o Paraíso é uma terra de delicias materiais. Os Católicos têm de dizer que Deus não revelou como é que o Céu será.

A conclusão é esta: afinal, todos os povos crêem que há no além uma Vida, outra, e é preciso fazer tudo para obter que ela seja boa, de prémio. E se não? — Perdeu tudo, não se salvou. Isto implica que o fito, o para quê desta vida, aqui, é tão só ganhar a Salvação. Que meios? Por que modos? Por que acções? Ora o bispo de ontem falou. Mas não referiu o para quê. Será que todos nós andamos para aqui aos trambulhões da vida, mais cegos que argutos indianos, dos quais, dizia o D.º de Notícias, só 10 em cada 100, aceitaram Cristo como o Salvador válido capaz?

Todos sós marchamos na vida, pelo menos em idade, queiramos ou não. Mas para onde vamos? Para qual quê final tendemos? Quem o não descobriu, que o descubra.

Impressiona-me este facto, demonstrado, que consiste em os Indianos curarem da Salvação, tanto, e nós, Ocidentais, tão pouco, como se disse em o Cardeal que hoje recebi.

Surgiu uma nova Fátima!

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

901

As Aparições na Jugoslávia Comunista

v. 112 18/2/84

Que me recorde, só há tempos vi, num jornal de Barcelos, ligeira referência a isto. Vi agora um livrinho todo dedicado ao assunto: N.ª Senhora apareceu a 6 jovens na Jugoslávia. O livro é *EVós... Também vistes a Senhora?*

Da Jugoslávia: é um Estado que fica logo a nascente da Itália, onde até há pouco governou o famoso Tito. Comunista desde 45 e rodeada por outros Estados comunistas. Terra de 3 religiões: católicos uns, ortodoxos, outros, muçulmanos, muitos. E a nova religião comunista. Três raças pelo menos: croatas, sérvios e descendentes de turcos. País federal, raças unidas à força num só Estado. Mede 3 vezes Portugal e tem 22 milhões de habitantes. Belgrado é a capital, como Lisboa; falam estas línguas: o sérvio, o croata, o esloveno e o macedónio. Ali houve reinos, foi dos Turcos, da Áustria, foi reino e Estado Vermelho. Católicos são os Eslo-

venos e os Croatas, a norte do país, e somam 31 por cento dos jugoslavos. Foi aqui, em Sarajevo, que um maçon assassinou o herdeiro do trono da Áustria e isso deu como resultado a tremenda guerra de 14 a 18, de que ainda há por aí vítimas.

De Sarajevo: anotei as cidades e aldeias referentes às aparições — é falha grave que não traga um mapa, rudimentar que fosse, mas nem por isso deixaram de ir lá peregrinos da Itália, da França, da Alemanha, da Áustria, etc. De Portugal, é que não diz, salvo os autores do livro. Peregrinos à razão de 3 mil por dia. Local das Aparições: a freguesia de Medugorje (m-e-d-u-g-o-r-j-e), que imagino como Pereira ou Galegos, já que perto lhe fica o monte PODBRDO (podbrdo), no bispado de Mostar, na província de Erzegovina (outrora famosa), mas no sul desta, já perto de outra,

(Continua na pág. 4)

Surgiu uma nova Fátima!

(Continuação da pág. 1)

v. 112 18/2/84

a de Bósnia, ambas no poente e norte da Jugoslávia. Toda a zona é de Croatas (a Croácia — e a Senhora fala-lhes em croata). Povoações nos arredores de Medugorje: Ragúsa, Foca, Lubliana, Citluk, Sarajevo, Duvno, Humaz, Solin, etc.

Quem dirige a freguesia: uns capuchinhos. Idades dos videntes: 11 a 18 anos; sexo: 2 eles e 4 elas. Como aparece a Senhora: Todos os dias às 6,5 da tarde. Que dizem os ateus? — «Nunca... seríamos capazes de imaginar... Verificar-se assim tão clamorosas manifestações de superstição religiosa» (p. 71).

Que acontece? — Que até uma «senhora... esposa de um alto dirigente comunista... mesmo não sendo católica, decidiu ir em peregrinação». E ficou curada (p. 107).

A Senhora terá dito 1 segredo, de 10, só a uma dos videntes e só ela o pode transmitir, em pessoa e só ao Papa. Quando? — Respondeu a vidente, que quando ele a quiser receber. Mais efeitos: o governo pôs os jornais e a rádio

e a TV a clamar contra as ditas aparições, corta os caminhos de acesso ao local (Medugorje) e meteu 3 dos frades na cadeia. Como o povo ouve o governo: lê e ouve tudo ao contrário do que ele diz e faz dizer (é o método certo de ler e ouvir Cunhal e os dele e os jugoslavos).

Quem menos acredita (e faz bem em ser exigente nas provas) é o bispo da diocese — cidade de Mostar. A merecer crédito, este fenómeno eclipsará Fátima, bem merecidamente: na Jugoslávia, há aborto, mas não há eleições livres; aqui têmolas libérrimas, mas o povo não seguiu Fátima, e sim as doutrinas dos ateus. Se em 1917, a Senhora achou isto mal, em 84 estamos muito mais corrompidos ainda. E depois? Uma vidente disse: «É um segredo terrível... o fim de tudo e de todos» (p. 96). Era isto o 3.º segredo de Fátima? (segredo aqui, significa profecia).

E por hoje, e para a notícia que me propus transmitir, basta.

Francisco de Almeida

Papa Caixeiro Viajante

O Povo Papua e o Coreano

por Francisco de Almeida

C. SAR. 8/6/84

Disse «caixeiro viajante», mas com isso não quero faltar ao respeito a esse homem de Deus. A imagem é sugestiva: caixeiro, o que anda por esse Mundo fora satisfazendo encomendas das populações. Ora noticiava-se que agora em Maio Sua Santidade visita países do chamado Extremo Oriente, a saber: a Papua — Nova Guiné e a Coreia do Sul. Falo só dos Papuas porque nas nossas bandas nunca eles são falados. Nem achei, deles, Embaixada ou Consulado: Abram-me um Atlas Universal, por exemplo, o da Porto Editora e lá verão: nesta laranja que a Terra é, o Minho fica na linha 8 para Oeste (Poente) quando os Papuas ficam na linha 140 para Oriente. Quer dizer: de nós a eles vão 148 graus, dos 360 que o bojo da Terra mede. Em quilómetros são mais ou menos 148 x III, bonita soma!

Agora vejam: já pelos anos 1500 e pouco tivemos uns quantos rapazes que, nos seus frágeis barcos, saí-

ram de cá, desceram à Africa do Sul, voltaram a leste, aportaram à Índia e Malaca (Tailândia e Malásia) e prosseguiram através de milhares de ilhas — hoje chamamos-lhes Oceania — e aportaram à das Flores, de Timor e muitas outras, entre as quais está a 2.ª maior do Mundo que se chama Nova Guiné. É nesta que o avião papal vai poisar em Maio. Por estas ilhas — mas não entre os Papuas — já andou por 1550 o famoso padre, Vasco, São Xavier — cujo corpo ainda não apodreceu e repousa em Goa. E falam os nossos Orientalistas (João de Barros, Lucena, Mendes Pinto) em aldeias já cristãs em Amboino, em Ternate, etc.

Mais: quase toda a gente que hoje vive na ilha das Flores (no Sul do Estado da Indonésia) é católica, exactamente porque descende de sangue português. Como somos ingratos esquecendo-os!

Agora a Nova Guiné: fica no tal (Continua na página 6)

Papa Caix

(Continuação)

rosário de ilhas, no Pacífico Oceano, que Fernando Magalhães andou a percorrer. As ilhas vizinhas são estas: ao Sul, distante uns 50 kms., a Austrália (descendentes de ingleses), a Norte, distando de 10 graus para seus 40, o grande Japão, o dos Toyotas, etc.; a Nordeste, a quase 500 kms., as Filipinas (nome assim por um Filipe, espanhol), para Poente, a Celebes, a enorme Bornéu e a de Samatra (da Indonésia). É Timor? Esta é a das Flores, a Sudoeste da Nova Guiné, Timor a uns 750 kms. e as Flores a uns 850.

A minha opinião, ao ver tanta ilha dispersa por essa zona do Mundo é a de que cada ilha mais não é que resto de antigo continente que ia da China à Austrália e da Samatra até à Nova Guiné: o mar engoliu os vales e rocu-os, cada vez mais e mais, apesar de calmo, «pacífico».

VEJAMOS A NOVA GUINÉ

C. SAR. 8/6/84

Se Guiné lhe chamaram, já se vê que é tão quente como a Guiné — Bissau — esta aqui a Sul de Portugal, uns quase 4000 kms. A ilha devia ser um só Estado, mas não é: a metade ocidental papou-a há anos, a Indonésia (como não paparará Timor?). Mesmo assim, a metade independente (Papua — Nova Guiné) é tanta terra como 5 vezes Portugal, com seus rios — um com quase 1.000 kms., montes de 5.000 e mais metros (quase 3 vezes a nossa Estrela) — neves eternas. Sua população: apenas quase 3 milhões — uns 6 habitantes por 1000 x 1000 metros de terra (Portugal 105, umas 15 vezes mais gente que lá).

que tão pouca gente quando é no Japão e nas Filipinas, em Matra, na Tailândia e na China? — Ainda há poucos anos ofereciam às divindades o sacrifício de pessoas (no México antigo, em Cartago, etc., fizeram o mesmo) e mais: um namorado valente é o que caça tubarão ou feras ou outro homem (os caçadores de cabeças — que certas raças da Índia também caçam!).

O Almanaque da Bertrand traz estes dados da Papua: taxa de natalidade — 40 por 1000 ao ano, de mortalidade — 17 (Portugal — 18 e 9). A Capital, porto de mar, só tem seus 60 mil habitantes — vive quase tudo pelas aldeias (campos e praia). Renda por cabeça e por ano: 500 dólares (7 contos) e Portugal, 2000 dólares (somos 4 vezes mais abastados). São portanto bastante analfabetos — também só há cento e poucos anos o colono holandês e o inglês lá entrou a civilizá-los (cá diz-se: a explorá-los). Como já têm rádios e televisão e 5 universidades e exportam mais do que importam, daqui a 50 anos são tão cultos como nós somos (se cultos somos).

OUTRAS CURIOSIDADES

Há lá 3 raças pelo menos: Pigmeus (só nos altos rochosos), Papuas e a geral da zona (Malaios). Nem admira porque na Índia são os Corumbas, os Valdi, etc., etc. Há de levar seu tempo a fundir tudo isso numa só nação (Angola há de ter o mesmo problema) e na Espanha os Vascos

nem querem nada com as outras etnias (galegos, andaluzes, castelhanos). Quase só Portugal é que só tem portugueses (mas um minhoto pensa de forma diversa de um alentejano, neralmente-lhes porque...). Só

há 100 anos entrou o catolicismo na Nova Guiné (o mesmo se dá com as 2 Coreias). Mesmo assim, o tal Almanaque, que falei, da Papua — Nova Guiné (para 1978/79): 29 católicos em cada 100 habitantes (protestantes, 33%). Os restantes são animistas: seus mortos vivem e são divindades. Distritos católicos: 3 arcebispados, mais 12 bispados. É muito para país tão jovem. Ainda: grande parte dos missionários que recebe vêm-lhe da Polónia. Daí o Papa ir lá. Mas da Polónia porquê? Isso não sei (ver a revista Encontro, ano de 1979).

O pior é entendê-los: falam mais que 700 línguas diferentes. A oficial é o Inglês, a comum, língua franca, uma mistura de malaio, alemão e inglês. Um jornal dizia há dias que o Papa anda a aprender a comum, franca, ou patoá inglês. Bem podiu o Patrão dele, Cristo, dar-lhe o dom de falar as línguas de todos como os chamados Apos dos Apóstolos — a 1.ª história do Cristianismo — relatam que deu ao 1.º Pedro e outros Apóstolos. Certo: nesse ano 33 da nossa Era seria preciso tal dom — entendiam-no os Sírios em Sírio, os Persas em língua persa, etc., diz o tal Texto. Entendiam. Como assim se Pedro falava em Aramaico?

Ninguém se pode gabar, como Cristo, de ter um tão cuidadoso, e dedicado, Caixeiro Viajante que aie faz tudo quanto pode para falar aos Papuas com palavras que os Papuas oçam e entendam. E se greve por maior salário...

Os meus votos, que muitos leitores partilharia comigo: que Sua Santidade tenha boa viagem e força (de Deus) suficiente para levar aos Papuas a doutrina que Portugal aprendeu vai para 2000 anos — ser católico, olhar para Roma — e que de tudo resulte, ponto por ponto, ano após ano, a maior unidade e entendimento e ajuda entre estas gentes do Pôr do Sol (nós) com essas do Sol a Nascer (Papuas, Coreanos, Chineses, etc.).

Para além dos subsídios da monografia

I

Já há muito que vos não apareço. Direis: — não fazia falta! Mesmo assim, quero comunicar-vos umas coisas. Aí vão elas. Antes de mais, dou-vos os parabéns por terdes um jornal que recolhe os fragmentos dos vossos Antigos — nem todos se podem gabar disto: parabéns também ao meu amigo, Dr. Silvestre — que não vejo há tanto tempo — por ter arregaçado as mangas e se meter à procura dos que foram de Banho, Vila Cova e Eixate. E ainda a outro investigador vosso: o sr. C. Costa, por exemplo na Guarita de Setembro/84. Atenho-me às Guaritas de Abril a Setembro.

II

Dou-vos notícias de mais estas Monografias: 1.^a — de Antas (Famalicão) que no Notícias de Famalicão vem publicando o Prof. Almeida Alves (barcelense): o manuscrito tem quase 200 páginas, é muito

(Continuação da 1.^a página)

12783
Lourenço, Neto, Pedro, Pedro, Pelágio, Franco, Gonçalves, Mendes, Mendes. Concluo: em 2 gerações (40 anos), Banho só aumentou de 1 monge (um novo Mendes), por um lado; por outro, não se renovou porque 8 monges de 1258 eram os mesmos que 38 anos antes?

Uma objecção: estes 2.ºs nomes são de um registo velho? De quando se também não são os mesmos nomes que os de 1220?

Resumindo: o máximo que Banho comportava eram uns 12 religiosos? Talvez não muitos mais. Então tinham fartas rendas? — Parece. E de 1220 a 1258 só surgiram 2 novas vocações? — Então a crise não é de agora. Mais não houve porque os não admitiam — já que a casa não o permitia? — Não sei a resposta, mas há que vasculhar mais, temos de a encontrar.

Outra estranheza: fala-se ali num de apelido Franco. E Franco é francês. Pergunto: seria mesmo oriundo das Gálias? Não repugna porque 100 anos antes até o Arcebispo era gaulês (S. Geraldo).

miúda e versa mais o nosso tempo; 2.^a — a de Esmoriz, (Famalicão), do pulso do Dr. Neiva Soares (o padre), de que a Câmara de lá fez sair agora a 1.^a parte (95 páginas), é muito para o científico; 3.^a — a de Rio Covo (Santa Eulália), aqui ao nosso lado, que a junta pediu e a Prof. D. Laurinda Araújo escreveu: maneirinha, mas jeitosa — e, com um artigo no fim, do Prof. Dr. Ferreira de Almeida, capaz de levar a de Rio Covo até Universidades estrangeiras.

III

Ora eu leio na Guarita de Agosto esta estranheza:

Banho — ano de 1220: o prior, Laureço, Neto, Pedro, Pedro, Pelágio, Franco, Gonçalves, Mendes. Todos monges ou não? Acho que sim. Mas então concluo: esse convento só guardava, então, 9 sujeitos? Pequenininho era.

Mas 38 anos depois (ano de 1258), os monges eram: prior (já outro) e

(Continua na 4.^a página)

IV

Outro assunto: Banho é isso, banhos? São termas? Digo isto associando com Aguas Santas da monografia de Rio Covo. Diz-se lá que tinha águas termais (e até compara com as do Eirogo); que estas termas já para os Romanos (tempo de Cristo) eram sagradas e por isso tinham ao lado seu templo (ao deus pagão que não diz. E repare que Neiva vem de Nébia, deusa das águas). Essas termas, se templo tinham, tinham de possuir seu dote (terras). Noutros sítios fala-se em um mosteiro (convento) em Aguas Santas. A pergunta é esta: além dos conventos de Banho e Várzea, etc., havia mais o de Rio Covo? — Se sim, não admira que fossem só de 10 religiosos, porque tanto em 1220 como 1258, a população não era sequer 10% da que hoje temos. Outra pergunta: em Banho e em Rio Covo surgiu convento para herdar as terras que foram antigamente já sagradas ou dote de templo termal?

Mas aonde isto nos leva? Só per-

guntas. Outra estranheza: Mostra o Dr. Silvestre que Vila Cova de hoje aglutina 3 paróquias — que em 1220 tinham pároco próprio: na de Eixate — o Abas Fernandes; em Vila Cova, o Abas Moogo. Logo: 2 perderam a independência (se Feitos não é hoje uma das três). Ora eu vejo

na monografia de Esmoriz que Esmoriz andou — In Perpetuum — anexada à de Outis e depois, as ambas a uma terceira que era a de Gondifelos — isto pelos anos 1500 e pouco. Só que cada uma destas três são hoje autónomas e bem autónomas.

mas — ao contrario das de Eixate e Banho! Então porquê esta contenda mais se o fizesse. Ponham esses problemas aos Catedráticos para esclarecimento de todos nós.

Francisco de Almeida

27.x.84

ainda as festas que aí se realizam anualmente e também se faz o trabalho. A música e uma só convicção não incomodam ninguém, ao contrário do ruído produzido pelo bater das pa-

ALDIUS

vedo Lima, da conhecida Casa Costa Lima. Estando doente com certa gravidade há bastante tempo não deixou a sua morte de surpreender muita gente sendo muito sentida em toda a freguesia.

OBRAS NA FREGUESIA

O abastecimento de água a alguns lugares da freguesia é uma carência muito sentida pelas respectivas populações mas, graças ao grande interesse e dedicação do sr. Presidente da Junta, foram construídos três novos fontenários públicos que vão servir os lugares de Pombal, Casal e uma parte do de São. Esta obra deve-se também à boa colaboração das gentes dos lugares beneficiados, particularmente na abertura das valas necessárias.

ACIDENTE

Ao anoitecer do passado Domingo dia 4 de Novembro, ocorreu um pequeno acidente entre um carro ligeiro e uma motorizada. Seguiam os dois veículos no sentido Barcelos-Viana e quando o condutor da motorizada se desviou de algumas pedras que se encontravam na berm da estrada, foi colhido sem gravidade pelo carro ligeiro, cujo condutor era de Fragoso. O ocupante da motorizada, morador na vizinha freguesia de Vilar do Monte, sofreu pequenas escoriações e os danos materiais foram de pouca monta.

FALECIMENTO

No passado dia 20 de Outubro, no lugar da Feinada, faleceu com 86

anos de idade a sr.^a Rosalina Rodrigues de Sousa. Os seus restos mortais foram sepultados no Cemitério Paroquial desta freguesia.

A família em luto apresentamos os nossos sentimentos.

COLHEITAS

As colheitas agrícolas nesta freguesia estão praticamente feitas, embora o tempo tenha estado um pouco chuvoso. As colheitas este ano não foram muito férteis mas também não foram das piores, considera-se este um ano normal em relação a outros.

FUTEBOL

Por onde anda o futebol da nossa terra? Estará ele em férias?

Tanto futebol se fez, inclusive de senhoras, e agora não se sabe onde pára a equipa da nossa freguesia. Será que anda desorientada por não ter Direcção? Arranje-se direcção, porque o futebol da nossa freguesia não pode morrer, pelo menos para continuar a dar nome à nossa terra. Entre as freguesias vizinhas, Feitos e pioneira vamos então com bairrismo levantar novamente a nossa equipa de futebol fazendo dela uma das melhores.

H. VIEIRA

oportunidade para visitar o interior do pequeno templo de Nossa Senhora da Conceição, que só uma vez ao ano franqueia as suas portas.

ficar se festas menosivas como esta estão ou não legalizadas, e vai de mandá-las investigar.

Foi outro batente que enfiaram meus senhores.

A Pide acabou, com o glorioso 25 de Abril, e os «bufos» haviam sido extintos alguns anos antes pelo Prof. Marcelo Caetano, mas os seus métodos ainda existem.

É uma lástima.

Houve quem tentasse opor-se à realização da festa pela simples razão de fazer barulho.

Que saibamos, nenhum dos moradores da zona de S. Brás, das Barreiras ou de Same e Banho se opôs

PROGRAMA

Sexta-feira, dia 7 — As 18.30 horas — Saída da Igreja Paroquial duma procissão pelas ruas, onde se integra o Andor de Nossa Senhora. Havendo à sua chegada missa e sermão.

Quando a procissão chegar aos limites do lugar de Mareces, serão lançadas, em vários pontos por toda a parte alta do lugar, algumas peças de fogo de artifício, proporcionando um espectáculo de rara beleza.

Sábado, dia 8 — Dia de N. S.^a da Conceição — As 11 horas. Missa cantada e sermão, celebrada na sua capela em Mareces.

— As 14 horas, cerimónias religiosas e...

A maldita vida de um Juiz de Direito

N. 22.71.84-44

Por ACÁCIO TORRES

Hoje são 31 de Outubro, véspera de Todos os Santos e dos fiéis Defuntos. Como amanhã é feriado, dá tempo para alinhar umas considerações sobre o dia-a-dia dos trabalhadores e no caso, de um juiz.

Esta coisa dos feriados vem de longe. Em Ponta Delgada (Açores) quando dantes, um barco lá aportava, fazia tal reboiço (não devia escrever reboiço? que lhe chamavam dia de São Vapor. Os Césares decretavam feriados. Moisés decretou feriados.

Acontece que o dia de Santos não deu festa popular. Porquê?

E em Portugal nem seria feriado se não fora a Concordata. Como o não foi nos governos maçons. Como o não é a Rússia ou na Hungria. E a este respeito dos feriados católicos, vejo os usos populares a perderem-se: nem danças de ruas nem nada e é assim que Lisboa tem os mais tristes dias santos, tristeza de ruas que aumenta a cada metro que se desce do Tejo para o Além Tejo.

Ao contrário do que pode parecer ao observador desta zona de Lisboa, a sociedade

mudou menos do que se diz. Provo: o nosso conterrâneo, Patriarca mandou fazer inquérito no Patriarcado (concelho de Lisboa, Loures, V. Franca, Oeiras, Cascais e Sintra) — que terá seu milhão e meio de pessoas e deu o seguinte: a) os baptizados somam ainda 95 em cada 100; b) os que se consideram católicos somam 77 por cento; c) os que foram ao Crisma somam 39 por 100; d) os que se dizem praticantes são 35% menos que os não praticantes (42%); e) os casados pela Igreja são 71%. E por aí fora, números capazes de apreciação social, moral e política.

É certo que estes dados só

atingem cerca de a partir dos 14 anos. Há tempos fui ao Registo Civil e vi que os proclames de casamento eram 5 católicos e 4 civis, quase meio por meio (o que é menos que os 71% acima ditos). Pelo acima exposto, ainda se aceita bem o feriado de Todos os Santos e melhor ainda o dia de Defuntos cristãos.

Daqui a pouco os mortos nem se enterram por falta de lugar! As miseráveis Câmaras!

A quem tem de julgar de Segunda a Sexta, o descanso do feriado sabe bem. Porque os desgraçados dos juizes passam a vida a examinar, catar, pesar razões, a revolver as lei que outros, não raro muito precipitados, aí publicaram.

Uma vida dura, uma vida para matemáticos (problemas), vida de contas, números, hipóteses, etc., porque o António sustenta que ele é que «tem direito» e o Pedro responde que é sonho o que o António vem pensando. E daí um diz: Condene-o e o outro: Absolva-me! Ainda se os casos que por semana entram não fossem tantos! Não era possível serem quase nenhuns? As decisões podem dar-se dentro de um mês desde que, em vez de os juizes serem 700, passem para 2.000.

E esses 1.300 mais, quantos contos custam por ano ao Orçamento, vulgo, bolsa do Zé? E depois os trabalhadores de Portugal já ganham tão mal! Pior: o escudo, que valia 2 pesetas, já só vale uma!

O governo não governa, rouba-se nas nossas barbas — o maldito Pimentel! E todos querem seu caso bem julgado e bem depressa, quando depressa e bem — pouco quem. E contudo nem vale a pena desesperar, embora a vida dele seja imerecidamente desgraçada, reles, dura, difícil, etc. Se não se percalta, não tarda a ser fiel defunto (caso não seja da nova vaga vermelha, pois ouvi-se-se que a percentagem

Do Natal de Jesus Cristo.

E outras coisas mais

918
C. Soc 21/12/84

por Francisco de Almeida

1)

É um uso mundial que toda e qualquer pessoa faça festa no dia de seus anos. Contudo, lá na minha freguesia, o dia de anos, se é lembrado, nem sempre foi festejado. Os pobres não tinham esse luxo. E muito menos tinham os pais, tios ou padrinhos o hábito de dar prenda de anos. E anos sem prenda, não o são para o aniversariante. Isso está a mudar porque, hoje, o mais pobre há-de poder dar ao filho um assobio que seja. Que distância da prenda que o Sr. X. deu ao neto, filho de um Champalimaud, aqui há 12 anos, e que foi um cheque de 5 mil contos, recusado por ser uma ninharia! Conta-se essa, não a comprovei.

2)

O Natal de Cristo foi o dos pobres. Mas o que quero é folhear convosco os 11 números de uma Revista, ano de 84, a Além-Mar. É uma Revista que tira 25.000 exemplares por mês—25 mil assinantes e no ano de 84 teve cartas (publicou) de 88 leitores, o que dá umas 4 respostas por cada mil assinantes. Querem ver? 1 é de Esposende, outro é dos Açores, 2 de Guimarães, etc., e 1 de Ponte de Lima (vila) e outro da vossa freguesia do Bário. D. Maria E. A. Pinto e M. C. Cerqueira. Parabéns porque a publicação das suas cartas prova: o mérito dos autores limianos.

Ora a minha Revista quase nem fala do Natal. É estranho, não é? Como vos hei-de então falar eu? Escrevo-vos a 13 de Dezembro e nem sei se os correios vos levarão isto em tempo capaz, que é longe. Vamos então às Coisas Mais.

3)

Juntando os 11 números do ano de 84, tem-se um volume de 950 gramas. Ai eu pensei:—se cada ho-

mem escrevesse, mesmo que fosse a sua vida; à razão de 1 página por dia, ao chegar ao Natal teria um livro de quase 400 páginas! Não temos tempo, melhor, não nos resolvemos a isso. Agora vejo, pelo da Revista, como seria útil fazer-se um índice, no Cardeal, dos temas nele abordados no ano de 84. Mas não o coleciono que não tenho espaço. Algum benemérito poderá fazer o que sugiro? Tal índice até merecia uma Separata. Ficamos todos à coca.

A foto mais frequente na Além-Mar é a da mulher de bebé ao colo: uma é negra de todo; outra é uma da Somália, alta, grávida, cara mirrada da fome—porque a fome vem da seca e das guerrilhas por toda a África (nem preciso referir Angola, etc.). Meninos que tiveram Natal—como o Bebê de Belém. Mas quantos os abortos furtaram ao seu natal? E quantos vão nascendo enquanto os pais se deslocam para terra de exílio, fugindo à violência?

4)

Nela, revista, há figuras de ante-Natal: esculturas e pinturas, da famosa Arte Africana, a representar a mulher com o filho no ventre; um Cristo, negro, crucificado, cara de soba (rei), já velho, com o competente Umbigo de quase 2 dedos—que quase todos os negros têm (maus partos ou má técnica?). O pequerucho negro, às costas da mamã, como lá sempre andam (usos...), talvez como Jesus andou quando a Mãe fugia para o pôr a salvo do Sanhudo Herodes, o de maus figados. E isso logo nos verdes dias a seguir a Natal d'Ele! Teve estrelas e Magos, mas como já sofre! Artistas negros retrataram o berço do Presépio com as cores, os gestos e o mais brotado das ideias deles sobre o Cristo.

(Continua na 8.ª página)

Do Natal de Jesus Cristo

(Continuação)

Perante isto, Deus, que viveu os 1.ºs anos na África, há-de sentir alegria ao ver africanos a retratá-LO, e pensar: valeu a pena ter ido à Terra, ter, também, tido Natal!

5)

É certo que não vejo a Revista, nem as Monografias rurais, relatar as festas do Meninos. Ora na minha Galegos eram elas um espectáculo que, dantes, metiam rabecas e tudo.

Era o Menino Deus, que até já teve Confrarias. Mas também é verdade que é preciso subir dos rios aos altos, da Peneda ou da Arga, para ver mais e melhor,—e não nos prendermos só com a terrinha, a nossa aldeia.

Desse ponto de vista, como usa dizer o jornalista Mário de Deus, os dias 24 e 25 próximos são uma sinfonia em todos os continentes: na Europa, Portugal por exemplo, as famílias em Diáspora, reúnem-se e revêem; vão à Missa do Galo; recordam Cristo quando era de peito. Multipliquem agora pelos 150 países

to. E outras coisas mais
da 1.ª página)

CONCLUSÃO

Impossível me é meter neste ajuntamento a Além-Mar de 12 meses; mesmo que lida somente no que toca ao Natal. Mas se não fosse o Natal esta Revista não existia nem talvez tantas notícias de tantas raças do Mundo. Onde, e associando-me: a todos, feliz Natal!

COISAS DE LONGE E DE PERTO

Para a história das freguesias

(Continuação da página 1)

Apelidos

randiz dá ao arcebispo... Ora se esta gente era baptizada, porque é que não lhes deram nomes bíblicos como 200 anos depois? Vejam os da Pousa em 1220 (pág. 43): estes, sim: o abade Johannes (João), o Romanus (Romão), Gonçalo, Geraldo (do arcebispo dos anos 1100), Pelágio (de S. Paio — anos 900), Dominicus (Domingos), Petrus, etc.

COMO OS APELIDOS SE MODIFICAM

Chegou-me às mãos um folheto impresso, de nada menos que 38 páginas, que pergunta: Quem somos? Quantos somos?

Escreveu-o uma Comissão que esclarece tratar-se da «lista de 7 gerações de Matos, descendentes de Joaquim Matos e Inácia Cidade, casados em 1809 e ainda de outras 7 gerações provenientes de casal Fernandes — Piteira (ela)». É de pasmar o trabalho que estes maduros tiveram. Há vivos 62 sujeitos descendentes do 1.º neto do 1.º casal e 235 descendentes do 3.º neto e 510 descendentes do 5.º neto; e 50 descendentes vivos do 1.º neto o 2.º casal (Fernandes-Piteira), etc. Ao todo: 1283 vivos do 1.º casal e 176 do 2.º se conhecem. Aparecem ali os Rosado Fernandes (foram políticos), os Câmara Manoel, os Cordovil, os Toscano Rico alguns, Amaral (não Freitas do!) e até o Kaulza de Arriaga! Quer dizer: o filho do 1.º casal ainda é Matos, o neto já é Fernandes!, o bisneto passa a Potes, o seguinte é Cordovil, outro é Vilas Boas (os de Barcelos?). Cruzam-se ali os Farias, os Homem, os Lucena, os Pinto Basto, os... Santo Deus!

Comparem agora os da Pousa em 1220 com os de 1548 (Tombo) e 1920 (doadores à Igreja — monumento que ergueram). 1548 — Diogo Afonso (o arcebispo de 1500 era Diogo), Marco na leira de Jerónimo Anes, Vicente Anes. Donde vieram os Anes para a Pousa? Talvez da Lama, de Dume, de Cabreiros, como vieram ascendentes do P. Hélio (pág. 123 a 131 e 153 a 156).

O certo é que em 1979 os da Pousa são já, 25 centos. Em 1920 já a Pousa tinha os Silva, Loureiros, Gonçalves (como em 1220), Martins, Costas, Bogas, Alves, Ribeiros, Araújo, Magalhães, etc.

Quer isto dizer que sendo o Cristo descendente de Abraão, pelo seu filho Judá, se o Judá fosse Judá da Silva, Cristo tinha dele o o sangue, mas sem apelido que isso mostrasse. Logo: o nosso sistema de apelidos se não revela o sangue que temos — e não revela — para que é que serve?

A LEI DO PATRIMÓNIO

Causou polémica uma lei de 1985 que trata dos Monumentos. Quem pensou e escreveu a lei? Por que causas? Com que fins? O 1.º a combatê-la foi o arcebispo D. Eurico. Não se baseia nela o diploma de Janeiro de 86 que classifica o Arqueológico de Galegos em Monumento Nacional (o de Galegos e muitos outros). Mas que autoridade tem o governo para falar daquilo que, não ele, mas os católicos e os bispos levantaram? Um Sameiro, uma Franqueira, um S. Lourenço de Alheira, etc.? O certo porém é que os da Pousa deixaram perder monumentos deles: Visitas, Testamentos, Usos.

(Monografia, pág. 51). É preciso que de todo se acautelem os livros dos arquivos, paroquiais, fotocopiando-os, por exemplo (mas a fotocópia não é duradoura).

Francisco de Almeida

Roriz; — que não se pode falar da Pousa sem referir os de Vilar (talvez antigo lugar onde os vindos de Braga tomavam barco para ir até Fão (pág. 26), que deram mobiliário à Pousa que tinha sido dos frades, etc.).

Parêce que os das nossas aldeias, nos anos 1000, não se baptizavam. Ora vejam na Pousa: pág. 34/36: O Afonso Nantemiriz dá à Sé; o Gondomar vende aos senhores Nantemiro e Alcedónia; Froila vende; Gonderedo e irmã vendem; Pinus e mulher vendem; Gelo-

(Continua na página 4)

413

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

Para a história das freguesias

Na história de qualquer freguesia andam sempre misturados uns casos de freguesias vizinhas. Por exemplo na Monografia da Pousa, lá se refere o Padre Hélio:

— na pág. 9: que «em S. Maria de Galegos, muitas crianças faziam 100 peças de bugigangas antes de pegarem nos livros... para ir à escola»; — que a palavra Pousa anda espalhada por terras e terras — até na Galiza (pág. 19) — e esqueceu o derivado Pousada aqui perto

O Neo-Marxismo e questões anexas

(Continuação da 1.ª página)

Ora isto é evidente, claro, e não inteligível de outro modo, até para os da 4.ª classe. E todavia, nunca foi claro para aqueles sujeitos dos mais argutos da Terra, os filósofos. Uns disseram que o Mundo se formou a partir da água; outros, outros. Nem os marxistas sabem de onde a Terra se originou. Não viram a «faísca primitiva».

A toda a gente parece claro que nós, homens, vemos a formiga, a pedra, etc. Pois o arguto Kant — e outros — que não senhor: nós só vemos movimentos, mudanças, quer dizer, fenómenos. Parece a toda a gente que as nossas ideias se geram de vermos as coisas, os seres. Para Kant, não vemos nada, fabricamos as nossas ideias. Mas o Kantismo falhou e nem o Neo-Kantismo o selvou.

3) — No livro que citei já se fala em Neo-Marxismo, quer dizer, marxismo reformado. Claro que neo por ser insustentável, a doutrina de Marx; há que recacutá-la, adaptá-la, e fica o neo-marxismo. Mas assim, na tese do francês que governou a França, Pompidou, já no tempo dele (1968) se estava a verificar O Ocaso do Marxismo. Daqui a anos, não estranharemos que alguém sustente: o 25 de Abril, com tanto marxismo, foi uma revolução fora de tempo, adoptou uma doutrina, não nova, mas já de barbas brancas, falhada.

4) — O livro que citei, na página 214, traz esta problema: A Questão da Verdade. É um problema eterno já que até Platão, recordam, por essa questão ao martirizado Jesus. Cristo: que é a verdade, perguntou? Não teve resposta. O facto de o Governador Pilatos que- rer filosofar traduzia desorientações ou intelectuais daquela época. E Pilatos foi decerto aluno dos devassos filósofos gregos. Qual é o libertino que não discute o que é a verdade? E perguntam: há um

não ser — preta e branca, no mesmo instante. Um de nós fala falso, contra a realidade das coisas.

E era isto que o Pilatos queria polemizar. Era decerto um libertino, não queria a verdade, mas só divertir-se. Ora a verdade é coisa muito séria. Sobre ela se funda um casamento que vingue, o contrato de trabalho honesto, a compra da vaca que não prejudique, a consulta médica que não arruine, a resposta do advogado que me não engane.

Não é isso que vemos e antes, que tudo se escora em mentira, falsidade. Menos talvez, que no tempo de Pilatos pois os doutores romanos proclamavam: malitia hominum infinita!

5) — Muitos mais temas o livro tem que valia a pena dissecar como um do Conhecimento e do Desconhecimento de Deus. Desconhecho que é impossível e por isso não pode haver ateu sincero. Não tem prova nenhuma de que Deus não há. O que tem é uma ideologia errada, talvez sem culpa, sobre o Senhor do Mundo; logo, está recheado de preconceitos. Em qualquer caso, diverte-se com outras coisas, de cá, como o patrão Cunha, apesar dos seus 70 anos. Se assim não fosse, como se poderia ver um russo, em 1987, a sustentar que a URSS não é uma sociedade ateia, não senhor, apesar de os ateus terem morto lá o nome de Deus desde 1917? Arre que povo estúpido! Ainda não percebeu as «provas», «científicas», de que não há Deus nenhum!

Conclusão

Cristo ensinou que no campo há boa erva e no meio dela, a péssima. É tempo agora, dos Passos, de mudarem da vida, dizer e fazer a verdade, por todas as freguesias limiadas. E quem discorda do que digo, que conteste se for capaz.

O Neo-Marxismo e questões anexas

C. Sax-20.3.87

Francisco de Almeida

1) — Em apontamento que o «Cardeal Saraiva» publicou há tempos, perguntava qual há-de ser a teoria que no futuro seguirão os homens em Economia, em Humanismo, em História, em Filosofia, na Opinião Pública. Ninguém leu tal apontamento ou então os meus leitores não o entenderam.

O problema cifra-se em saber se alguma vez na História dos Homens, eles conseguiram governar-se sem ser por um punhado de ideias, quer dizer, por uma Ideologia. Nem penssem que os Antigos foram diferentes de nós: isso de dizer, propagar, ensinar, que o homem de 1987 deriva da Amiba que evoluiu em Macaco e este em Homem é das maiores e estúpidas burlas que o ser racional, que nós somos, aceitou. Qualquer sujeito do Egipto Antigo, da Pérsia, da Babilónia, da Cítia, era tão inteligente como o somos nós, hoje.

Portanto, é impossível a um homem, das cavernas ou de agora,

existir sem um punhado de conceitos.

2) — No livro do protestante Boisset — A Teologia Em Processo Face À Crítica Marxista — discute-se isto: A Questão de Ser. Acho que aos leitores nunca falaram disto, mas sim em coisas que por aí todos vêm. Dizei então: A questão da coisa. E significa: nós vemos a água no rio. O rio é ser (coisa); a água que leva coisa é, é um ser. E o problema que se põe é de explicar, perceber, como os seres terão surgido. Quem fez a terra e a água e as plantas e os homens, que todos «são», existem aí?

E como cada ser não se fabrica a si próprio, ele tem de ser explicado por outro, como o filho é explicado por outro, como o filho é explicado pelos pais, etc. Por causa disto, há mais que 2000 anos se fala em causas, causalidade e os advogados, sempre, em Nexo causal, ou laço das origens.

(Continua na 6.ª página)

Deus que governe isto? Vai castigar ou premiar alguém? Claro que há: demonstra-O isso aí, os seres da Terra, foi Ele quem os criou. Como? Não vou explicar isso, não sei. Claro que plantou na cabeça dos homens e mulheres, de há 10 mil anos, como nos de 1987, uma lei e é esta: tens de obedecer ao Criador, mais que a tudo quanto aí há. Moisés traduziu isto num Mandamento: — Baixarás a cabeça ao Senhor teu Deus.

E qual é a verdade? O que Moisés disse ou o que os parlapatões por aí dizem? Voltaire mandou ir pelo seguro, mas não teve coragem, que se saiba, de ir pelo seguro, etc.

Ora a verdade parece-nos a todos coisa evidente. A pedra está aí. O problema da Verdade, ou falsidade, só surge quando eu afirmo: é preta e tu dizes que é branca. É que ela não pode ser — e

Mais dados para a História de Barcelos

A Monografia de Esmeriz - Famalicão

Ao Senhor Arcipreste de Barcelos

Ao que vejo, cada freguesia do Minho está a procurar documentos para neles rever a Vida e Morte do seu povo através dos séculos.

Que a História é isso: um relato conjugado de casos antigos. Põe-se-me a dúvida: querem fazer sua história porquê? É por vaidade, para que os outros digam: olhem para mim? É por ser moda, que cada um escreve a sua Monografia? Ou será que a querem escrita por ter tóme de saber suas origens?

Chegou-me hoje às mãos a revista do jornal O Jornal, de Lisboa, que trata nada menos que da vida do grande Papa Pio XII. É o resumo de livro de dois autores estrangeiros que andaram a levantar como foi a vida de Pio XII. Resumindo: a freira alemã que acompanhou Páceli quando ele foi núncio na Alemanha, era uma mulher de se lhe tirar o chapéu. Sendo a mais nova de muitos irmãos, era tão ditadora que os manos lhe chamavam, aos 15 anos, Madre Superiora. Aos 15, decide ser freira e porque o pai não deixava, fugiu. Aos 22, conheceu o núncio, que ia nos seus 40 de idade. Conseguiu que o Cardeal Paceli a requisitasse para servir no Vaticano. Ela acha que ele é franzinho e torna-se para Sua Eminência uma mãe. Terá conseguido, contra tudo e todos, entrar na sala de eleições quando Pio XI faleceu e fez tudo para que Paceli não dissesse Não ao conclave que o elegeu Papa. Ferozmente anti-comunista, mal por mal, antes se queria com Hitler do que com Estaline. (Parece que com razão). Tratou com dureza os cardeais da Cúria até ao ponto de ir à cara ao decano deles, o francês Tisserand. Morto Pio XII, o decano pô-la logo na rua e só com 2 malas na mão, levando de recordação a gaiola de passarinhos, de que Pio XII gostava e que ela detestava.

Em resumo: o livro faz dela uma Super Mulher e de Pio XII, um coitado nas mãos dela. Como arranjaram os do livro tantos dados é que não sei. Que leva esta gente a vasculhar tanto a vida de um Papa? O facto é que investigam. Para vender o livro há que empolar os pequenos nadas de cada dia do Papa

e da Irmã Pascualina.

Na de Esmeriz há achegas para os de Barcelos, que são estas:

— Para os de Remelhe: na página 307 (ela tem 600) diz dos párcos:

17.º — João Alvares (1655-1699), natural de S'anta Marinha de Remelhe, no termo de Barcelos... foi ele que doou a essa mesma ermida... duas propriedades... Ele e os Paroquianos reedificaram, em 1667, a igreja... Este abade foi um distinto genealogista.

O nome dele não vem, no Dicionário da Igreja (é recente), mas consta da grande Enciclopédia Port. e Brasileira. Os escritos estão inéditos. Escreveu: Nobiliário Português, idem, espanhol. Foi já estudado por diversos autores. Anotou o Tombo de Esmeriz.

Se os leitores estão como eu, segue-se que não conheci nem este barcelense nem os livros dele. Proposta: e se os de Remelhe fizessem publicar os Inéditos do seu conterrâneo, Alvares? A Câmara de Famalicão pagou as despesas de mil livros da Monografia de Esmeriz. A de Barcelos não há-de querer ficar atrás. Mais dados:

Pg. 427: Expostos — 1662, menina — «a qual o juiz de fora de Barcelos mandou entregar...».

Pg. 468: párcos: «26.º — António José Ferreira (1893? — 1907), nascido em 1852, em Macieira de Rates (Barcelos)... 1907, colado em Cris-telo (Barcelos). Tinha paroquiado Viatodos (Barcelos).

Pg. 469: n.º 30 — Miguel Ribeiro de Carvalho (1940? — 1960); 1966 — pároco de Carvalhal (Barcelos). Pg. 469: n.º 27 — Albino da Silva Marques — 1909 — pároco de Alvelos (Barcelos), em 1910, de Vila Seca (Barcelos). Condiz com a pg. 97 da Monog. de Vila Seca.

Pg. 173, Visitadores: 1773 — António da Cunha, abade de S. Martinho de Balugães. Em 1784: Doutor Ricardo..., abade de S. Romão da Ucha (o que remeto ao Sr. Padre Hélio agora pároco da Ucha). Outro

visitador Ucha: 1799 — Rev. Domingos Ribeiro Soares, abade da Ucha.

De Barcelos anotei mais isto: Pe-reira — pg. 19 e outras; Carapeços — pg. 165; Barcelos, notório, pg. 382. Do Duque (de Barcelos): é referido no Tombo de Esmeriz, publicado no fim da Monografia — publicação que é de grande serviço para estas especialidades: Etnografia, História da Propriedade em Portugal, a História das Ideias, para a Economia,

para a Gramática do Português Arcaico, para os nomes de pessoas (Onomástico), para a História dos Cristãos em Portugal, para a História Política (a Honra que houve em Esmeriz, como a nossa da Lama (Azevedo).

A revista Paz e Alegria anda a estudar os Conventos de Franciscanos que foram secularizados em 1834. Barcelos tem em si os de S.to António.

A de Esmeriz dedica muitas páginas e mapas-resumos à sua Confraria de S. Francisco. É uma coisa semelhante o que sugiro ao Sr. Ilídio Ramos: que estude os Franciscanos em Barcelos.

Temas que a de Esmeriz trata: rendas da terra, prazos, pomares, vinhas convertidas a campos de milho, pontes, moinhos, «notairo» por notario, filologia de Esmeriz, agribacelos (vinha), campos partion em «leyras», mosteiro (era em Antas), casas 1/2 a telha e 1/2 a colmo, devesas, bouças que passaram a lavradio, o sobe e desce dos nascimentos e dos casamentos, sempre com os números, ano a ano, desde o de 1500 e tal, legados pios, confecções, etc.

E por hoje, tenho dito.

FRANCISCO ALMEIDA

Da Monografia de Antas

N.º 8/4/88 Algumas observações

Quem ler as memórias Paroquiais do ano de 1758, ficará impressionado com a de Chaves: ali já se apresentou, manuscrita, a planta da freguesia, até a cores. Pena foi que na de Antas o Autor não se servisse do mapa do Exército ou até dos que as Câmaras costumavam ter para cada concelho. Na monografia de Freguesias (Espesende) já aparece mapa, não na de Cabeçudos e esta é de 82.

A terra de Antas, refere o Autor que a Sul lhe ficam Cabeçudos e Esmeriz. Decerto o Autor da de Cabeçudos não sabia existir já esta de Antas. Doutro modo a ela ia referido e para ela remetido, o que não fez. Ora a de Antas até refere (pg. 5): «estrada municipal... saindo... no lugar de Nespereira, freguesia de Cabeçudos... antiga estrada de Landim — Vila Nova». Se é assim, foi pena que a de Cabeçudos o não referisse, tanto mais que discute onde passava a estrada romana para Braga.

Curioso escalonamento económico dos proprietários de Antas (há muitas freguesias do Minho onde o minifúndio é bem maior que em Antas).

São assim:

— Grandes lavradores — só 5 — mais que 20 hectares de terra e mais que 20 pipas de vinho;

— Médios: apenas 7 — os com mais que 6 hectares de terra e mais que 6 pipas;

— Pequenos: os restantes são 40=48.

Aqui ainda não chegou a «lei» de «a terra a quem a trabalha», no que toca a 24 explorações agrícolas — servem-se de assalariados. Seria curioso comparar este sistema de Antas com o descrito no livrinho *A Jugoslávia*, de C. Samary, edições soltos, ano de 1973.

Deve reparar-se que a de Cabeçudos dá umas alfine-

tadas no colectivismo de agora face ao antigo — das malhadas, desfolhadas e assim. De facto, a Jugoslávia, a certa altura, disse adeus a Estaline e desnacionalizou 80% das terras que tinha expropriado — a fome era muita, apesar de já por 70 ter emigrados mais de 1 milhão dos seus filhos.

Nota: não me digam que estou a escrever isto por haver eleições à porta porque nisso erram.

Boa nota de progresso (fes 13): já sem arrancadores de batata, atrelados, descaroladores de espigas, ceifeiras, enfordedeiras, grades de discos, tractores (só 8). Estes diabos dos lavradores para se associarem a comprar 1 tractor para todos... Ná! Como se vai nas outras freguesias?

Por esse Portugal fora, tudo cuida de arranjar caminhos. Ainda bem. Diz a de Antas (fs 46): «a Junta... tem conseguido o alargamento e arranjo de diversos caminhos». Anota: «de colaboração com a população».

Aproveito para referir que o novo Código Penal, que entrará em funções daqui a 3 meses, é muito virado ao social.

Sem darmos por ela, as peças da casa Minhota estão a ser substituídas, uma a uma, como refere a de Antas: a telha já não é a nacional; esquadrilha é coisa que lhe deu um ar. E tudo bem «plantado» pela Câmara.

Mas as novas casas são tão funcionais quanto as antigas o eram?

Quem é que por aí sabia que em Antas há um Seminário das Missões? Refere o Autor a p. 55, desta forma (e noutra sítio acerca de grupo coral): «Em Junho de 1980... 22 alunos de 17 a 20 anos, 7 no 10.º

ano e 15 no 11.º, aulas no Liceu da Vila.

Convém que isto se saiba, agora que estamos quase à porta do Dia das Missões.

E pronto. Se mais não disser, desde já os meus parabéns ao Autor.

4-10-82

Francisco de Almeida

Cópia em

«Hua xua n' Almos»

de Antas

(que Alm Almos)

5. 62

COISAS DE LONGE E DE PERTO

FALAR BARCELOS — EM LISBOA

Como os meus leitores sabem, tem havido na cidade um ror de Conferências subordinadas ao tema: FALAR BARCELOS.

Parabéns ao sujeito que inventou o slogan. Falar Barcelos é simples e diz tudo.

Pois bem: desta vez, vou dizer-lhes de um «Falar Barcelos» que o não foi em Barcelos, mas em Lisboa, nada menos que no Palácio da Independência. Como? Na Sociedade Histórica respectiva, acerca de DOM ANTÓNIO BARROSO, no passado dia 15 de Maio, às 18 horas, precisas, pelo fervoroso nativo de Remelhe, senhor Dr. Ferreira Gomes (José, para distinguir do filho, Dr. João).

O convite referia como tema: NO CENTENÁRIO DE DUAS NOTÁVEIS CONFERÊNCIAS DE DOM ANTÓNIO BARROSO.

Torci o nariz porque, como podem os Lisboaetas conhecer — e apreciar — um Barroso nascido em Remelhe, conferencista de 1890, ainda que Bispo tenha sido?

Engano meu! Havia na mesa que presidiu àquela «Lição de Sapiência» um sobrinho-neto, engenheiro, do tal D. António.

Os assistentes eram em maior número do que o usual.

O Conferencista, Dr. Ferreira Gomes, foi brilhante e oportuno e por isso, bem mereceu as palmas que teve! E eu, que percorri, de carro e a pé, alguns dos troços que no «Congo», a Norte do Rio Lifune, D. António percorrera quase 100 anos antes, ele como missionário e eu como militar que não desertou, fiquei contente por ver ali um homem que se vai especializando na biografia e bibliografia do Santo de Remelhe.

Uns (slides) teriam ficado ali a matar: do Toto, do Songo, de Nóqui, do Ambriz, do Zaire (rio), de Marimba, das minas do Bembe, etc.

A missão que Barroso restaurou partiu-se já em duas dioceses (S. Salvador e Mbanza). Tempos não-de vir em que Angola agradeça ao Santo de Remelhe o muito suor que ele lhes deu, ensinando, baptizando, polemizando, calcorreando, defendendo, escrevendo e proclamando as conferências que o Dr. Ferreira Gomes veio agora salientar.

Não esqueçamos o Centenário de Camilo, não senhor, mas o Bispo de Remelhe foi, em outros aspectos, tão grande e maior que Camilo, ou Eça, ou Pinheiro Chagas ou Antero. E é dos nossos. Honra seja ao Dr. Ferreira Gomes pela Conferência de 15 de Maio e pelo muito mais que pode dar-nos para ampliar Pinto e Cunha e Brásio e Vaz, que estudaram o bispo de Remelhe, descendente ainda da cepa que tinha dado a Braga o Arcebispo, Frei Baltasar Limpo. E Ferreira Gomes, sabe procurar.

Francisco de Almeida

Durães:

S. 64
82

G 75

UM NOVO LIVRO DO ABADE DA UCHA DOIS DE GALEGOS — 1916 e 1831

O Barcelense 25/6/94 I

(1916).
Por DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

Parece que os jornais barcelenses, todos, estão a dar tudo por tudo para travar os gastos. Por isso, vou ser muito breve com o apontamento de hoje.

II

O ilustrado Sr. Padre Hélio, de S. Romão, acaba de dotar a terra Barcelense com uma dispendiosa publicação que é esta:

Ao redor da Senhora do Facho, ano de 1994, executado em Braga, 241 páginas, 9 capítulos.

Transcreve e reúne nela centenas de textos que recolheu por tudo quanto é terra, faz a História do Santuário e Cruzeiro situado no alto circundado por Alheira, Roriz, Galegos, Lama e Oliveira, recolhe desde os tempos arqueológicos até ao *Liber Fidei* — dos anos 1000 sem esquecer as descrições de O Barcelense — anos 40 — nem a Revista Acção Católica (de Braga) nem o Diário do Minho.

Em resumo: ali se fala do Facho, do fundador, Padre Benjamim do Outeiral, padre Castilho, Moutinho, Victor, da Lama, etc.

Além disso, amplia em muito a Monografia de S. Romão e também a da Pousa, as quais ele tinha publicado vai para uma segura dúzia de anos.

III

Não me contenho que não peça aos da Lama para publicarem o livro que o Re. Victor deixou pronto (1963).

Reparo que ainda agora me chegou às mãos o livro, valioso, de um poeta, que só tem a 4.^a classe, vive em Arcozelo, pegada a Ponte de Lima.

E sabem quem pagou a publicação? Nada menos que a junta de freguesia.

É uma junta inteligente, esta de Ponte de Lima.

Aqueles senhores de Manhente — o livro da Dr.^a Costa Fernandes — só trevas.

Em resumo — sugiro à nossa Senhora Câmara que faça distribuir este ao redor do Facho em que até Martim aparece retratada. E recomendo-o ao Sr. C. Bastos — que felicito pelos seus trabalhos culturais, e ao Dr. Victor Pinho, outro divulgador de mérito.

Por fim: parabéns ao Sr. Pe. Hélio.

De Galegos

IV

A muito de História Social nos levaria a pesquisa sobre o rol da desobriga de 1916. É do punho do Abade de então, que era de Melgaço, o Padre, colado, António José de Outeiro. Era o que dizia (era destemido): a carapuça vai daqui, igreja abaixo. A quem servir, enterre-se até às orelhas.

(Continua no próximo número)

V. 11 - 1817/1818 ¹⁸¹⁸
Apresentaram-nos cumprimentos de Boas-Festas: semda?

Delegação no Porto da Direcção Geral da Comunicação Social; Presidente da Câmara de Barcelos, em nome pessoal e da Câmara Municipal; Presidente da Câmara Municipal de Esposende; Pintor Henrique Medina; Capitão Alberto Santos, Comandante de Secção da G. N. R.; José Araújo Comandante de Esquadra da P. S. P. de Barcelos em seu nome e restante pessoal; Bombeiros Voluntários de Barcelos; Bombeiros Voluntários de Barcelinhos; Direcção do Gil Vicente; Banco FONSECA e Burnay; Caixa Geral de Depósitos — Dependência de Barcelos; Caixa Geral de Depósitos — Dependência de Esposende; Gerência do Banco N. Ultramarino; Banco Pinto e Sotto Maior; Um Grupo de funcionários do Banco Totta; Núcleo da Cruz Vermelha de Macieira; Dr. Jorge Quinta; Dr. Aparício da Costa Dias; Dr. João Carvalho; Dr. Adélio Faria Gomes; Dr. Angelino Barroso; Jornal «Correio do Minho» Laboratório de Análises do Dr. Nunes de Oliveira; Laboratório de Análises Clínicas de Barcelos; Dr. António Novais Machado; Dr. Bernardino Amândio; Dr. Ilídio Nunes de Oliveira; Padre Avelino Ferreira; Padre Avelino Borda; Padre José Carvalho; Padre Avelino Filipe; José de Freitas Abelheira; Manuel Reis Carvalho, Presidente da Adega Cooperativa de Barcelos; Francisco Barbosa de Melo; Professor António Afonso Rego; João Maria Ferreira Cardoso; António Monteiro; Engenheiro Leonel Esteves; Amadeu Bernardino Nozéis Dias; Aventino André Oliveira Ferreira; Adérito Dinis Pontes; Franciscanas Missionárias de Maria; Recolhimento Menino Deus; D. Deolinda Coutinho; D. Maria Augusta Coutinho; D. Maria José Sampaio; Manuel Avelino Faria Duarte; Óscar Marinho; David Pereira; António da Costa Dias; José da Costa Araújo; Camilo Vilaverde; António Ventura Marques; Jorge Cunha; José Fernando Cunha Ferreira; António Joaquim Vieira Coutinho; Fernando Coutinho; António Rodrigues Pinheiro; José Miranda da Silva; Professor Cruz Espírito Santo Carvalho; Professor António Jardim; Cobre Cunha; Domingos Martins Pinho; Aires Augusto da Silva; Professor Mário Ramiro; Ilídio Eurico Dias Gomes; D. Noémia da Silva Rego; D. Adelaide Figueiredo Pedras; D. Emília Pereira; D. Zulmira Pinheiro Borda; Agostinho Alves Barbsa; António Rodrigues Nunes; Heitor Martins dos Santos; D. Maria Luísa Coutinho; Professor Artur Gomes de Sousa; D. Maria Landolt Sousa Vaz; Hernâni Santos; S. Julieta Landolt Sousa; Eng.º Álvaro Rodrigues Neiva Magalhães Pinheiro; Eng.º António Pinheiro Barroso; Paulino Oliveira Barroso; Abílio Rodrigues Sousa; Jorge Gomes Fernandes; Manuel Ramalho, Manuel de Sousa e Silva, Joaquim Pereira Costa, António Gomes Cortez e D. Rosa Costa Carvalho.

1) a grande.
2) adivi.
3) adivi.

UM NOVO LIVRO DO ABADE DA UCHA DOIS DE GALEGOS — 1816 e 1831

Por DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

(Continuação do número anterior)

O Barro. 2/7/94

O rol vai por fogos ou famílias, o n.º 1, está lá, é o abade. O de minha avó materna é o n.º 5 e reza.

— 5 — Maria Luísa de Almeida, viúva, 39 anos e filhos: Manuel 13; Rosaria 9; Teresa 6; Ana 4.

Aponta sempre a idade do marido e da mulher — por ex. meus avós paternos: n.º 55 — Domingos, 58, Maria Rosa. 55. No fogo n.º 6 apontou para minha bisavó: Ana Joaquina — viúva, 91 anos e filha — Teresa Alves, solteira, 65.

Agora vejam isto, que nos parece, pelo menos hoje, uma calamidade: fogo n.º 20: ele 65, mas ela, só 45 anos; fogo n.º 32: ele 20, mas ela 32 anos; fogo n.º 41: ele 65, mas ela só 49; fogo n.º 54 — 67/50 anos; n.º 57 — 62/21 anos (a criada?); n.º 58 — 62/40 anos; n.º 115 — 71/54; n.º 119 — ele 41 ela 58, etc. Ao todo, em 904 habitantes, uns 20 casais aberrantes.

É de pasmar como, apesar de tudo, a vida moral de Galegos era tão sã, o que hoje...

E cumpriram a desobriga 577 — todos menos 7, que o Abade explicou não ser por serem rebeldes (herejes). Os ausentes eram já então 134 (quase 20%) e os menores (7 anos) eram 186.

Galegos — livro de 1831

(Continua na pág. 4)

UM NOVO LIVRO DO ABADE DA UCHA DOIS DE GALEGOS — 1816 E 1831

(Continuação da pág. 1)

V

03aro 21/7/94

O apontamento vai já mais dilatado do que previ.

Trata-se do livro da Confraria do Sobsino ou do Santo Nome de Deus (que, em 1831 englobava pelo menos uma outra — a de S. Sebastião). Sabemos que a festa a S. Sebastião foi mandada fazer pelo Rei Sebastião — aquele de Alcácer Quibir — 1580.

Hoje a de sob sino há-de vir já de antes de 1580. Os Estatutos de 1831 e o Rol de 1916, mostrou-nos (e facultou-nos) no Verão de 1993, o actual Abade de Galegos (Santa Maria). Aqui lho agradeço.

Diz o livro de 1831: Nós, os actuais, determinamos pôr por escrito. Concluo: até 1831, decerto se governavam só pelos usos. É estranho, face à lei de Pombal, de 1773.

Alguns capítulos (símla): Símla

Cap. I — 2 juízes, 2 mordomos, 2 procuradores, 1 só escrivão. Explica: de cima e de baixo da freguesia (como Padre Hélio mostra no livro de 1994 — para a Ucha).

Cap. II — ser Irmão = entrava — 40 reis; Anual (por ano) — casal: 40 reis; solteiro, 1 vintém (cruzado, 40; vintém, 20).

Beneficiam: das 11 missas por ano — Conforme Uso e Costume Antigo.

Cap. III — cabido: Em o 1.º Domingo de Fevereiro; as esmolas são para a cruz e rezação 100 P.N. e 100 A.M. pelos que principiaram esta confraria e 1 P.N. e 1 A.M. pela alma de André Pires (folhas 4)... E andarà com a cruz de prata... por alma de André Pires — no 1.º domingo de Agosto.

Cap. IV — Penas (castigos); Cap. V — Ajuntamento em mesa (dia de reunir); Cap. VI — Enterros de Irmãos etc.

Cap. XVIII — dizimos: É uso e costume Antigo — Em memorial (imemorial), que... 5 reis por cabeça: bacaros, Enxames: cada bezerro: 1 vintém; ninhada, 1 frango ou 1 vintém.

Cap. XIX — Expostos, ofertas, obradas. Morrendo um cabeceira, é uso muito antigo e 1 cesto aparelhado; 1 brôa de pam de 1/2 alqueire, 2 arrâteis de carne ou bacalhau, 2 canadas de vinho, 1 toalha de vara e meia em meio uso e nos 3 Domingos seguintes, a obrada e uma oferta em cada a 3 vinténs; a cada oferta, 1 responso com seu P.N. e oração, em cada ano, outro cesto — 4 resposos, 1 ofício de 1 cruzado e 4 resposos.

Cap. XX — Reza Anual.

Cap. XXI — Crianças: até 7 anos, missa de Anjo, mais 9. 7 anos: — ofício de 1 nocturno — 5 padres — costume antigo. Os herdeiros (pagam) os bens de alma.

Cap. XXIII — Ausentes: 6 meses sem pagar, são irradiados. Voltando: 500 reis e «Reverias».

Cap. XXIV — por ano, 11 missas rezas e 1 cantada, esta em 1 de Janeiro — a 120 reis, à custa da Confraria, costume antigo.

Cap. XXV — clamores: Quaresma 1.º Igreja, 2.º idem, 3.º Santo Amato, 4.º à S. Martinho (de Galegos), 5.º Manhente, 6.º à S. Veríssimo, 7.º à Santa Marta (onde era?), 8.º à Silva (S. Julião da) em 9 de Janeiro, e 9.º a Santo Amaro (a 15.I).

E mais: 1 capela do Esp. Santo de Gouveia na 1.ª visita da sua festa (onde era?). 1 a Santa Maria de Abade — no 3.º Sábado do mês de Julho e com missa pelos Irmãos; dão-lhe o vinho.

Por devoção: a S. Bento da Várzea em 21 de Março (a 1.ª em 11 de Julho é voluntária).

Cap. XXVI — clamores ainda a: N.ª Sr.ª do Bom Despacho — 1, dia ad libitum — a Famalicão(?) dia da Sr.ª dos Prazeres.

Nas Pascoela — todos os guiões a S. André de Barcelinhos; à Igreja de S. Pedro de Vila Frescaíinha — no 1.º de Agosto. (Estes dois com missa).

Nota: Esclarece-se no Bom Despacho, 1 missa, não é Barcelinhos, mas S. André de Rabalde — Fonte de Baixo, Vila de Barcelos — tudo à custa da Confraria, costume antigo.

Cap. XXXI — último, vemos que aquilo em Galegos era uma máquina bem governada.

Os textos e regras capituladas dão que pensar, mas não vou comentá-las, pelo menos hoje.

O n.º 2 dos ditos Apontamentos:

S. João na Etnologia (usos populares)

A mais completa resenha de escritos sobre isto vem na **Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa** assim dividida: Edifícios religiosos (a minha capela e a de Braga são-não), pág. 107; Esculturas — e isto nos levaria muito longe: que artistas fizeram tantos S. Joões? **Confrarias** (pág. 258) e S. João teve-a em Galegos e ainda a tem: Santos de **junho** (pág. 311) e é o nosso caso; **Poesia Popular** (pág. 428) — e são muitos os versos ao Baptista; **Toponímia** (pág. 528) e S. João deu nome a freguesias e lugares, como em Galegos.

A **capela em Galegos**. Foi descrita no livro **Barcelos-Aquém**, 1948, pelo Dr. Teotónio da Fonseca: pequenina, galilé suspensa em 6 colunas, etc. Já um visitador (do Cabido de Braga) falava dela em 1671. Foi reformada por 1730. Estilo clássico. Rodeava-a um Largo que foi sendo abocanhado. Os ardeadores eram terrenos paroquiais — já perdidos em parte após 1865 e sobretudo 1910, como no-lo demonstram vários manuscritos paroquiais, descritores dos bens na sequência do Tombo que o Abade Bento de Sousa requereu ao Arcebispo e se fez em 1518 — para no Arquivo Distrital de Braga. Tem boa talha que presumo estar ali só depois de 1834, vinda de algum convento.

A Confraria, informa Teotónio, tem sede nessa capela. Mas eu verifiquei pelo Livro de Actas

O n.º 4 — Vida e Obras do Baptista

Neste assunto não me meto, mas lamento que quem vá ao S. João a Braga, ao lado da festa popular, não possa adquirir um folheto sobre a **Vida e obras** do seu Santo.

Eu dividiria a vida do Baptista assim: A) João na boca dos profetas, antes de ele nascer; B) Escola de Baptista; C) Deus aparta João; D) A Mensagem de João; E) Encontro de João e Cristo; F) João Baptista; G) Depois de Baptista; H) João sai da cena — Crisostoma; I) Elogio de João; J) Morte violenta; L) A fama do João (Herodes e séculos seguintes, até nós).

Coisas de longe e de perto

(Continuação da 1.ª página)

O professor foi todavia incriminado, embora absolvido, enquanto ao sr. pai se cominou a pena de sessenta dias de prisão.

Acho bem feito.

Que se os nossos professores não tivessem tanta paciência e não desejassem evitar incómodos, outro galo cantava.

Não peçam trabalho rendoso ao professor que ajudamos a desprestigiar.

Felizes tempos os da prestigiosa D. Rosa.

Coisas de Longe e de Perto

(Continuação da página 1)

Mas não vi ainda qualquer câmara votar um subsídio para ajudar a custear o seminário da sua zona — que também é instrumento cultural — nem a subsidiar os povos para poderem sustentar seu pároco nem a votar um subsídio para que uma Caixa qualquer pudesse pagar uma reforma aos párocos que se invalidassem.

Claro que é só quererem. Claro que é só um problema de organização. Claro que é também um problema social e por aí, atinge a área do político. E tanto foi assim que os governos deram subsídios aos padres que servissem em Angola e outros lados (assim, Afonso Costa deu pensão ao valoroso bispo António Barroso, nosso prezado conterrâneo).

Seja como for, o problema existe. O povo precisa do divino, dos párocos. E não pode sustentá-los capazmente sem outra organização. Não quero o governo a pagar ordenado — que o padre é a-governamental, a-político. A ajuda é ao povo, não ao pastor. É cedo para pôr o problema? Cedo, porque?

Os leitores que digam pois eu, por hoje, já falei que bonde.

Francisco de Almeida

Alguns dos sub-títulos: Crise da Governação, Barbárie de rosto humano, A desacreditada transformação da Esquerda, O lugar da Europa na desordem económica internacional, A América como comboio da História, O Atlântico, A heterogeneidade política da Europa, Relações com a URSS, Decadência competitiva com a URSS, Alterações Sociais na Europa do Sul, Novas democracias em tempos difíceis (Espanha, Portugal, Grécia) e O Comunismo na Europa do Sul.

Anoto-se que chavões desses já por cá se conhecem quase todos. A novidade está em que cada autor põe em confronto notícia daqui, estatística de além e o resultado é que ficam claros os segredos e as intenções ocultas, os receios e até

os caminhos de um Portugal, uma Itália, uma França, etc.

As fontes são do mais recente sem esquecer esta ou aquela obra mais antiga. Algumas obras: **World Bank Atlas** (população, renda per capita), **Necessidades e Recursos da Europa** (inglês), **Conferência int. sobre economia Portuguesa** (Gulbenkian - 1977), **Forças Armadas e Sociedade** - 1975, ing., **Partidos comunistas na Europa Ocidental** - 1975, ing., **Continuidade e mudança eleitoral na Itália** (1976). Acerca da questão «ser comunista

Dispersos

cad. 3

f. 5, 6, 7

Segue → Im debate

47 mm96

Alcino (ofm)

[Faint, illegible handwritten notes in red ink]

SEMANA SANTA

Ku Klux Klan

V. 52 № 498 de 24/4/26 (aprobăseca)

Até há uns anos atrás, nos dias solenes dessa semana, os homens que em Braga punham gravata, escolhiam-na de luto: preta. Bem sabeis porquê. Por aí se vê como se associavam à memória de quanto aquele Jesus

soufreu: como um louco, no dizer do judeu Paulo, o da cidade de Tarso.

A Cartilha e o dia-a-dia

O nosso contrerrâneo Dr. Frei Alcindo Costa escreveu ao director da «Voz Portualense» (jornal da semana que findou a 3-4) a dizer que tem opinião de que os Evangelhos (cartilha) estão mais de acordo com o socialismo que com o capitalismo. Acrescentou, para crerem nele, já se vê, que formado em Escritura. E por ser contrerrâneo — que agora aqui não escrevo e não sei porquê — que falo disto. E digo que tem péssima opinião, ou se formou mal (deformou). Porque os Evangelhos são para todos, ricos (os tais capitalistas) ou pobres. O que Cristo ensinou foi que o essen-

(Cont. na página 4)

A voz e a mente.

1 - dirigida: Sr. Ribeiro novo.

24.4.76 - 2: 5:5

3- 15.5.76 (en) - 4. P. N. TISO

§ - pretensio viz. Jim (moving)
(12.6.76) -

Semana Santa

(Cont. da página 1)

第 24-4-76 号

cial — a todos — é fazer-se a
Vontade de Deus! Mais nada.
Todos nós franciscanos, para
mais, à força, não!

Da Paixão de Cristo

Quer dizer: ser preso sem culpa e sem mandado de captura; à falsa fé; como se fora de «um bando de malfetores» (estilo Otelo), levado aos encontrões à presença de um juiz da lei de Moisés como hereje e blasfemo. Incómodo. Um processo que não foi escrito; testemunhas pagas a bom dinheiro. E o juiz (Anás ou o outro) sabia de todas essas *ilegalidades*, tropelias, *desmandos*. Qual *queria* que vos solte? Estes, não! Solta os que estavam presos, fossem ladrões, terroristas ou assassinos: Barrabás é seus nomes. Que grande amnistia!

Apetece dizer que, se Cristo soubesse ir ter tantos *enjoaques* por esses séculos fora, não se deixava matar por eles: nem

para exemplo sequer.

Textos de Paixão

Há imensos na nossa língua. Primeiro, os Evangelhos. *Do século de 1400*: *Meditações da Paixão*, escrito por uma D. Filipa de Lencastre, neta do rei D. João I; *do século de 1500*: o livro *Imagem da Vida Cristã*, por Frei Heitor Pinto (paixão de uns tantos que imitaram a de Cristo).

Há tempos saiu um livrinho que recolhe poesias sobre os tormentos de Cristo, desde o tempo do nosso João Guilhade, passando por Gil Vicente, Camões, etc. **T 4.24.4.76**

Relixos desta devoção são os Passos em Verissimo, Lama, Vi-lar (restos de autos — teatro), o Senhor da Cruz, em Barcelos— que deve ter gerado o Bom Jesus de Braga (ver D. João da Guarda, cónego, em O Cabido de Braga, pág. 147).

Pelo que fica aí dito, já os leitores poderão obter ideia mais aprofundada sobre essa terrível nanana que agora se recorda.

Francisco de Almeida

η. 800 1

Um Cristo burguês

Resposta: cal. 31

No número 498 deste semanário, apareceram afirmações envolvendo-me a mim próprio. Pelo que depende, da minha parte, estava disposto a aplicar o provérbio. «A palavras loucas, orelhas moucas». Mas tais afirmações envolvem também a pessoa de Cristo e podem manietar a legítima liberdade de muitos cristãos, ainda sujeitos a certo caciquismo que, abusando da religião, querem obrigá-los a alinhar pelos partidos dos patrões. Que cristãos votem em determinado partido porque têm fábricas ou quintas ou grandes paácios a defender, é lá com eles. Estão a assegurar os seus interesses. Mas que cristãos votem no capitalismo, porque isso seria uma exigência da sua fé, essa é que não engulo, nem a seco. Por isso, reafirmo que, em minha opinião, o socialismo está mais próximo do Evangelho do que o capitalismo. Claro, trata-se dum socialismo de rostro humano que os primeiros cristãos procuraram viver, como testemunha o livro dos Actos dos Apóstolos.

Toda a gente sabe que Jesus veio anunciar uma boa-nova aos pobres; que exclamou: «Ai de vós ricos!», que afirmou ser mais fácil um ca-

melo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no seu reino; que os seus mais íntimos eram uns proletários das margens do lago; que foi rejeitado e executado pela burguesia do Seu tempo... Mas a burguesia de hoje trata de impingir um Cristo burguês, que nem seria

POR
ALCINDO COSTA

carne nem peixe, que tanto estaria com o rico como com o pobre, com o explorador, como com o explorado, com o opressor como com o oprimido. É certo que Cristo está com todos, mas é se se converterem, se arrependerem e se emendarem. Cristo está com o explorador que se arrepende, como Zaqueu, mas não está com o que explora. Só essa faltava!...

Por isso, estou persuadido de que é urgente libertar os cristãos de certa «ditadura espiritual» e redescobrir no Evangelho o verdadeiro rosto do Senhor, abatendo a maquiagem burguesa com que o têm desfigurado.

Acindo Costa

V. M. 8.5.76

A Cartilha e Frei Alcindo

A Voz do Minho nº 502, de 15.5.76 - 1R.

«A Voz do Minho» de 8/5/76, n.º 500. Frei Alcindo replicou com seu «Cristo Burguês» à minha «Cartilha».

Descansem os leitores que não estão perante polemistas: nem Camilo nem Sena Freitas. Não se demonstrou erro na minha Cartilha. Porque Frei Alcindo não quis. Quisesse-o... e rachava-me às tiras: devo-lhe essa «Caridadezinha» e quero que o saibam.

A questão é só a de saber se «Os Evangelhos estão mais de acordo com o Socialismo que...».

Respondi eu: — 1.º que o Frei tem péssima opinião inalinando-os para o socialismo; — 2.º que a tem assim por deformado; — 3.º que a Escritura é para todos (ricos ou pobres); — 4.º que o ensino essencial de Cristo foi que se fizesse a vontade de Deus; — 5.º que o Frei quer meter todos — e à força — a fazer voto de pobreza: a frades.

O Dr. Frei não achou piada nenhuma e respondeu nada: FUGIU À QUESTÃO. Ou por medo ou por manha ou porque lá Escritura leu, mas mais, não.

Disse, em resumo e fez:

— a) que na Cartilha lancei ao vento «palavras loucas» (aqui a caridadezinha falhou e o REFLEXO deu insulto);

— b) Armou-se em Cavaleiro (defensor) de Cristo — que ninguém atacou — mas chama-Lhe «Cristo burguês» (o que o de Assis diria blasfémia);

— c) escreve a frase sem sentido (talvez gralha) desde «tais afirmações até... padrões»;

— d) insinua que todos votamos

no partido A, B ou E só para acautelar bens MATERIAIS ou conquista deles;

— e) sem ter demonstrado nada, proclama: «por isso reafirmo... socialismo... mais próximo»;

— f) proclama «socialismo de rosto humano»;

— g) Que os Actos dos Apóstolos testemunham, Socialismo;

— h) que os EXECUTORES de Cristo foram capitalistas lá do sítio;

— i) na Cartilha «impingi» aos leitores um Cristo nem «carne nem peixe».

A crítica que aí foco é séria. CONVIDO Dr. Frei Alcindo a abandonar frases feitas. Mais: demonstre (sabe o que é demonstrar) a sua tese — a de e); prove a afirmação-qualificação de a); explique a frase de c); então o português é todo imbecil e sujeita-se a caciques? — Nem a freires, quanto mais... Não são os freires quem está — contra o Vaticano II — a pretender açaimar a ditadura nos leigos? Quem abusa então da religião?

Uma perguntinha mais: qual dos partidos portugueses garante o tal... «de rosto humano» Ouvi dizer — e até lho provo — que correm aí uns 12 ou mais Socialismos...

Mais outrinha só: os Cristãos, fechados numa casa de pavor aos judeus, podiam viver sem ser em comum? Doutro modo: no ano 101, por exemplo, os cristãos de Roma já não viviam em comum? Ainda? Se não: traíram?

Veja lá como a gente erra! Na minha leitura, eu diria que foi a «massa» quem respondeu a Pilatos

(1.º tribunal PEPELAR): — ma-
ta-o e tal e tal. É erro de vista por-
que o meu amigo leu os nossos Es-
crituristas todos desde o vosso
São António (o coronel).
Aviso o meu amigo que não gosto
de trapalhões (que V. não é,
claro). Por isso ou se reduz ao si-
lêncio (e retira o que disse) ou
aceita o convite e responde com
método seguro, bom filósofo que
é. Quando possa.

Francisco de Almeida

«ENSINAR O PAI-NOSSO AO VIGÁRIO...»

Tr. M. a 29/1/56 2

Não é meu desejo «dar baile». Estou convencido de que, também neste caso, «as palavras são de prata, mas o silêncio é de ouro». Entretanto, não posso calar, porque me puseram perante o dilema: «Quem cala consente». Com efeito, o meu interlocutor, neste semanário de 14-V-76, considera que, se eu me remeter ao silêncio, retiro tudo

POR
ALCINDO COSTA

o que disse. Ora isso é que não pode ser. Tenho palavra de honra e estou convencido daquilo que «reafirmei».

Deseja o meu interlocutor que eu «demonstre» a minha afirmação. Essa é boa!... Em ciências humanas não é possível aplicar teoremas matemáticos. Isso é ainda mais difícil se de ciências divinas se trata... Além disso, eu provei a minha «tese», embora nos limites que um escrito destes consente. Não desejará o meu interlocutor que, num semanário regional, eu publicasse um estudo monográfico sobre o socialismo evangélico. Nem a Redacção deste periódico o consentiria, nem as suas páginas seriam suficientes para tal. Seria bonito transformar «A VOZ DO MINHO», num maçudo calhamaço! A não ser

que alinhe pelo «slogan»: «Sejam moderados, exijamos o impossível!»/ Nestas coisas altamente científicas, os sábios apresentam ao povo as conclusões a que chegaram. Durante noites, queimaram as pestanas, passando horas a fio na pesquisa da verdade, num processo longo e difícil que só será acessível aos iniciados e que, posto por escrito, dormirá no fundo duma biblioteca. Mas se o meu interlocutor está deveras interessado num estudo mais amplo do socialismo evangélico, o que lhe poderei garantir é que costumo escrever sobre exegese na revista «BÍBLICA». Assim, se as forças não me faltarem e a direcção da referida revista estiver de acordo, virei a publicar aí o meu itinerário que desembocou na conclusão de que, a meu ver, o Evangelho está mais perto do socialismo do que do capitalismo.

Há uma coisa, no entanto, que me faz rir. Então o meu interlocutor ficou «chateado» por, segundo o seu ponto de vista, eu não ter «demonstrado» a minha tese. Não reparou que fez a meu respeito, pelo menos, duas afirmações bastante graves e de carácter pes-

(Cont. na página 4)

soal, a saber: que a minha opinião seria «muito péssima» e que seria «deformada»? Que autoridade tem o meu interlocutor para fazer afirmações de tal calibre e qual o critério que utiliza para isso? E o mais sério é que não provou, nem de longe demonstrou, o que disse. Não estará a querer «ensinar o Pai-nosso ao vigário»? Não estará a candeia a querer alumiar o sol? Seria bom que me provasse primeiro que a minha «opinião é muito péssima, por me inclinar para o socialismo» e que é «deformada». Para isso, ter-me-ia de «demonstrar» que o Evangelho — e por conseguinte Cristo — é mais capitalista do que socialista.

Mas tudo isto é bagatela. Não me causa aflicção a minha pessoa. O que verdadeiramente me aflige é que

se pretenda dar ao mundo um «Cristo burguês», coisa que Ele nunca foi, ou se procure obrigar cristãos a votar capitalismo, como se isso fosse uma consequência da sua fé. Por isso, me alegrei quando vi o distrito de Braga fazer uma grande viragem no último 25 de Abril.

Com efeito, não creio que a Igreja ganhe nada em apresentar-se como uma muralha dos capitalistas.

Alcindo Costa

Um Pretensioso Vigário

64-7412-676

Vol. 505-12/6/76

2R

Nas Lendas de Portugal, volume 1.º, de G. Marques, vem a de um Santo de Má Cara que faz lembrar o nosso frei Alcindo: de que é santo ninguém duvida por causa da farda (faz muito); de ter alma triste, também não. Um daqueles, vários, que só dão chuva, nunca sol ou um ar da sua graça.

Colocado perante o que escrevera e respectivo inquérito e contradições, ficou de pior cara que dan-

PELO

Dr. Francisco de Almeida

tes. Rebolou-se, estrebuchou, em
acto de desespero e fuga ao diá-
logo — bem prega frei Tomás,
digo, Alcindo! — mas vem com es-
tas enormidades (se a Academia
francesa, mesmo a portuguesa, o
soubera!):

—que eu pretendo ensiná-lo a
ele, Vigário (pergunto quem viga-
riza);

— Que tem palavra (de honra! — Leia Honra e Vergonha nos países mediterrânicos);

— que só em Matemáticas há de-

monstração (leia mesmo o Código Civil de 1867, sobre provas);

— que bem queria usar «o silêncio de ouro»; só que alguém lhe mandou continuasse o «baile» (da sua desgraça);

— que ele é um dos «sábios» (que apresentam ao povo as conclusões...) (linguagem com que os sovieticos falam dos seus letrados e tal).

Como os velhos fariseus (Magister dixit) pergunta: — «Que autoridade tem o meu interlocutor para...?». Você não é «Iniciado»? Você é «a candeia a querer alumiar o Sol (que ele se julga, pasmem as andorinhas!)».

Filosofia? Não se demonstra, já que Mathesis não é; nem o Direito se demonstra, nem a Filologia, nem os sentidos das Escrituras. Demonstra-se ao menos a História? Que o Francisco de Assis, o S. Boaventura, os 5 Mártires de Marrocos,

~~XXXXXXXXXXXX (Falt na página 4)~~

Um Pretensioso Vigário

(Cont. da página 1)

22

v. 4. 12/6/26

David, não se confundiram? Lá nas Escrituras — e nem sequer no Vaticano II ¹⁹⁶² se fala em Socialismo (porque é doutrina filosófica, económica e social e não revelação da Palavra de Deus, entendeu?).

Respondendo como respondeu, caiu de gatas; mostrou DO QUE NÃO É CAPAZ. O que o povo quer — e precisa — é do ensino divino e não das voças, afamadas, Conclusões tiradas de noite, etc.

Para terminar (mas se quiser continuarmos): por mim, passo bem sem os seus «ensinos» na Bíblia a que nos remeteu.

Francisco de Almeida

(Tri)

Super Owl G

JORNALISMO CERTO

07 Carta de 20. X. 96
A

Acabo de ler os muitos artigos que o Doutor Francisco de Almeida escreveu em diversos jornais. Embora, de facto, eu já tivesse conhecimento de diferentes assuntos tratados por ele, em escritos dados ao público, não sabia de tanta matéria que agora fui encontrar.

É de surpreender como o Autor explana os mais diversos temas da actualidade, com uma argúcia e competência de todo excepcionais! Só os possuidores de uma vastíssima cultura, não muito vulgar em nossos dias, são capazes de semelhante proeza: estar dentro de todos e quaisquer assuntos, examinando e aclarando cada qual da forma mais correcta; e apresentar coisas às vezes muito singelas, outras vezes já de alto coturno, de elevação relevante, somente compreensível para os de sólida formação. Sem dúvida, Francisco de Almeida nasceu para o jornalismo e faz, na verdade, escola de jornalismo, com a sua maneira original de escrever.

Se "o estilo é o homem", como dizia o célebre Buffon, em pleno século das Luzes, encontramos aqui um estilo muito próprio, muito pessoal, diferente de todos quantos se apresentam na praça pública. O que interessa é expor a doutrina, sem rodeios, de forma simples, *currente calamo*, para que nada se perca e todos, se possível, possam entender. Isto é um verdadeiro método de ensinar, com que todos podem aprender e aproveitar, de um sistema por demais complexo, embora à primeira vista não nos pareça.

Admiro ainda, neste jornalismo, a orientação sempre **certa** que todos estes artigos apresentam. Em cada um deles, nunca encontrei nada com que não estivesse plenamente de acordo. Não é que eu seja norma de qualquer coisa mas tão somente quero emitir a minha opinião subjectiva, toda própria. Vejo, então, uma inteligência totalmente sã, uma formação sempre verdadeira, embora muito grande, de quem tem amor ao "povo" e quer transmitir-lhe a sua verdade toda, sem jamais negar as próprias origens, propondo-se destruir nele tudo aquilo que não está correcto e criar o que ainda não foi plantado. Infelizmente, os exemplos não são raros: quantos esquecem depressa o que aprenderam da família, dos educadores, e fazem ou dizem ou escrevem quanto lhes apetece, rodeado de certo sensacionalismo... O jornalismo autêntico não é esse. No verdadeiro jornalismo aparece sempre a verdade; ele é a expressão da verdade.

Bem haja o Doutor Francisco de Almeida pelo muito que escreveu, por tudo quanto escreveu, pelo muito bem que escreveu. Podem os futuros aprender por ele a História da sua Terra, "do seu Galegos", desde os tempos antigos até hoje - e o mais que lhes é imprescindível para a vida.

A. Costa

ht 5



biblioteca
municipal
barcelos



27658

Artigos de jornais regionais